Abrir portas onde se erguem muros
Director: David Pontes **Quarta-feira, 31 de Julho de 2024** • Ano XXXV • n.º 12.508 • Diário • Ed. Lisboa • Assinaturas 808 200 095 • **1,50€**

Europa
O trabalho, as prioridades e as comissões dos 21 eurodeputados
Política, 8/9

Centenário no próximo ano
Levy Baptista: "O Carlos Paredes é o Carlos Paredes, não há outro igual"
Cultura, 24

Falta de meios e de peças
Um ano depois, Metro de Lisboa tem mais 19 elevadores e escadas rolantes parados
Local, 13

NELSON GARRIDO

Dez anos da queda do BES
Entre os lesados, há quem não tenha recuperado nada do que investiu
Destaque, 2/3

José Cunha Alves, em Paredes de Coura, guarda uma dor pela perda mas considera-se um homem feliz

Cibercrimes no sector da saúde duplicaram no ano passado

A saúde está entre os sectores que em 2023 registaram maiores subidas de cibercrimes. Foram 107 Sociedade, 10

Venezuela
Parceiros de Nicolás Maduro cautelosos com resultados
Apesar das ligações, Brasil, Colômbia e México apresentam reticências em reconhecer os resultados das eleições na Venezuela Mundo, 14/15

Actividade económica
Sem ajuda das exportações, Portugal deixou fugir a Espanha
Portugal abrandou entre Abril e Junho e não manteve o ritmo do país vizinho. O motivo está nas exportações Economia, 17 e Editorial

ISNN-0872-1548

MANUEL GOMES

Lesados: há histórias de quem não recuperou nada

Nos 10 anos da queda do BES, o PÚBLICO conta a história dos lesados: há quem tenha ido a Fátima a pé agradecer ter recuperado parte do que investiu e quem aguarde esse milagre

Entre os milhares de lesados do Banco Espírito Santo (BES), a maioria conseguiu recuperar uma parte do que investiu nos produtos financeiros comprados aos balcões da instituição, muitas vezes pensando que estava a subscrever um simples depósito a prazo. Mas a diversidade de produtos vendidos e de soluções encontradas, num caso pelo Governo de António Costa, noutros pelo Novo Banco, faz com que haja uma grande disparidade de situações. Para uma grande parte dos lesados, eram as poupanças de uma vida. Por isso, é normal que, dez anos após a queda, todos ainda tenham muito fresco na memória o que passaram e ainda passam. O PÚBLICO foi ouvir a história de alguns lesados e perceber como vivem 10 anos após a queda do BES lhes ter batido à porta.

José Cunha Alves

Perder as poupanças de uma vida quase lhe valeu a vida

São os olhos verdes, resguardados por uns óculos de aros escuros, que revelam o espelho da alma de José Cunha Alves. Amiúde enchem-se, sem nunca chegarem a transbordar. Traição. Revolta. Abandono. São palavras que vão saindo da boca deste emigrante de 68 anos, enquanto nos fala dos 339.500 euros que perdeu com a queda do BES. "Sinto-me roubado e abandonado pelo meu país", diz o lesado.

Queixa-se dos políticos e desilude-se com algumas atitudes: "Nunca ouvi uma palavra sobre os lesados do BES ao Presidente Marcelo. Anda a dar beijos a todos os cães e gatos, mas nunca quis saber dos lesados."

Fala sentado na sala da casa que acabou de recuperar, em Ferreira, Paredes de Coura, a freguesia onde nasceu. Antes, deambulara com orgulho pelo património que adquirira, recuperara e modernizara ao longo de uma vida de trabalho e sacrifício. Mostra as duas casas da Quinta da Cachadinha, o enorme celeiro, o tractor, as 16 ovelhas, o espigueiro que recuperou, uma pequena floresta e os campos verdejantes com o milho já crescido. Vários hectares vedados pelo próprio punho e rematados por 16 portões e portas.

Não fosse a tragédia do BES, tudo teria ficado pronto muito mais cedo. "Nas obras acabei por gastar o triplo do que teria gasto se as tivesse feito naquela altura. Com a guerra da Ucrânia, os preços dispararam", lamenta. Mas o que lhe custa mais em ter perdido as poupanças de uma vida foi não ter podido ajudar mais os dois filhos no seu início de vida.

Mas recuemos. Aos 13 anos, José saiu de casa para trabalhar. Deixou a família em Paredes de Coura e rumou a Lisboa em busca de uma vida melhor. Os pais, lavradores com seis filhos, viviam sem fartura. Com a avó e uma tia em casa, à mesa chegavam a ser dez pessoas. "Às vezes, o almoço era um pedaço de pão e água", recorda. Ainda regressou a Paredes de Coura, mas aos 16 partiu de vez, desta feita para França, onde estava o pai e um irmão. Trabalhou sempre na construção civil. A mulher era empregada doméstica e chegaram a viver alguns anos em casa de patrões dela. Foi com "suor e lágrimas" que fez o seu pé-de-meia.

Casou-se e teve os filhos. Emociona-se ao contar que teve de os deixar nos primeiros anos de vida em Portugal, com os avós. "Precisávamos de ter mais liberdade para trabalhar", justifica, enquanto os olhos se encharcam. "Foi muito duro."

Quando em Setembro de 2013 decidiu concentrar as suas poupanças no BES, onde era cliente há anos, tinha a vida estabilizada e o sonho de uma reforma tranquila. Prometeram-lhe 5,5% e até convenceu o filho e um cunhado a investir no que acreditava serem depósitos a prazo, sem qualquer risco. Começou a ouvir uns zunzuns antes do colapso, mas as palavras do então Presidente da República, Aníbal Cavaco Silva, sossegaram-no.

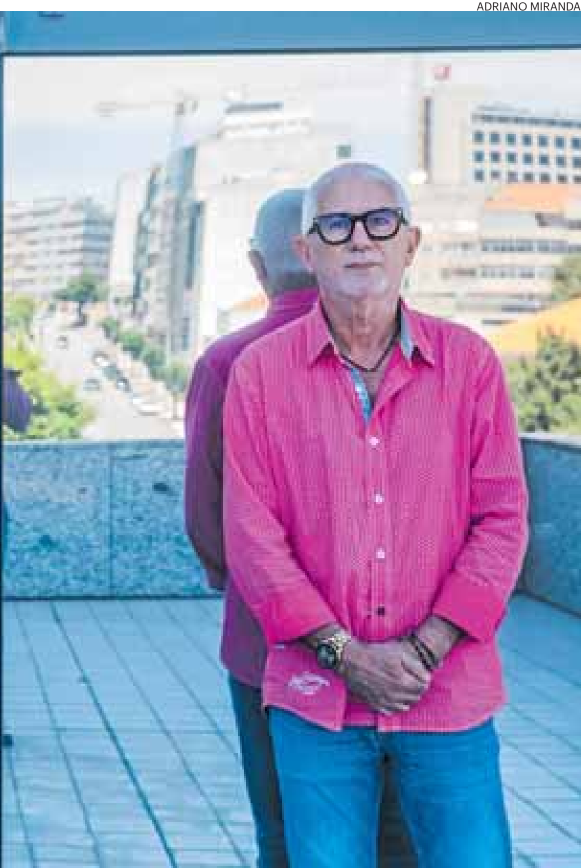
Foi surpreendido pela resolução do BES e, quando tentou saber do seu dinheiro, a conta estava bloqueada. "Fiquei completamente desorientado", conta. Culpava-se e a mulher culpava-o. Deixou de dormir. Passou noites e noites em branco. A perda não lhe saía da mente. "Tinha aquela ideia na cabeça, constantemente. Noite e dia", explica.

Considerava-se mentalmente forte, mas cedeu. Entrou em depressão. "Houve uma altura em que achei que não havia saída", recorda. Chegou a atentar contra a própria vida. "Passei muitos maus bocados", assume, com os olhos vidrados e a voz embargada. Valeram-lhe os filhos, sempre a insistir que o dinheiro era só dinheiro.

No início, tinha esperança de recuperar as poupanças, como acabou por acontecer com o filho e o cunhado, que só perderam um quarto do que aplicaram. Mas o destino fez com que o produto que adquiriu sem

NELSON GARRIDO

ADRIANO MIRANDA



Da esquerda para a direita:

Ricardo Ângelo, presidente da AIEPC, em 2016, quando as autoridades fecharam uma solução para quem investiu no papel comercial do BES

José Alves Cunha, Jorge Novo e Rui Alves, todos lesados do BES

saber, as acções preferenciais EuroAforro 10, fosse um dos poucos que não tiveram qualquer reembolso.

Ou melhor, explica, Luís Marques, presidente da Associação Movimento Emigrantes Lesados Portugueses, quatro anos após a resolução do BES, e numa altura em que todos repetiam que aquelas acções não valiam nada, o Novo Banco pagou-lhes 11% a título de dividendos. Foi a única coisa que José recebeu ao longo da última década.

Das 11.741 contas de emigrantes europeus lesados no BES, José inclui-se nas 239 famílias que não receberam quase nada e ainda procuram uma solução junto do Governo português. A essas juntam-se outros, como um grupo de 600 a 700 emigrantes na Venezuela e na África do Sul, que não obtiveram qualquer reembolso.

José ainda tem uma "réstia de esperança", mas "só uma réstia", sublinha. E apesar da dor que ainda guarda, levantou-se e considera-se um homem feliz. **Mariana Oliveira**

Jorge Novo
"Como é lógico, pretendo recuperar 100% do papel comercial, e ponto final"

Cerca de duas dezenas de lesados do papel comercial da ESI e Rio Forte, vendido pelo BES, não aceitaram a solução proposta pelo grupo de trabalho liderado por Diogo Lacerda Machado, em representação do Governo, liderado então por António Costa. Na sequência dessa recusa, alguns desses lesados continuam a manifestar-se em eventos públicos que contem com a presença de responsáveis políticos, reivindicando o pagamento da totalidade das suas aplicações, "presas" há 10 anos, ou seja, desde a queda do banco e de todo o Grupo Espírito Santo (GES).

No âmbito dessa solução, mais de 400 clientes recebem 75% por cada subscrição até 500 mil euros, com o tecto máximo de 250 mil euros, ou 50% no caso de subscrições acima de 500 mil euros. Foram recuperados 280 milhões de euros, de um total de cerca de 450 milhões de euros aplicados, repartidos por um elevado numero de subscrições (um cliente poderia ter várias aplicações).

Jorge Novo é um dos lesados que não aceitaram o pagamento parcial, considerando-se "duplamente prejudicado, porque a solução encontrada é injusta, parcial e discriminatória". Defende que "quem tinha mais dinheiro não deveria perder mais do que quem tinha menos". E ainda porque, assegura, "nenhum dos lesados foi consultado antes da assinatura do memorando pelo presidente da Associação dos Indignados e Enganados do Papel Comercial (AIEPC), Ricardo Ângelo", acrescentando que "essa decisão teria de ser feita em assembleia geral extraordinária, o que não aconteceu".

"Como é lógico, pretendo recuperar 100% do papel comercial, e ponto final", assegura, em declarações ao PÚBLICO, lembrando que "a subscrição foi feita por sugestão do BES, como uma aplicação a prazo do próprio banco".

"Foi dinheiro que ganhei correndo risco de vida", diz, explicando que, durante boa parte da sua vida, foi piloto de um avião, sua propriedade, que utilizava na prestação de serviços relacionados com actividades agrícolas, nomeadamente no Alentejo, em sementeiras de arroz, tratamentos de searas ou de plantações de tomate, mas também no combate a incêndios, e, mais tarde, em publicidade aérea nas praias. É por isso que diz "não perdoar" a quem lhe propôs receber "apenas 50% do capital investido", dado tratar-se de uma aplicação superior a 500 mil euros. E não só não assinou o documento que lhe permitia a integração no fundo de recuperação de créditos, como o "rasgou", por sentir que lhe estavam a impor uma solução e porque outros, com várias subscrições, conseguiam receber mais do que quem tinha aplicado o mesmo montante, ou até mais, mas numa só subscrição.

Além dos lesados que não assinaram a adesão ao fundo de recuperação de créditos, criado para o efeito, há cerca de 120 que aderiram, recebendo as três tranches previstas no acordo (pagas em 2018, 2019 e 2020), mas que continuam a reclamar o pagamento de 75% do montante investido, "sem discriminação, como prevê a Constituição da República", alega Rui Alves. Estes ex-clientes do BES, em que se inclui Rui Alves, integram a Associação dos Lesados do Papel Comercial (ALPC), criada em 2017.

Rui Alves, que falou ao PÚBLICO a título particular, e não em nome da ALPC, explica que a alteração beneficiaria todos os lesados, incluindo os que tinham aplicações acima de 350 e 500 mil euros, uma vez que o critério de 75%, com o tecto máximo de 250 mil euros, não cobriu toda a aplicação. Seriam necessários mais 45 milhões de euros para o universo total dos lesados.

Os mais de 90% dos lesados que aceitaram a solução, em que se incluem 140 empresas, receberam cerca de 250 milhões de euros, de um total de 450 milhões aplicados. **Rosa Soares**

Ricardo Ângelo
"Para quem perdeu tudo, mesmo tudo, recuperar 75% ou 50% foi muito importante"

Ricardo Ângelo tinha 34 anos quando se apercebeu de que duas aplicações financeiras feitas no BES "tinham desaparecido". "Ou melhor, apareciam nos extractos das contas, mas não conseguíamos aceder a elas." Foi um dos fundadores da AIEPC, a que acabou por presidir, e a participar, nessa qualidade, no grupo de trabalho constituído pelo Governo, Banco de Portugal e Comissão do Mercado de Valores Mobiliários para recuperação de parte das aplicações em papel comercial, vendido como sendo do BES, mas que, afinal, eram da ESI e da Rio Forte, empresas do Grupo Espírito Santo (dono do banco) que se encontra em liquidação.

Prometeu, "talvez no calor da juventude", diz, ir ao Santuário de Fátima a pé, se conseguisse recuperar parte das poupanças. E cumpriu: "Fui a Fátima a pé agradecer a Nossa Senhora a solução para os lesados do papel comercial", garantiu, admitindo que o percurso, a partir de Viseu, representou "um esforço físico considerável", apesar de realizado em duas fases, a primeira interrompida por razões pessoais.

"O acordo alcançado foi razoável", refere Ricardo Ângelo, lembrando que a visita a Fátima representou "o desligar a chave de um processo muito longo, muito difícil". Garante que continua com "a sensação de dever cumprido".

A recuperação do restante é incerta, "depende da justiça [recuperação de créditos e processos contra vários responsáveis na esfera do grupo GES], que se mostra muito lenta". "Se calhar, daqui a 10 anos, este processo ainda não acabou, ainda voltamos a falar sobre isto", diz este dentista de Viseu.

A solução, aceite por mais 90% dos lesados, foi possível por se ter provado que houve *misselling* (informação enganosa) na colocação do produto. Contudo, um pequeno grupo não a aceitou. "Há pessoas que pensam que, por estarmos à frente de uma associação, temos a capacidade de resgatar todo o dinheiro delas", responde o presidente da AIEPC. Admite que, ao longo de todo o processo, os membros da AIEPC, incluindo ele próprio, passaram "por situações dificílimas, recebendo, inclusive, vários tipos de ameaças", mas, em contrapartida, também receberam muito apoio de lesados que realmente precisavam de dinheiro, pessoas "desesperadíssimas". E que sentiu que "ajudou muita gente": "Para quem perdeu tudo, quando digo tudo é mesmo tudo, recuperar 75% ou 50% foi muito importante", refere. **Rosa Soares**

Espaço público

Turismo: euforia já foi, o antagonismo aproxima-se

Editorial

David Pontes

Num país com escassos recursos, o turismo tem sido uma bênção, e é preciso equilíbrio para que não se torne uma maldição

Em 1975, o economista George Doxey criou uma escala que ajuda a perceber a forma como os habitantes locais vão alterando a sua avaliação em relação ao turismo numa estreita relação com o número de visitantes que vão recebendo. Num primeiro momento, a sensação é de "euforia", mas conforme o volume de turistas vai aumentando segue-se o estado de "apatia", o de "irritação", até chegar ao topo, o de "antagonismo". Uma tradução escalada do popular "o que é de mais é moléstia".

Barcelona, Canárias, Amesterdão e Santorini são bons exemplos de locais onde o estado de antagonismo já foi atingido. As recentes manifestações, um pouco por toda a Espanha, vão mostrando (56 mil pessoas nas Canárias!) como um país pode chegar à "moléstia", mesmo devendo ao turismo uma boa fatia do seu desenvolvimento económico, uma actividade que ainda representa cerca de 13% do seu PIB.

Portugal, segundo o Índice de Irritação de Doxey, ainda deve estar algures entre a apatia e a irritação e há algumas razões para isso, apesar das enchentes que a muitos já parecem excessivas. O turismo foi um enorme motor de renovação dos centros urbanos degradados, nomeadamente do Porto e de Lisboa, foi uma fonte de negócio para pequenos investidores e um forte criador de novos empregos.

Mas se no outro lado da balança colocarmos a pressão no mercado da habitação, provocada pelo multiplicar de hotéis e de alojamentos locais, se olharmos para os centros das grandes cidades, transformados em locais inóspitos para os seus habitantes, pelos preços e pela confusão, e se constatarmos que muitos dos empregos, mal pagos, só atraem uma maioria esmagadora de imigrantes, não será muito difícil concluir que o estado de antagonismo poderá não estar tão distante assim.

Como chamava à atenção nestas páginas Ricardo Paes Mamede, é preciso olhar "para implicações estruturais para o desenvolvimento das economias a prazo" e procurar um equilíbrio que será sempre muito mais fácil de encontrar antes de atingirmos o último escalão do índice de Doxey.

Num país com escassos recursos, o turismo tem sido uma bênção, e é da responsabilidade tanto dos autarcas como dos responsáveis governamentais que ele não se torne uma maldição. O sector ainda tem margem para crescer em Portugal, mas precisa de o fazer de forma inteligente e, infelizmente, escasseiam os sinais de que esteja a aprender com os erros dos outros.

CARTAS AO DIRECTOR

Ciclovias e mobilidade

Lisboa é uma cidade envelhecida, mais de 30% dos seus moradores têm mais de 65 anos. Entendo que é importante investir em mobilidade sustentável e em transportes públicos, evitando a entrada e circulação na cidade de 400.000 veículos. No entanto, deverá haver escolhas criteriosas sobre os locais onde instalar ciclovias, muitas das quais onde quase ninguém circula (por exemplo, na Av. Defensores de Chaves), e sensibilizar, e sobretudo fiscalizar, quem as utiliza, porque colocam muitas vezes em perigo a circulação dos peões e causam problemas graves à circulação rodoviária, dado que muitos não cumprem as mais elementares regras de trânsito. Devolveu-se o espaço público aos cidadãos e não podemos deixar que quem circula de bicicleta e em trotinetes coloque em causa essa opção.

Luís Filipe Paisana, Lisboa

A "irritância" de Marcelo

Sabemos bem que tal palavra não existe na língua que nos une, mas, tendo em conta alguns episódios do passado, não achei termo mais apropriado para comentar as declarações do senhor Presidente da República, que ontem veio louvaminhar a decisão do actual Governo de isentar de pagamento o receituário médico dos ex-combatentes, bastando para o efeito apresentar o competente cartão que antes a pouco diligente ex-secretária de Estado Sarmento e Castro lhes havia enviado para o domicílio.

Dirão os mais descuidados encastelados no velho sentimento popular que mais vale tarde do que nunca, mas aqueles a quem ainda a memória apoquenta e resta uma ponta de dignidade não deixarão de continuar a sentir-se subestimados e injustiçados. Sendo certo que a vida não tem preço, as mazelas, aleijões e os projectos amputados para sempre deviam merecer reparo pelo país e por quantos o representam.

Como ficaria bem ao mais alto magistrado, que tão prolixo costuma ser e tanto zela pela sua imagem junto do bom povo, deixar ficar umas palavras de circunstância verberando o imperdoável esquecimento dos homens da República e um sopro de justiça como forma de gratidão.

José Manuel Pavão, Porto

Quem sai aos seus

Diz o provérbio que "ninguém degenera se sair aos seus". E foi o que terá acontecido com o filho de Marcelo Rebelo de Sousa, de seu nome Nuno, o qual não teve pejo, no caso das gémeas, de "deitar o barro à parede", metendo uma "cunha" de mais de quatro milhões de euros ao seu papá, a desfavor do "bendito" SNS. Portanto, cessem as comissões parlamentares de inquérito, ou outras demandas, pois está tudo mais do que esclarecido.

José Amaral, Vila Nova de Gaia

A hipocrisia e o cinismo do PCP

Em todo o mundo ocidental o comunismo está moribundo, só mantendo pujança nos países onde a feroz ditadura, o pensamento único e os "queridos líderes protegem os seus povos". Como se sabe, o PCP nunca condenou a invasão da Ucrânia – país soberano e independente – pela Federação Russa. O partido das "amplas liberdades" cunhalistas, que está sempre lutando pelos povos oprimidos e subjugados, provavelmente achará que o povo ucraniano "merece castigo" por não querer estar sob a pata da Federação Russa. Relativamente às eleições que decorreram na Venezuela, Paulo Raimundo, secretário-geral do PCP, afirmou que "a opção do povo venezuelano deve ser respeitada" e acha que as eleições naquele país decorreram com toda a normalidade, "repudiando" quem duvide do esclarecido voto do povo venezuelano. Não tardará muito que Nicolás Maduro receba "o grande líder" Paulo Raimundo, expressando-lhe gratidão pelo seu apoio, pela sua sintonia política e por Raimundo acreditar na transparência e licitude do acto eleitoral na Venezuela. *Les beaux esprits se rencontrent...*

António Cândido Miguéis, Vila Real

Dois pesos e duas medidas

Iniciaram-se os Jogos Olímpicos (JO) com uma descarada dualidade de critérios. A Rússia, invasora dum país soberano (valendo a pena perceber-se como tudo isto começou...), e a Bielorrússia, seu provocatório satélite e aliado, foram excluídas dos JO por não respeitarem as tréguas. Já Israel, com o seu chefe do governo a ser condenado pelo Tribunal Penal Internacional e pelo Tribunal Internacional de Justiça (ONU), tem a sua delegação desportiva a participar nos Jogos! Estamos em presença duma situação inqualificável. Haver dois pesos e duas medidas gera grosseira infâmia.

Vítor C. Santos, S.J. das Lampas

As cartas destinadas a esta secção têm de ser enviadas em exclusivo para o PÚBLICO e não devem exceder as 150 palavras (1000 caracteres). Devem indicar o nome, morada e contacto telefónico do autor. Por razões de espaço e clareza, o PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e editar os textos e não prestará informação postal sobre eles **cartasdirector@publico.pt**

A opinião publicada no jornal respeita a norma ortográfica escolhida pelos autores

ESCRITO NA PEDRA

Quando a ordem é injusta, a desordem é já um princípio de justiça Romain Rolland, novelista e musicólogo

O NÚMERO

15

Seis ambientalistas condenados a pena suspensa de 15 meses de prisão, 135 dias de trabalho comunitário e a multa pelo bloqueio de jacto privado no aeródromo de Cascais em 2023

Faltam comentadores

Ainda ontem

Miguel Esteves Cardoso

Às vezes custa-nos ver o tempo que atravessamos. É um tempo em que nos podemos queixar de que nada é como dantes, e que dantes é que era bom. Mas hoje podemos queixar-nos por escrito, num comentário instantâneo, que fica aqui publicado ao lado desta crónica.

Há muito pouco tempo, caso quiséssemos concordar ou discordar de um artigo num jornal, tínhamos de escrever uma carta, e esperar que chegasse, e que fosse lida e, caso fosse lida, que fosse escolhida e publicada.

Já na coluna dos comentários, as opiniões despertam outras e estabelecem-se vários diálogos que só por si são bons de ler: são interessantes, e dão prazer, porque são verdadeiros.

Sempre houve opinadores profissionais, mas nunca estiveram tão expostos. Fala-se na exposição desagradável – no bota-abaixo e no ódio –, mas o que é maravilhoso é a exposição didáctica e dialéctica. Não é só *feedback*: aprende-se de verdade, é-se obrigado a pensar melhor em tudo, e a ter mais cuidado com o que se diz.

Um dos fenómenos mais interessantes das melhores comunidades *online*, como a MetaFilter, é o autopoliciamento. Não é apenas o papel dos moderadores: é, sobretudo, o escrutínio dos próprios moderadores. Não é censura, embora tenha sempre um elemento de censura. É uma definição permanente de valores, em que as condições do diálogo são protegidas dos excessos que a inibem.

Não se faça a coisa por menos: está-se a construir um modelo democrático. Está-se a construir um modelo democrático em que o indivíduo consegue chegar a outros indivíduos sem ter de pertencer às correias de transmissão do costume.

Claro que se abusa desta liberdade: se é liberdade, por definição pode ser alvo de abuso. Mas é a reacção a esses abusos que importa. O que importa são as constantes tentativas de os dificultar. Acima de tudo, importa encorajar as almas mais tímidas a participar, a fazerem-se representar individualmente. Fazem falta!

É com esse objectivo que vou de férias.

P.S.: Volto no dia 1 de Setembro.

ZOOM PARIS

KAI PFAFFENBACH/REUTERS

A norte-americana Hannah Roberts em acção durante a primeira corrida de BMX Freestyle dos Jogos Olímpicos de Paris

P

publico.pt

Lisboa (sede: editor e redacção)
Edifício Diogo Cão,
Doca de Alcântara Norte
1350-352 Lisboa
Tel. 210 111 000

Porto
Rua Júlio Dinis,
n.º 270 Bloco A 3.º
4050-318 Porto
Tel. 226 151 000

DIRECTOR
David Pontes
Directores adjuntos
Andreia Sanches, Marta Moitinho Oliveira, Sónia Sapage, Tiago Luz Pedro
Directora de arte
Sónia Matos
Directora de design de produto digital
Inês Oliveira
Editoras executivas
Helena Pereira, Patrícia Jesus
Editor de fecho
José J. Mateus

Editor de Opinião Álvaro Vieira **Editor P2** Sérgio B. Gomes **Online** Ana Maria Henriques, Mariana Adam, Pedro Esteves, Pedro Guerreiro, Pedro Sales Dias (editores), Amílcar Correia (redactor principal), Carolina Amado, João Pedro Pincha, José Volta e Pinto, Marta Leite Ferreira, Miguel Dantas, Sofia Neves (última hora); Rui Barros (jornalista de dados); Ruben Martins, Inês Rocha (áudio); Joana Bougard (editora multimédia), Carlos Alberto Lopes, Joana Gonçalves, Mariana Godet, Teresa Miranda (multimédia); Amanda Ribeiro (editora de redes sociais), Ana Zayara, Michelle Coelho, Patrícia Campos (redes sociais) **Política** David Santiago (editor), Susete Francisco (subeditora), Ana Sá Lopes, São José Almeida (redactoras principais), Ana Bacelar Begonha, Liliana Borges, Margarida Gomes, Maria Lopes, Nuno Ribeiro **Mundo** Ivo Neto, Paulo Narigão Reis (editores), Bárbara Reis, Jorge Almeida Fernandes, Teresa de Sousa (redactores principais), Rita Siza (correspondente em Bruxelas), Alexandre Martins, António Rodrigues, António Saraiva Lima, João Ruela Ribeiro, Leonete Botelho (grande repórter), Maria João Guimarães, Sofia Lorena **Sociedade** Natália Faria, Gina Pereira (editoras), Clara Viana (grande repórter), Alexandra Campos, Ana Cristina Pereira, Ana Dias Cordeiro, Ana Henriques, Ana Maia, Cristiana Faria Moreira, Daniela Carmo, Joana Gorjão Henriques, Mariana Oliveira, Patrícia Carvalho, Samuel Silva, Sónia Trigueirão **Local** Ana Fernandes (editora), Luciano Alvarez (grande repórter), André Borges Vieira, Camilo Soldado, Mariana Correia Pinto, Samuel Alemão, Teresa Serafim **Economia** Pedro Ferreira Esteves, Isabel Aveiro (editores), Manuel Carvalho (redactor principal), Cristina Ferreira, Sérgio Aníbal (grandes repórteres), Ana Brito, Luís Villalobos, Pedro Crisóstomo, Rafaela Burd Relvas, Raquel Martins, Rosa Soares, Victor Ferreira **Ciência** Teresa Firmino (editora), Filipa Almeida Mendes, Tiago Ramalho **Azul** Andrea Cunha Freitas (editora), Claudia Carvalho Silva (subeditora), Aline Flor, Andréia Azevedo Soares, Clara Barata, Nicolau Ferreira, Tiago Bernardo Lopes (multimédia), Gabriela Gómez (infografia), Rodrigo Julião (webdesign) **Cultura/Ípsilon** Paula Barreiros, Inês Nadais (editoras), Pedro Rios (editor Ípsilon), Isabel Coutinho (subeditora), Nuno Pacheco, Vasco Câmara (redactores principais), Isabel Salema, Sérgio C. Andrade (grandes repórteres), Daniel Dias, Joana Amaral Cardoso, Lucinda Canelas, Luís Miguel Queirós, Mariana Duarte, Mário Lopes **Desporto** Jorge Miguel Matias, Nuno Sousa (editores), Augusto Bernardino, David Andrade, Diogo Cardoso Oliveira, Marco Vaza, Paulo Curado **Fugas** Sandra Silva Costa, Luís J. Santos (editores), Alexandra Prado Coelho (grande repórter), Luís Octávio Costa, Mara Gonçalves **Guia do Lazer** Sílvia Pereira (coordenadora), Cláudia Alpendre, Sílvia Gap de Sousa **Ímpar** Bárbara Wong (editora), Carla B. Ribeiro, Inês Duarte de Freitas **P3** Inês Chaíça, Renata Monteiro (subeditoras), Mariana Durães **Terroir** Ana Isabel Pereira **Newsletters e Projectos digitais** João Pedro Pereira **Projectos editoriais** João Mestre **Fotografia** Miguel Manso, Manuel Roberto (editores), Adriano Miranda, Daniel Rocha, Nelson Garrido, Nuno Ferreira Santos, Paulo Pimenta, Rui Gaudêncio, Alexandra Domingos (digitalização), Isabel Amorim Ferreira (documentalista) **Paginação** José Souto (editor de fecho), Marco Ferreira (subeditor), Ana Carvalho, Cláudio Silva, Joana Lima, José Soares, Nuno Costa, Sandra Silva; Paulo Lopes, Valter Oliveira (produção) **Copy-desks** Aurélio Moreira, Florbela Barreto, Joana Quaresma Gonçalves, João Miranda, Manuela Barreto, Rita Pimenta **Design Digital** Alex Santos, Ana Xavier, Nuno Moura **Infografia** Célia Rodrigues (coordenadora), Cátia Mendonça, Francisco Lopes, Gabriela Pedro, José Alves **Comunicação Editorial** Inês Bernardo (coordenadora), João Mota, Ruben Matos **Secretariado** Isabel Anselmo, Lucinda Vasconcelos **Documentação** Leonor Sousa

Publicado por PÚBLICO, Comunicação Social, SA.
Presidente Ângelo Paupério
Vogais Cláudia Azevedo, Ana Cristina Soares e João Günther Amaral

Área Financeira e Circulação Nuno Garcia **RH** Maria José Palmeirim **Direcção Comercial** João Pereira **Direcção de Assinaturas e Apoio ao Cliente** Leonor Soczka **Análise de Dados** Bruno Valinhas **Marketing de Produto** Alexandrina Carvalho **Área de Novos Negócios** Mário Jorge Maia

NIF 502265094 | Depósito legal n.º 45458/91 | Registo ERC n.º 114410
Proprietário PÚBLICO, Comunicação Social, SA | Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia | Capital Social €8.550.000,00 | Detentor de 100% de capital: Sonaecom, SGPS, S.A. | **Publicidade** comunique.publico.pt/publicidade | comunique@publico.pt | Tel. 210 111 353 / 210 111 338 / 226 151 067 | **Impressão** Unipress, Tv. de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, 50, 2715-029 Pêro Pinheiro | **Distribuição** VASP – Distrib. de Publicações, Quinta do Grajal – Venda Seca, 2739-511, Agualva-Cacém | geral@vasp.pt

Membro da APCT Tiragem média total de Junho **18.738 exemplares**

O PÚBLICO e o seu jornalismo estão sujeitos a um regime de auto-regulação expresso no seu Estatuto Editorial **publico.pt/nos/estatuto-editorial**
Reclamações, correcções e sugestões editoriais podem ser enviadas para **leitores@publico.pt**

ASSINATURAS Linha azul **808 200 095** (dias úteis das 9h às 18h)
publico.pt/assinaturas • assinaturas@publico.pt

Espaço público

Em Setembro, o mau tempo voltará à escola pública

Carlos Ceia

Seja justo reconhecer que a postura dialogante, genuinamente sincera na resolução prática dos problemas do novo ministro da Educação, deve constituir um sinal de esperança para quem trabalha na área. Se deu sinais de esperança nas mais recentes intervenções públicas, não posso deixar de colocar alguma água fria no entusiasmo de quem prevê que em Setembro a escola pública terá todos os seus problemas resolvidos.

Compreendo que tentar resolver o problema da recuperação do tempo de serviço dos professores tivesse sido a primeira prioridade. Já tenho mais dificuldade em compreender que as soluções apresentadas para resolver o problema grave da falta de professores ficassem reduzidas a crenças algo inocentes, como acreditar que teremos professores aposentados e investigadores doutorados em número suficiente para reduzir significativamente tal falta. Não vai acontecer.

Os aposentados mais recentes, os que ainda podiam ter vontade de ficar mais tempo a leccionar, saíram quase todos antes do limite da aposentação, precisamente por estarem esgotados mental e fisicamente, tendo atingido um nível de exaustão profissional que nenhum dinheiro do mundo os fará ficar mais tempo no ensino público. Os investigadores doutorados, salvo muito poucas excepções, não estão interessados nem motivados a mudar de carreira. Por um lado, aguardam os resultados do FCT Tenure e do programa Aliança Ciência que permitirá a contratação de 1000 doutorados para além da quota dos que vão entrar via FCT Tenure. Assim, os investigadores doutorados têm em vista, a curto prazo, duas oportunidades de carreira que irão dar-lhes a estabilidade que há muito procuram. Mas, admitindo que alguns podem querer ser professores dos ensinos básico e/ou secundário, o caminho para obterem a habilitação profissional é tudo menos fácil.

Quem trabalha na formação de professores no Ensino Superior saberá como vivemos um tempo de enorme incerteza e também de grande frustração. Incerteza, porque continuamos sem saber como aplicar as três leis que agora regulam os mestrados em ensino, face às notícias do actual Governo sobre o seu desejo de mudança dessas leis, o que não só não aconteceu como ninguém sabe como e quando vai acontecer, o que paralisa todo o processo de mudança curricular que autorizará não só a admissão excepcional de investigadores doutorados como, diz agora o Governo, substituirá o sistema de estágio remunerado por um sistema de bolsas de mestrado. Ninguém sabe, até hoje, o calendário de tais mudanças. A A3ES aguarda pelas novas mudanças legislativas e não permite novas acreditações; as instituições formadoras são obrigadas a manter os actuais planos de estudos (sem bolsas nem estágios remunerados); os mestrandos que procuram obter a sua habilitação profissional não sabem com que podem contar no futuro imediato.

Portanto, estamos exactamente no mesmo sítio onde estivemos nos últimos anos: a formar os mesmos professores em números angustiantes. Dou o exemplo mais recente apenas da minha faculdade: 320 candidatos na 1.ª fase do concurso de 2024 para mestrados em ensino, para 150 vagas, ou seja, somos obrigados a deixar de fora 170 candidatos a professor quando o país necessita de todos eles.

Falta no discurso positivo e sereno do ministro da Educação uma posição enérgica para resolver este problema e aceitar com o seu Governo, realisticamente, que é necessário fazer um grande investimento na formação de professores para os próximos anos. A tempestade de Setembro nas escolas públicas é mais do que previsível. E repetir-se-á em todos os Setembros posteriores. Teremos cada vez mais aposentações precoces e desistências (não é pela excepcionalidade do projecto educativo de uma escola que um professor escolhe ficar num sítio e não em outro, como acredita o MECI; a equação é, sempre foi, muito simples: eu, professor, quero ficar o mais próximo possível da minha residência fixa). Teremos cada vez mais professores insatisfeitos com a sua carreira e esgotados com o sistema burocrático extremo para onde foram empurrados nos últimos anos.

Ou se investe no reforço do financiamento do Ensino Superior, dotando-o de recursos que lhe permitam recrutar mais professores formadores e, assim, podermos pelo menos duplicar as vagas aos mestrados em ensino, ou o sistema vai ruir. Todos sabemos que as cerca de 1500 vagas anuais são insuficientes para agora e para os próximos anos, por isso, a segunda medida urgente deste Governo devia ter sido convencer-se de que ou se faz agora já um grande investimento (não há despesa em educação, repito até me cansar) no reforço das estruturas de formação ou nunca iremos ter os professores de que precisamos. As boas vontades do actual Governo não vão ser suficientes para conter a tempestade previsível.

Falta no discurso do ministro da Educação uma posição enérgica para resolver este problema e aceitar que é necessário fazer um grande investimento na formação de professores para os próximos anos

Professor catedrático da FCSH da Universidade Nova de Lisboa

Música no coração de Lisboa. Até quando?

Pedro Martins Barata

Teresa Salgueiro, Emmanuel Nunes, Victorino d'Almeida, Zé Pedro, Carlos Bica, Eurico Carrapatoso, Mário Laginha. O que têm em comum estes nomes? São cada um deles imediatamente reconhecíveis no panorama musical nacional no seu estilo musical: do pop-rock à música erudita, passando pelo jazz. São também todos ex-alunos da Academia de Amadores de Música e todos frequentaram as instalações que a Academia irá ter necessariamente de deixar findo o ano lectivo de 2024/2025. Daqui a 13 meses.

A Academia, para quem ainda não a conhece, é uma das instituições culturais mais antigas do país, situada há cerca de 80 dos seus 140 anos nas atuais instalações da Rua Nova da Trindade, 18. Curiosidade: para aqui viemos "expulsos" das nossas anteriores instalações na Rua António Maria Cardoso em 1938, por uma instituição emblemática do Estado Novo.

A Academia será muito provavelmente, dada a inação da maioria das instituições a que nos dirigimos desde há mais de cinco anos, a próxima vítima da gentrificação e turistificação daquela zona da cidade.

O que mais nos pesa, contudo, é perceber que esta não é uma daquelas instituições mortas, um clube inglês perfunctório em que alguns senhores passam as suas tardes no Chiado. Longe disso: a Academia tem 309 alunos, acordos com 18 escolas públicas e privadas do concelho de Lisboa, atividade escolar durante onze meses por ano, realizando múltiplas atividades ao longo dos últimos anos e inclusive tendo recuperado muita atividade extracurricular. Nos últimos anos, temos tido *masterclasses* instrumentais, estágios de orquestra, concertos de música barroca e antiga. Criámos inclusive uma segunda Orquestra própria e avançámos para parcerias com o Teatro Nacional de São Carlos e a Casa do Comum. Ganhámos novas raízes no nosso espaço de sempre.

Quando sairmos do Chiado, estará a cidade mais pobre, é a nossa convicção. A Academia, essa, terá muito mais dificuldades de operação: equilibrar horários entre 19 escolas, fazendo correr professores e alunos entre as escolas de origem e a Academia só é possível quando a Academia é o nó central dessa teia. E isso não se faz numa localização periférica. A nossa transferência será possivelmente a nossa morte enquanto instituição.

Existem, contudo, espaços no centro de Lisboa. Nós próprios identificámos alguns, e sabemos que os podemos e devemos partilhar com outras instituições culturais. Contamos com o apoio moral de várias instituições do Chiado – o próprio Teatro Nacional de São Carlos, ou o Museu do Chiado. O Estado e a câmara sabem que podem e devem intervir. Todas as soluções que possam ser encontradas terão necessariamente custos de oportunidade: onde está uma escola de música não estará uma dependência pública ou (mais) um hotel. Prioridades e decisões. Urgentes.

A Academia de Amadores de Música será muito provavelmente a próxima vítima da gentrificação e turistificação do centro de Lisboa

Presidente da Direcção Administrativa da Academia de Amadores de Música

Na DGS não sabem da ligação entre mulheres e menstruação

Maria João Marques

Fazendo uso da saloiice nacional de copiar (e em mau) as modas mais absurdas desse lugar mítico que é "o estrangeiro", a DGS promoveu uma campanha para conhecer características da menstruação. Vai daí, pediu respostas às "pessoas que menstruam", orgulhosamente ignorando e apagando as mulheres.

Seguiu-se a polémica. Mas antes de a descrever, noto a coincidência temporal. Enquanto existia um Governo insistente em facilitar, entre outras coisas entretanto em abandono em velocidade de cruzeiro pelos cientistas, a transição social de género durante a adolescência, a DGS não usou este tipo de linguagem que apaga mulheres. Só após tomar posse um Governo contrário a estas políticas alguém na DGS resolveu criar este facto político.

Bom. As redes sociais agitaram-se. O PSD pediu explicações à ministra da Saúde. E, claro, as nossas mentes esclarecidas vieram explicar que "pessoas que menstruam" é a forma consensual internacional em uso. O PÚBLICO fez um artigo sobre isso. O *Expresso* pôs um homem fazendo o favor de nos explicar, afinal, quem é que menstrua ou não. (Agradeço penhorada. Fico sempre muito comovida – e sobretudo apreendo imenso – quando homens fazem o favor de me explicar o que é ser mulher e como devo encarar as experiências que eu tenho na vida – e essas pessoas masculinas omniscientes não.)

Ora bem, sucede que não há nenhum consenso internacional à volta da expressão "pessoas que menstruam". Só mesmo polémica. (Que foi o que a DGS quis criar.) Como é pacífico para qualquer pessoa pensante, a maioria disso que se chama "internacional" – China, Índia, Sudeste Asiático, Médio Oriente, África – não está preocupada em excesso com direitos trans e não-binários, pelo que dificilmente haveria consenso internacional para substituir e apagar "mulher".

Indo pesquisar pelos vários *sites* de organizações internacionais, podemos ver que nenhum apagou e substituiu "mulher" por "pessoa que menstrua". Alguns usam ambos, mas dão (logicamente) proeminência a "mulher" e "rapariga". Numa publicação do Banco Mundial sobre saúde menstrual, de maio de 2022, podemos ler que "é essencial para o bem-estar e empoderamento de mulheres e raparigas adolescentes. Em qualquer dia, mais de 300 milhões de mulheres no mundo estão a menstruar. No total, estimam-se que 500 milhões tenham falta de acesso a produtos menstruais e locais adequados para gerir a higiene menstrual."

Noutra publicação do mesmo mês, o Fundo das Nações Unidas para a População,

NUNO FERREIRA SANTOS

Não há nenhum consenso internacional na hora de eliminar as mulheres num assunto que lhes diz respeito em primeira mão e tem um gigante impacto nas suas vidas

numa nota sobre menstruação e direitos humanos, explicava que "menstruação é parte do ciclo menstrual – um ciclo de mudanças biológicas que têm lugar no sistema reprodutivo de uma mulher ou rapariga para preparar o seu corpo para uma potencial gravidez".

Em maio de 2023, a Organização Mundial da Saúde, também sobre saúde menstrual, escrevia "raparigas adolescentes continuam pouco informadas e preparadas para a menstruação, com sentimentos de exclusão e vergonha". Mais à frente, recomenda "educar raparigas sobre menstruação" e "aumentar apoios às famílias das raparigas". A mesma OMS, em junho de 2022, sobre saúde e direitos menstruais, mencionava "mulheres, raparigas e outras pessoas que menstruam".

Em maio deste ano, a UN Women publicou um texto intitulado "Pobreza menstrual – Por que milhões de raparigas e mulheres não conseguem pagar os seus períodos". Primeira frase: "Milhões de mulheres e raparigas por todo o mundo não têm dinheiro para pagar produtos menstruais ou acesso a água e instalações sanitárias para lidar com a sua saúde e higiene menstrual. Períodos obrigam-nas a faltar à escola, ao emprego e impactam negativamente a sua saúde." Centralizando evidentemente as mulheres durante todo o texto nesta questão da menstruação, no fim da página coloca uma nota explicando que pessoas trans e não-binárias também menstruam.

Não vejo, portanto, nenhum consenso internacional na hora de eliminar as mulheres num assunto que lhes diz respeito em primeira mão e tem um gigante impacto nas suas vidas. O consenso só existe nas cabeças saloias nacionais alegadamente progressistas.

De uma vez por todas: substituir "mulheres e raparigas" por "pessoas que menstruam" não é inclusivo. É exclusivo – porque excluiu as mulheres e raparigas. É anticientífico – porque só corpos de mulheres menstruam. É misógino – porque apaga as mulheres de um assunto que as impacta; porque espera que as mulheres (que são a maioria da população) se anulem em prol de meia dúzia de pessoas que acreditam que nasceram no corpo errado e teimam que o mundo valide os seus sentimentos (ao invés de simplesmente viverem a sua vida como lhes apetece, sem maçar terceiros que nem sequer estão interessados); porque impõem que "mulher" seja definido por homens que se identificam como mulheres (e não menstruam), ao invés de pelas mulheres.

É, acima de tudo, de uma negligência criminosa. Como se vê pelos textos que mencionei lá atrás, a menstruação tem um impacto abissal na vida de mulheres e raparigas. A pobreza menstrual é um deles – não ter dinheiro para pagar pensos e tampões, que até por cá aflige parte da população feminina. Os estigmas culturais associados à menstruação. Os sortidos problemas de saúde que as mulheres têm associados à menstruação. Há mulheres sofrendo horrores com dores pela endometriose. Eu, por exemplo, tenho anemia ferropénica e passo metade dos meses tomando ferro. Os nossos sistemas imunitários estão mais frágeis durante parte do ciclo menstrual. A lista é longa. Se se apaga as mulheres do dossier "menstruação", apagam-se os problemas que as mulheres vivem devido à menstruação.

A menstruação é um tema sério que acarreta consequências de saúde, sociais e económicas para as mulheres. Não é um tema de brincadeira para validar identificações de género de quem sofre com problemas de primeiro mundo. É de um atroz desrespeito misógino que se usem partes da vida das mulheres tão incontornáveis para validar terceiros, isto enquanto se apagam as mulheres da fotografia.

Sugiro, portanto, ao PSD que, além de pedir explicações à ministra, as peça também à DGS. Quem na DGS exclui mulheres da menstruação pode trabalhar em muita coisa. Para temas de saúde de mulheres é que não serve.

(Regresso a 20 de agosto. Boas férias!)

Economista. Escreve à quarta-feira

O trabalho feito, as prioridades e as comissões dos 21 eurodeputados

Deputados vão definindo agenda para Setembro, das regras económicas ao mercado de energia ou à Palestina

O mandato do novo Parlamento Europeu arrancou no dia 16 de Julho, dia em que foram empossados os 21 euro

Ana Bacelar Begonha

Os 21 eurodeputados portugueses iniciaram o mandato há apenas duas semanas. Mas, apesar de o tempo ser curto, já se dividiram por comissões e começaram a apresentar propostas ou a enviar questões à Comissão Europeia e ao Conselho Europeu. O verdadeiro desafio arranca em Setembro, depois de uma pausa para as férias de Verão, e os partidos têm em vista uma série de iniciativas, seja sobre a cooperação com os países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP), o mercado de energia ou a guerra na Palestina.

O que já fizeram?

Desde que tomaram posse, a 16 de Julho, os deputados do Parlamento Europeu têm estado concentrados em eleger a presidente da Comissão Europeia, nomear a presidente e a mesa do Parlamento Europeu ou formar as comissões parlamentares. Foi uma preocupação particularmente para o PS, que, como diz Francisco Assis ao PÚBLICO, participou "activamente nas reuniões do grupo do S&D [Socialistas e Democratas]", "para que os socialistas votassem" o nome de Ursula von der Leyen, já que, "face ao acordo interpartidário que tinha sido alcançado" – que incluía a eleição de António Costa como presidente do Conselho Europeu –, consideravam que "se impunha a eleição de Von der Leyen para a presidência da Comissão de imediato". O mesmo aconteceu com a AD, que ajudou a "eleger duas candidatas do PPE a cargos de topo da União Europeia, na Comissão e no Parlamento", isto é, Roberta Metsola.

Mas, nestas duas semanas, os partidos também apresentaram algumas iniciativas próprias, tendo o PSD e o CDS, por exemplo, lançado um "repto a todos os grupos políticos, começando pelas delegações portuguesas, para criar um grupo para a coesão e região ultraperiféricas", como assinala Sebastião Bugalho, numa resposta escrita ao PÚBLICO. Já o Chega juntou-se a esse grupo e a um grupo informal de amigos da Ucrânia, como indica, também por escrito, o deputado Tiago Moreira de Sá.

Pela Iniciativa Liberal, João Cotrim de Figueiredo, que interveio no debate com Ursula von der Leyen aquando da sua eleição, salienta ainda que teve "uma conversa longa" com a presidente da Comissão Europeia para perceber se, num momento em que "nem Paris nem Berlim estão em condições de dar a liderança política à União, estaria consciente da necessidade de ser a própria Comissão a marcar o ritmo".

Por sua vez, Catarina Martins, do Bloco de Esquerda, iniciou o mandato com uma proposta (que foi chumbada) para que o primeiro debate do Parlamento Europeu, sobre a situação da Ucrânia, incluísse a "situação da Palestina". Esse foi outro tema que marcou o início da legislatura: todos os deputados tiveram de votar uma resolução que reafirma o apoio do Parlamento Europeu à Ucrânia, aprovada com o voto contra do PCP e a abstenção do BE e do deputado António Tânger Corrêa, do Chega.

No caso do PCP, João Oliveira enviou uma série de questões à Comissão Europeia e ao Conselho Europeu. Ora a "solicitar os contratos" de aquisição das vacinas para a covid-19 para que sejam "apreciados" pelo Parlamento Europeu, ora a defender a "suspensão do acordo de associação UE-Israel e o reconhecimento do Estado da Palestina", para "criar pressão política para se encontrar uma solução de cessar-fogo em Gaza e caminhar no reconhecimento dos direitos do povo palestiniano".

> [Estamos empenhados na] evolução das regras económicas e monetárias, na criação de mecanismos permanentes de resposta europeia a situações de crise
>
> **Francisco Assis**
> Eurodeputado do PS

O que vão fazer?

Agora, os trabalhos parlamentares estão em pausa para as férias de Verão, que começaram anteontem e se estendem até ao início de Setembro. Os eurodeputados retomam a actividade a 2 de Setembro, altura em que vão fazer uma ronda de audições aos novos comissários europeus. E já têm algumas iniciativas planeadas para a *rentrée*.

O Chega, por exemplo, vai propor a "criação de projectos de cooperação e desenvolvimento" para os PALOP, nos quais "Portugal possa ser um actor privilegiado", e a "revisão e o acompanhamento da estratégia de cooperação e ajuda pública ao desenvolvimento" da UE para ultrapassar os "obstáculos" à "recepção adequada dos apoios aos países em desenvolvimento".

A IL, por outro lado, quer "começar a desenvolver" a criação de "um mercado único de energia", já que considera que a UE "não consegue fazer repercutir" os preços da energia "bastante mais baixos" que tem, face a outros países, por não existir esse mercado comum. Outra prioridade, como explica Cotrim, é tornar o Pacto Ecológico Europeu "mais baseado em mecanismos de mercado e mais neutro em termos tecnológicos" para "que não seja a UE a definir as tecnologias" ambientais, mas a "investigação guiada pelo mercado".

Já Catarina Martins tem em vista "manter o debate" sobre a Palestina – nomeadamente sobre o facto de "o direito internacional não estar a ser cumprido" ou sobre as "medidas sanitárias" – e ver "se é possível" fazer uma "missão a Gaza". A bloquista planeia ainda dar "seguimento ao trabalho sobre serviço doméstico" que a ex-eurodeputada Anabela Rodrigues iniciou, para que "seja considerado trabalho".

Quando regressar, João Oliveira

VINCENT KESSLER/REUTERS

odeputados eleitos por Portugal

Mantemos um largo eixo de acção como *leitmotiv* dos próximos cinco anos: a grande prioridade da União Europeia deve continuar a ser a paz

Sebastião Bugalho
Eurodeputado do PSD

planeia focar-se nas "questões económicas e sociais", designadamente as "dificuldades que se vivem na habitação e nos serviços públicos, em particular, na saúde", mas não avança medidas concretas. Também o PS só vai começar a definir propostas em Setembro, mas Francisco Assis estabelece algumas prioridades, como a "criação de mecanismos permanentes de resposta europeia a situações de crise" ou "impedir" que o processo de reindustrialização da Europa "se localize especificamente nos países mais desenvolvidos", para que "os mais periféricos também tenham possibilidades de participar".

Bugalho indica igualmente que o grupo da AD tem "iniciativas em estudo", mas não diz quais. O eurodeputado elege apenas a paz como "grande prioridade da UE", a que acrescenta os temas das migrações, do ambiente ou da prosperidade.

Onde está cada deputado?

Os eurodeputados distribuem-se pelas 20 comissões e três subcomissões do Parlamento Europeu, podendo ser membros efectivos ou suplentes. Olhando apenas para os efectivos, o PS está representado em grande parte das comissões, dos Assuntos Fiscais ao Desenvolvimento Regional, passando pelo Controlo Orçamental e as Pescas, o que partiu de uma "estratégia" para "garantir que quase todas as comissões tinham um deputado português socialista", explica Francisco Assis.

A título de exemplo, Marta Temido faz parte da subcomissão dos Direitos Humanos, da qual é vice-presidente, e ainda das comissões dos Assuntos Externos e do Ambiente, Saúde Pública e Segurança Alimentar. Já Francisco Assis acumula as pastas dos Assuntos Económicos e Monetários, dos Direitos Humanos e das Liberdades Cívicas, Justiça e Assuntos Internos. Também Ana Catarina Mendes faz parte desta última comissão, juntamente com a subcomissão da Segurança e Defesa.

No caso da AD, a maioria dos deputados optou por se juntar a apenas uma comissão. Sebastião Bugalho está na comissão dos Assuntos Externos e Paulo Cunha no grupo das Liberdades Cívicas, Justiça e Assuntos Internos, ao passo que Paulo Cabral tem a seu cargo a Agricultura e o Desenvolvimento Rural e as Pescas.

Pelo Chega, o deputado António Tânger Corrêa senta-se na comissão dos Assuntos Externos e na subcomissão da Segurança e Defesa, e Tiago Moreira de Sá na comissão de Desenvolvimento. A Iniciativa Liberal ficou com as comissões da Indústria, Investigação e Ciência, onde está João Cotrim de Figueiredo, e do Ambiente, Saúde Pública e Segurança Alimentar, da qual Ana Vasconcelos faz parte.

Pelo Bloco de Esquerda, Catarina Martins escolheu igualmente a comissão do Ambiente, Saúde Pública e Segurança Alimentar e ainda a subcomissão de Saúde Pública. João Oliveira, do PCP, junta a comissão dos Orçamentos com a do Emprego e Assuntos Sociais.

Os eurodeputados acumulam ainda cargos dentro dos seus grupos políticos. Estas nomeações constituíram grande parte do trabalho que fizeram antes da tomada de posse. Pelo PS, Ana Catarina Mendes é vice-presidente dos Socialistas e Democratas, e pela AD, Lídia Pereira é vice-presidente do Partido Popular Europeu (PPE). António Tânger Corrêa, do Chega, é também vice-presidente do Patriotas pela Europa, e João Cotrim de Figueiredo, da IL, do Renovar a Europa. Tanto Catarina Martins, do BE, como João Oliveira, do PCP, são membros da direcção do grupo da Esquerda (GUE/NGL).

Alguns deputados são também coordenadores dos seus grupos políticos dentro das comissões. É o caso de Sebastião Bugalho, vice-coordenador do PPE na comissão dos Assuntos Externos, ou de Catarina Martins, coordenadora do GUE/NGL na subcomissão de Saúde Pública.

Ex-secretária de Lacerda Sales pede audição à porta fechada

Joana Mesquita

Carla Silva aceitou ser ouvida na comissão parlamentar de inquérito ao caso das gémeas no dia 20 de Setembro

Carla Silva, que foi secretária de António Lacerda Sales quando o socialista era secretário de Estado da Saúde, pediu para ser ouvida à porta fechada na comissão parlamentar de inquérito (CPI) ao caso das gémeas, avançou o *Correio da Manhã* e confirmou o PÚBLICO junto do presidente da comissão, Rui Paulo Sousa.

A comissão terá chamado Carla Silva para prestar esclarecimentos sobre a sua intervenção na marcação da consulta das duas crianças no dia 20 de Setembro, data que "confirmou", adianta Rui Paulo Sousa. Contudo, "pediu para a sua audição ser à porta fechada", acrescenta o também deputado do Chega. Segundo o presidente da comissão, Carla Silva invocou "as alíneas a e b do primeiro ponto do artigo 15.º do Regime Jurídico dos Inquéritos Parlamentares", para que a sua audição não fosse pública. O artigo 15.º diz respeito à publicidade dos trabalhos da comissão e o primeiro ponto estabelece que "as reuniões e diligências efectuadas pelas comissões parlamentares de inquérito são, em regra, públicas", excepto em determinadas circunstâncias.

Carla Silva recorreu à alínea a, que prevê que, se as reuniões "tiverem por objecto matéria sujeita a segredo de Estado, a segredo de justiça ou a sigilo por razões de reserva da intimidade das pessoas", podem ser à porta fechada. E também à alínea b, que indica que os depoentes se podem opor à publicidade da reunião "com fundamento na salvaguarda de direitos fundamentais".

No entanto, o pedido da antiga secretária de Lacerda Sales terá ainda de ser "discutido em reunião de Mesa e coordenadores", assinala Rui Paulo Sousa, "em princípio, logo no dia 13" de Setembro, quando os trabalhos parlamentares forem retomados, após a pausa de Verão. E "votado em plenário da comissão", já que cabe à CPI "decidir se aceita ou não".

O relatório da Inspecção-Geral das Actividades em Saúde (IGAS), que concluiu "que não foram cumpridos os requisitos de legalidade" no acesso das duas gémeas tratadas com o medicamento Zolgensma, no Hospital Santa Maria, fala num *email* enviado por Carla Silva, a partir do gabinete do secretário de Estado, para o Santa Maria, a questionar se as crianças já tinham tido acesso à consulta.

Carla Silva, que exerceu funções no conselho de administração do Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Norte, de que faz parte o Santa Maria, argumenta que contactou o hospital a pedido de Lacerda Sales.

De acordo com a informação dada por Carla Silva aos inspectores da IGAS, foi Lacerda Sales quem lhe pediu que contactasse Nuno Rebelo de Sousa, filho do Presidente da República, para obter informações sobre as gémeas. Terá sido na sequência deste contacto que a secretária, também por indicação do antigo secretário de Estado, enviou um *email* para a directora do departamento de pediatria do Santa Maria, a solicitar ajuda para agendar a consulta.

Lacerda Sales, no entanto, nega esta versão. Em resposta à IGAS, o antigo governante sustentou que não foi apresentada qualquer documentação que prove ter sido ele a dar orientações a Carla Silva e que, além disso, no referido *email* não houve nenhum pedido para agendar uma consulta, tendo apenas sido enviada informação sobre as duas crianças.

Durante a sua audição na CPI, o antigo secretário de Estado, que é arguido no processo dedicado ao caso, assumiu a "responsabilidade política" pelas acções da sua secretária, remetendo para a portaria 95/2013, segundo a qual "os pedidos de primeira consulta de especialidade em papel são rejeitados e devolvidos aos respectivos prestadores". Desta forma, "qualquer pedido deveria ter sido rejeitado", frisou Lacerda Sales, acusando a IGAS de ter omitido esta informação no relatório produzido.

António Lacerda Sales foi ouvido na CPI ao caso das gémeas

Sociedade Relatório aponta riscos de multiplicação dos cibercrimes

Cibercrimes no sector da saúde duplicaram no ano passado

Centro de Cibersegurança registou 2025 cibercrimes em 2023. Confidencialidade violada motivou maior parte das queixas

Clara Viana

A saúde está entre os sectores que em 2023 registaram um aumento significativo de incidentes na área do cibercrime contabilizados pelo Centro Nacional de Cibersegurança (Cncs). A 5.ª edição do relatório *Cibersegurança em Portugal - Riscos e Conflitos*, divulgada este mês, dá conta de 107 casos no ano passado, representando uma subida de 106% por comparação com 2022. A maior parte deles através da prática de *phishing/smishing*, que consiste no essencial no envio de mensagens enganosas que visam ludibriar as vítimas para conseguir um ganho financeiro ou ter acesso a informação sensível.

O Cncs dá também conta de dois ataques informáticos a entidades de saúde, em Janeiro e Agosto, um dos quais ao Serviço Regional de Saúde da Madeira, que ficou sem acesso a todo o seu sistema informático. O sector da saúde figura ainda entre os que contam com mais notificações na Comissão Nacional de Protecção de Dados (CNPD): 32 no total, sendo a maioria proveniente de prestadores privados. Recorde-se a este propósito que, num primeiro passo em direcção ao Registo de Saúde Electrónico, os dados clínicos dos utentes do SNS deverão começar em breve a ser partilhados com hospitais privados.

O relatório do Cncs informa que a confidencialidade foi o princípio com mais comprometimentos notificados à CNPD em 2023. A falha humana surge como a origem mais frequente (23%). No conjunto registaram-se mais 11% de notificações de violações de dados pessoais à Comissão Nacional de Protecção de Dados, passando-se de 367 em 2022 para 409 em 2023. O Cncs refere-se aos dados pessoais como "um dos activos mais relevantes no ciberespaço".

Voltando à evolução dos cibercrimes, entre os prestadores de serviços da Internet registou-se um aumento de 249%, ficando o recorde para o serviço de computação em nuvem, com uma subida superior a 10.000%. Estes sectores integram o top 10 das vítimas do cibercrime listado pelo Cncs. No conjunto, este centro registou 2025 casos no ano passado, apenas mais dois do que em 2022.

E que maldades foram mais praticadas no ciberespaço nacional? Nas que foram registadas pela equipa do Centro Nacional de Segurança, o *phishing/smishing* aparece em primeiro lugar, com 35% do total, seguindo-se as tentativas de *login* (19%) e a chamada engenharia social (10%). Nesta última categoria entra o caso conhecido como "Olá, pai... Olá, mãe".

Para simplificar, poder-se-á dizer que nos cibercrimes existem duas estratégias de base: o aliciamento e o ataque. O primeiro é feito através sobretudo de mensagens enganosas e até do estabelecimento de relações de confiança com o objectivo de levar as vítimas a fazerem transferências de dinheiro ou a revelarem informação sensível. Os chamados *phishing*, *smishing* ou engenharia social entram nesta categoria.

IA ameaça ciberespaço

Já o segundo não deixa margem para escolhas e passa por o atacante se apoderar de ficheiros, dispositivos e dados das vítimas, bloqueando-lhes o acesso. "Para a recuperação dos ficheiros é exigido ao proprietário um resgate em criptomoedas", acrescenta o Cncs. É o chamado *ransomware*, que em 2023 afectou sobretudo as autarquias, com pelo menos sete ataques às câmaras municipais. No ano passado, as vítimas mais frequentes foram, contudo, indivíduos e pequenas e médias empresas, alvo de *phishing*, *smishing* e outras burlas.

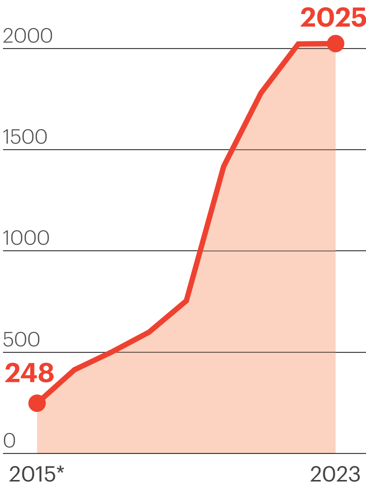
Para além da divulgação de dados sobre a prática de cibercrimes, os relatórios anuais do Cncs procuram também "perspectivar o presente e o futuro em termos de ameaças e tendências" no ciberespaço nacional.

É neste âmbito que aparece elencado o novo mundo da inteligência artificial (IA), apontado como um cenário de ameaça "emergente" no relatório relativo a 2023. E também, "perspectivando 2024, como a tecnologia mais desafiante para a cibersegurança". Quer isto dizer que a probabilidade de uma pessoa, empresa ou instituição ser alvo de ataques informáticos está a aumentar com a proliferação do uso da IA. O Cncs explicita que o "fácil acesso" a plataformas de IA generativa, em que se podem criar novos conteúdos e ideias, constitui "uma oportunidade para indivíduos com poucas competências técnicas, mas motivados, praticarem crimes; para grupos criminosos que assim podem massificar processos de geração de conteúdos para acções de engenharia social [actos enganosos destinados a sacar informação sensível]"; e ainda para actores estatais e *hacktivistas* com interesse na disseminação de desinformação".

O ChatGPT é um dos exemplos mais conhecidos das possibilidades criadas pela IA generativa e, alerta o Cncs, comporta uma "grande capacidade para a criação de conteúdos falsos muito verosímeis e para a automatização de processos de desenvolvimentos técnicos maliciosos". "Qualquer cidadão, PME, Administração Pública ou órgão de soberania pode ser alvo de ataques deste género", conclui o Cncs.

Retrato da cibercriminalidade em Portugal em 2023

Incidentes registados pelo Centro Nacional de Cibersegurança



*(a partir de Maio)

Notificações por sectores e actividades públicas

Top 5 das notificações recebidas pela Comissão Nacional de Protecção de Dados

		Variação face a 2022 (%)
Administração Pública Local	39	95
Ensino Superior	23	130
Administração Pública Central e Institutos Públicos	20	Novo
Saúde	12	33
Outros	7	-67
Administração Regional	4	Novo

Origem dos incidentes

De acordo com as notificações recebidas pela Comissão Nacional de Protecção de Dados

		Variação face a 2022 (%)
Falha humana	94	16
Exploração de outras vulnerabilidades	85	124
Ransomware	62	-44
Phishing/Engenharia Social	56	30
Acções fraudulentas**	36	-22

**(utilização indevida de recursos, usurpação de identidade)

Incidentes por sector e área governativa

Top 10***

		Variação face a 2022 (%)	Tipo de incidentes mais frequentes
Outros	1503	42	*Phishing/Smishing*
Prestadores de Serviços Internet	517	249	Tentativa de *login*
Banca	197	- 64	*Phishing/Smishing*
Saúde	171	106	*Phishing/Smishing*
Educação, Ciência, Tecnologia e Ensino Superior	150	- 26	*Phishing/Smishing*
Infra-Estruturas Digitais	148	- 28	*Phishing/Smishing*
Transportes	136	46	*Phishing/Smishing*
Administração Pública Local	111	- 14	Comprometimento de conta não privilegiada
Serviço Computação em Nuvem	102	10.100	*Phishing/Smishing*
Presidência do CM	70	- 43	Comprometimento de conta não privilegiada

***O total de incidentes por sector e área governativa é superior ao n.º total de incidentes devido ao facto de em alguns casos um incidente poder ser contabilizado simultaneamente em mais do que um sector e área governativa

Glossário

Engenharia Social: "O acto de enganar um indivíduo no sentido de este revelar informação sensível, assim obtendo-se acesso não autorizado ou cometendo fraude, com base numa associação com este indivíduo de modo a ganhar a sua confiança"

Phishing: "Mecanismo de elaboração de mensagens que usam técnicas de engenharia social de modo que o alvo seja ludibriado 'mordendo o isco'. Mais especificamente, os atacantes tentam enganar os receptores de *emails* ou mensagens para que estes abram anexos maliciosos, cliquem em URL inseguros, revelem as suas credenciais através de páginas de *phishing* aparentemente legítimas [*pharming*], façam transferências de dinheiro, etc."

Ransomware: tipo de *malware* que permite que "um atacante se apodere dos ficheiros e/ou dispositivos de uma vítima, bloqueando a possibilidade de esta poder aceder-lhes. Para a recuperação dos ficheiros, é exigido ao proprietário um resgate em criptomoedas"

Smishing: "(Combinação das palavras SMS e *phishing*) é a tentativa por atacantes de obter dados pessoais, financeiros ou de segurança por mensagem de texto"

Fonte: Centro Nacional de Cibersegurança (relatórios Riscos&Conflitos, Julho de 2024) PÚBLICO

Apoio do Estado a colégios sobe 7% para um valor acima dos 86 mil euros por turma

Clara Viana

Aumento abrangerá 205 turmas de colégios com contratos de associação. Associação pede subida para 98 mil euros/turma

O financiamento do Estado aos colégios com contratos de associação vai aumentar em 2024/2025, passando de 80.500 euros para 86.176,25 por turma e por ano escolar. Este aumento, o primeiro em quase dez anos, encontra-se estipulado numa portaria assinada pelos ministros das Finanças e da Educação, publicada em *Diário da República* ontem.

Em declarações ao PÚBLICO, o director executivo da Associação de Estabelecimentos do Ensino Particular e Cooperativo (Aeep), Rodrigo Queiroz e Melo, considera que os 7% a mais "são um primeiro sinal de que algo tem de mudar". "É um aumento, mas não é uma actualização", ressalva, apontando para todo o tempo que passou sem qualquer mudança no valor do financiamento, quando, entretanto, tudo "foi aumentando".

A Aeep ainda acalentou a esperança de que essa actualização pudesse ficar consagrada no Orçamento do Estado (OE) para 2024, o que não sucedeu. Agora aponta para o próximo. "Não nos passa pela cabeça que no OE para 2025 não haja uma actualização a sério", aponta Queiroz e Melo. Ou seja, especifica, uma subida do apoio financeiro para cerca de 98 mil euros por turma.

Os contratos de associação são celebrados para que os colégios possam garantir ensino gratuito aos seus alunos. Com o Governo do PS, a sua celebração passou a estar dependente da não existência de oferta pública na área geográfica em que estão localizados os estabelecimentos de ensino particular, o que levou a uma redução drástica destes contratos: de um total de 1624 turmas financiadas pelo Estado em 2015, passou-se para 534.

O aumento de 7%, consagrado agora em portaria, começará apenas por abranger as turmas de início de ciclo (5.º, 7.º e 10.º anos). Segundo dados da Aeep, serão assim 205 as turmas que no próximo ano lectivo terão um financiamento de cerca de 86 mil euros.

O financiamento por turma nos colégios com contratos de associação chegou a ultrapassar os 100 mil euros em 2010, ano em que sofreu um primeiro grande corte, ficando a rondar os 80 mil euros, por decisão do segundo Governo de José Sócrates.

Com a chegada do PSD-CDS ao poder, em 2011, aquele valor subiu para 85.288 euros, para descer de novo para os 80 mil euros com o advento do Governo de António Costa, que elegeu a limitação dos contratos de associação como uma das suas principais batalhas na área da Educação.

Atrasos no ensino artístico

É este passado, que no espaço de um ano deitou por terra quase todo este sector, que leva Queiroz e Melo a excluir uma nova expansão dos contratos de associação nos próximos tempos, mesmo que o Governo de Luís Montenegro possa ser mais receptivo à ideia: "Por parte dos operadores, será muito difícil voltar a confiar no Estado."

Por agora, a Aeep está sobretudo preocupada com o atraso na abertura do concurso de financiamento dos contratos de patrocínio, que garantem a frequência gratuita do ensino artístico especializado a cerca de 32 mil alunos. Numa nota divulgada ontem, a Aeep lembra que o concurso deveria ter-se iniciado em Junho, mas que até agora não teve qualquer indicação de quando tal acontecerá.

Esta situação compromete as expectativas dos 7128 alunos que esperavam iniciar os seus estudos artísticos em Setembro, já que as escolas do sector, na maioria privadas, "desconhecem quantos alunos podem aceitar", porque não sabem quantos serão financiados pelo Estado. "Este ano, o processo já estava atrasado quando o Governo anterior cessou funções. Neste momento, por ausência das necessárias autorizações do Conselho de Ministros para os concursos, já será impossível que estes estejam terminados antes do início do ano lectivo. É incompreensível que o Estado falhe sistematicamente", acusa Queiroz e Melo.

NELSON GARRIDO

Valor pago aos colégios não era actualizado desde 2015

Exaustão, falta de sentimento de pertença e maus resultados. Eis os factores de risco para o abandono no ensino superior

Daniela Carmo

Os estudantes que apresentam níveis mais elevados de exaustão académica, os que denotam maiores dificuldades de adaptação ao *campus* e os que estão deslocados são os que se encontram em maior risco de abandonar o ensino superior. A conclusão é do estudo *Factores Que Influenciam o Abandono no Ensino Superior,* do Observatório Social da Fundação "la Caixa", liderado pela investigadora e docente da Universidade Lusófona Paula Paulino.

Ao PÚBLICO, a professora defende a importância de trabalhar e reforçar as redes de acolhimento nas instituições de ensino superior para melhorar a integração social dos seus estudantes, com especial ênfase para os que estão deslocados.

"Sabemos, por exemplo, que os programas de mentoria podem ser importantes na adaptação ao ensino superior, até para facilitar a adaptação destes indivíduos ao meio académico e social", começa por explicar Paula Paulino em entrevista telefónica. Importa notar que a investigação se debruçou sobre a intenção dos alunos de abandonar o ensino superior, procurando identificar as determinantes mais decisivas nesse contexto, e não sobre as taxas de abandono. "[Estudámos a intenção de abandono porque] sabemos que é um fenómeno multidimensional e que tem um potencial de intervenção muito grande", justifica a autora.

Quanto às taxas efectivas de abandono, é já sabido que aumentaram nas licenciaturas e mestrados integrados em todas as áreas científicas durante a pandemia, ao mesmo tempo que caíram as taxas de conclusão dos cursos dentro dos prazos esperados.

Agora, no contexto pós-pandémico, percebe-se por este estudo que os estudantes que demonstraram intenções mais elevadas de abandonar o ensino superior são sobretudo do sexo masculino, que estão deslocados, que têm responsabilidades de prestação de cuidados a outrem (sobretudo, filhos), na área de Línguas e Humanidades. Mas não só: pesam também, se não mais, a exaustão académica, a dificuldade de adaptação, o reduzido sentimento de pertença ao *campus* e o rendimento académico baixo.

Mais mentorias

"A nossa amostra foi muito alargada, [responderam ao inquérito alunos do] continente e das ilhas, e, de facto, os estudantes que estavam em Portugal continental" eram os mais propensos a desistir. Responderam ao inquérito (*online* e telefónico, feito em 2022) 1404 alunos. Numa comparação entre os ciclos de estudos, é na licenciatura que as intenções de abandonar o ensino superior são mais elevadas.

Risco de abandono do ensino superior é maior entre os estudantes deslocados e do sexo masculino

Paula Paulino nota que as determinantes para querer desistir do superior não se limitam àquilo que apenas diz respeito ao próprio, mas "também a questões associadas às próprias instituições". "É preciso promover essa adaptação académica", defende.

Os autores sugerem assim o reforço dos programas de mentorias ao longo de todo o ciclo de estudos. "É relevante notar que várias instituições académicas – especialmente privadas – ainda não são membros da rede nacional de mentorias. Os programas de mentorias deveriam investir na componente académica, mas também na social, para que os estudantes se sintam aceites e sintam uma melhor conexão social, que é especialmente importante para os estudantes deslocados, que precisam de construir toda uma nova rede relacional", lê-se ainda no estudo.

Olhando para a frente, Paula Paulino diz pretender aprofundar este estudo com um "olhar mais compreensivo sobre as experiências dos estudantes com intenções de abandono escolar e também fazer um estudo mais próximo das instituições" para perceber que programas estão em marcha para acolher e acompanhar os alunos.

Quanto aos inquiridos, a amostra é constituída sobretudo por estudantes com 25 anos ou menos, solteiros, sobretudo mulheres e residentes em Lisboa ou na região norte.

Cerca de metade dos alunos inquiridos estavam deslocados e a viver em casas partilhadas, mais de um terço (37,9%) eram trabalhadores-estudantes e 20% recebiam apoio do Estado para estudar. A média das despesas mensais fixou-se nos 538 euros.

Os dez maiores poluidores de Portugal: emissões de CO2 baixaram mas há excepções

Nicolau Ferreira

Avaliação mostra redução de 14% das emissões portuguesas em 2023, mas sectores como o da aviação vão em contraciclo

As emissões de dióxido de carbono (CO2) produzidas ao longo de 2023 pelas dez instalações e empresas em Portugal que mais poluem atingiram 9,48 milhões de toneladas de CO2, um decréscimo de 14% face ao ano anterior, de acordo com a avaliação feita pela Zero. Apesar da tendência positiva, a evolução de sectores como a aviação e a indústria petrolífera causam preocupação aos ambientalistas.

"Efectivamente temos uma redução de emissões. É uma boa notícia, porque estamos a falar de uma diminuição muito à custa da redução no uso do gás natural" e do aumento da produção de energias renováveis, explica ao PÚBLICO Francisco Ferreira, presidente da Zero – Associação Sistema Terrestre Sustentável. "A má notícia é que, apesar de termos tido uma redução da principal unidade emissora – a Petrogal - Refinaria de Sines –, isso não foi por causa de uma mudança de aposta na refinação do petróleo ou de uma mudança de estratégia. Mas porque houve uma paragem da refinaria em 2023. A outra má notícia é que vemos um aumento de 15% na aviação intra-europeia associada à TAP."

A associação ambientalista analisou os dados disponibilizados pela Agência Portuguesa do Ambiente (APA) dos registos de emissões associados ao Comércio Europeu de Licenças de Emissão (CELE) para 2023. O CELE "é um mecanismo de regulação das emissões de gases com efeito de estufa em actividades que são responsáveis por cerca de 45% das emissões" a nível da União Europeia (UE), segundo o *site* da APA.

As emissões de CO2 são as principais responsáveis pelo aumento do efeito de estufa na Terra, que está na origem do aquecimento global e das alterações climáticas. As actividades que entram nesta contabilização vão desde a queima de combustíveis fósseis e a actividade metalúrgica até à produção de vidros, indústria química e a aviação.

Os dez primeiros da lista de 2023 da Zero dividem-se entre instalações com actividades associadas à queima de combustíveis fósseis, à produção de cimento e a aviação. Em primeiro lugar está a refinaria de Sines, da Petrogal, detida pela Galp, que em 2023 emitiu 2,36 milhões de toneladas de CO2, menos 0,3 milhões de toneladas do que em 2022, ano em que também alcançou o primeiro lugar no *top* dos dez maiores poluidores.

MIGUEL MANSO

Refinaria de Sines lidera top 10 dos poluidores em Portugal

Para a Zero, a "Galp continua a ser uma empresa virada para a exploração e produção de combustíveis fósseis com mais de cinco vezes do seu investimento a eles dedicado por comparação com investimento em renováveis", lê-se num comunicado da associação. Em segundo lugar vem a Central de Ciclo Combinado da Tapada do Outeiro, da Turbogás, que emitiu 1,33 milhões de toneladas de CO2, com um decréscimo de 0,1 milhões face a 2022.

Em terceiro lugar vem a TAP, que subiu três lugares em relação à posição de 2022, emitindo 1,15 milhões de toneladas de CO2 – valor que apenas abrange os voos dentro da Europa –, um aumento de 0,15 milhões de toneladas relativamente a 2022. "Esta é uma das maiores preocupações que estamos a ter, que é a da aviação", afirma Francisco Ferreira.

Em 2021, as emissões totais da TAP – viagens não só na Europa, mas também fora da Europa – associadas ao combustível dos aviões queimado foram de 1,6 milhões de toneladas de CO2. Em 2022, o valor subiu para 3,1 milhões de toneladas e em 2023 para 3,6 milhões.

"Não se antecipa uma redução", diz Francisco Ferreira, mas há um facto que pode provocar uma transformação. "Na Europa, a partir de 2026, as emissões na aviação terão de ser todas pagas", aponta. Isto já acontece nas centrais térmicas, que têm de pagar 100% das emissões em licenças de carbono, cujo valor se tem situado no patamar dos 70 euros por tonelada de CO2 emitida.

Em Portugal, o dinheiro arrecadado com o pagamento de licenças vai para o Fundo Ambiental. Actualmente, o sector da aviação só tem de pagar 15% das emissões produzidas. "Em 2026, vai haver aqui um peso grande no preço da operação da aviação", diz Francisco Ferreira, que antecipa que o pagamento a mais pelas emissões irá recair no consumidor.

Entre os sete lugares seguintes da lista surgem a Central de Ciclo Combinado do Pego, da Elecgás (um milhão de toneladas de CO2) e o Centro de Produção de Alhandra da Cimpor (0,89 milhões de toneladas), entre outros. O somatório dos dez maiores poluidores, de 9,48 milhões de toneladas de CO2, fica 14% abaixo dos 11,05 milhões de toneladas de CO2 emitidos em 2022 pelas mesmas dez instalações.

Hospital de Santa Maria começa a receber grávidas até às 22 semanas a 5 de Agosto. Reabertura será faseada

A urgência de obstetrícia do Hospital de Santa Maria vai reabrir na próxima segunda-feira, dia 5 de Agosto. Nesta primeira fase, a unidade vai receber grávidas até às 22 semanas de gestação. Ontem, em comunicado, a unidade local de saúde (ULS) de Santa Maria explicou, porém, que as cesarianas e as induções de trabalhos de parto vão manter-se, como até aqui, nas outras instituições do SNS da região de Lisboa durante todo o mês de Agosto.

Em declarações à TSF, o presidente do conselho de administração, Carlos Martins, explicou que a reabertura da urgência de obstetrícia será faseada. "Na segunda-feira, iremos abrir a nossa urgência de ginecologia até às 22 semanas, depois gradualmente ao longo de Agosto iremos abrir o primeiro bloco cirúrgico e dois quartos – duas boxes de indução [do parto]. A 1 de Setembro, iremos abrir a maternidade", adiantou, dizendo contar que a actividade esteja plenamente retomada em finais de Setembro ou início de Outubro.

Na nota, a ULS adiantou que "previsivelmente" a 19 de Agosto entrará em funcionamento o primeiro bloco operatório de apoio à urgência e dois quartos de indução de parto. Já a partir de 1 de Setembro, com a abertura da maternidade, estarão disponíveis os 12 quartos ou boxes, o serviço de observação e os dois blocos operatórios com recobro que constituem o serviço. Quando estiver em pleno funcionamento, a maternidade terá duplicado a capacidade de partos.

Prevê-se "uma abertura progressiva de camas adequada ao capital humano, considerando o reforço de profissionais em curso até Outubro", segundo Carlos Martins".

A urgência obstétrica encerrou para obras a 1 de Agosto de 2023. O investimento foi de seis milhões de euros e estava previsto que a empreitada, que incluiu a requalificação da neonatologia, ficasse concluída no final do primeiro trimestre deste ano. O processo atrasou com a necessidade de visto do Tribunal de Contas.

No comunicado, a ULS adiantou que a nova área para ecografia obstétrica e ginecológica está "em fase de conclusão" e que "decorrem os procedimentos dos projectos de reabilitação e ampliação do internamento de puerpério, internamento de alto risco e ainda a ampliação e requalificação da neonatologia". "Esta segunda fase está estimada em 4 milhões de euros e terminará parte neste ano e outra no Verão de 2025, incluindo a neonatologia".

Por causa das obras ainda em curso, a urgência de obstetrícia do Santa Maria esteve fechada durante um ano

O encerramento da urgência e do bloco de partos ficou marcado pela polémica relacionada com o afastamento dos anteriores directores de departamento e de serviço, após contestarem o planeamento das obras que implicou o encerramento total da urgência.

Foi também por essa altura que o serviço enfrentou dificuldades com a realização de escalas para o serviço de urgência. A Ordem dos Médicos foi ao serviço e concluiu, num relatório de Julho de 2023, que a situação comportava "riscos graves para a segurança das grávidas, doentes e médicos" e que não existiam condições para o serviço de urgência e o bloco de partos continuarem abertos.

Após o encerramento da maternidade, as equipas do Hospital de Santa Maria foram deslocadas para o Hospital de São Francisco Xavier, o que levou a que alguns profissionais acabassem por apresentar o pedido de demissão. Actualmente, os obstetras de Santa Maria estão a apoiar as equipas do Hospital Beatriz Ângelo, em Loures). Esta situação deverá manter-se até ao final de Agosto, por forma a "assegurar a estabilidade nas escalas do serviço de urgência de obstetrícia e ginecologia" e "a previsibilidade de resposta para as grávidas".

Após um ano, Metro de Lisboa tem mais 19 elevadores e escadas rolantes parados

Há 39 escadas rolantes avariadas, quando eram 26 no ano passado. Os elevadores imobilizados passaram de 16 para 22. Empresa refere falta de meios e peças dos prestadores externos de serviço

Samuel Alemão

Apesar das garantias de empenho do Metropolitano de Lisboa na resolução das anomalias sentidas quotidianamente pelos utentes e do anúncio, feito no ano passado, do dispêndio de montantes avultados com tal objectivo, o problema mantém-se. Na verdade, até piorou. Em toda a rede deste transporte, existem 22 elevadores parados, de um total de 117, e 39 escadas imobilizadas, de um total de 244 equipamentos deste género em toda a rede. São cerca de 19% de elevadores inoperacionais e quase 16% de escadas mecânicas e tapetes rolantes em igual condição.

Uma média bem pior do que a apurada pelo PÚBLICO, em Agosto de 2023, quando a empresa foi questionada sobre o grande número de equipamentos parados. Quase um ano depois, a situação agravou-se, em particular no que se refere aos elevadores, subindo de 16 sem funcionar para 22 – de 13,6% passou-se para aproximadamente 19%. No que se refere aos tapetes e às escadas rolantes, saltou-se de 26 equipamentos parados (cerca de 10%), em 2023, para 39 (quase 16%).

E as razões apontadas pela empresa pública são, na verdade, exactamente as mesmas das referidas no ano passado: avarias e vandalismo, por um lado, e a dificuldade das empresas contratadas em assegurar a reparação, seja por falta de meios ou pela incapacidade de adquirirem atempadamente as peças necessárias. Apesar disso, o Metropolitano de Lisboa diz que as acessibilidades dos passageiros, feitas através destes meios mecânicos, "são uma matéria prioritária". Tanto que, assevera, "procura diariamente desenvolver todos os seus esforços para garantir o seu funcionamento pleno".

Os problemas relacionados com o funcionamento dos meios mecânicos de acesso ao cais e ao átrio das estações do metro da capital são uma questão antiga, tendo já assumido um carácter crónico, tal como as garantias da empresa de que está a trabalhar na resolução do assunto. Exemplo disso é a estação Baixa-Chiado, inaugurada a 8 de Agosto de 1998 e onde se cruzam as linhas Verde e Azul. Em 26 anos de existência, as avarias e imobilizações da dúzia de escadas rolantes têm sido uma constante, tal como dos oito elevadores.

FOTOS: MATILDE FIESCHI

Empresa promete recuperar 60% dos equipamentos até ao final de Agosto

Razões apontadas pela empresa são as mesmas do ano passado: avarias e vandalismo

Em 2018, a empresa iniciou um processo de reabilitação das escadas rolantes desta estação, dividido em três fases, o qual ainda decorre, agora centrado no acesso através da Rua do Crucifixo. O custo total das intervenções na Baixa-Chiado, que inclui substituição de algumas das escadas e reparações de outras, está avaliado em 1,5 milhões de euros. Os trabalhos de requalificação deverão estar concluídos em Setembro, disse o metro à revista *Time Out*, em Abril passado.

Mas a resolução dos problemas de acessibilidade nesta estação também deverá estar concluída, em breve, no que se refere aos elevadores. Uma vez que, diz a empresa ao PÚBLICO, se encontra em fase de instalação de três novos elevadores. O mesmo acontecendo, aliás, com dois outros na estação da Alameda.

Certo é que, apesar destes anúncios, para os utentes da rede persistem os incómodos. É a própria empresa a assumir que, a 22 de Julho, a percentagem de avarias dos elevadores na totalidade da rede se situava nos 19%. Na Linha Azul, a taxa de inoperacionalidade chega aos 28,57%, de acordo com a informação disponibilizada pela aplicação Estado dos Elevadores, existente no *site* do metro. Dos 42 elevadores, espalhados pelas 18 estações desta linha, conta-se uma dúzia inoperacional. Na estação Terreiro do Paço, dos três existentes, apenas um está a funcionar.

A segunda pior linha em termos de operacionalidade dos elevadores é a vermelha, onde se conta uma dezena de equipamentos avariados num total de 41, o que corresponde a uma taxa de imobilização de 24,39%. Na Linha Verde, em 37 elevadores, existem sete que não funcionam, correspondentes a quase 19% dos existentes. A linha com menos problemas acaba por ser a Amarela (Odivelas-Rato), onde apenas três dos 37 elevadores estão avariados, correspondendo a cerca de 8% dos equipamentos.

As mesmas razões

Questionada agora pelo PÚBLICO sobre os motivos desta elevada indisponibilidade dos elevadores, a empresa pública de transportes diz que "a razão mais frequente para a paragem dos elevadores no metro se deve à existência de pequenas avarias que, sempre que possível, são solucionadas no próprio dia".

Já as avarias mais prolongadas, diz o Metropolitano de Lisboa, "devem-se a situações diversas, desde o desgaste fruto da utilização diária pelos clientes a situações adversas, como condições ambientais a actos de vandalismo, agravadas pela idade média dos equipamentos, bem como a falta de meios dos prestadores externos de serviços de manutenção e a incapacidade de adquirirem atempadamente peças necessárias às reparações". Explicações que reiteram as dadas ao PÚBLICO, em Agosto do ano passado. Naquela altura, foi referido que o metro deveria investir, em 2023, 3,2 milhões de euros em manutenção, reparação e substituição de acessos mecânicos. Um acréscimo face aos dois milhões gastos no ano anterior.

Tal investimento não tem, todavia, tido resultados particularmente visíveis para quem utiliza a rede de transportes. "Apesar dos esforços desenvolvidos pelo Metropolitano de Lisboa para mitigar os transtornos que as falhas nestes equipamentos causam aos clientes, nomeadamente através da implementação de um programa de melhoria de acessibilidades e modernização de equipamentos mecânicos que existem nas estações da rede, subsistem condicionantes externas que não permitem uma reposição da operação dos elevadores que se avariam com a celeridade desejada", reconhece a empresa.

Referindo-se expressamente ao conjunto de escadas e tapetes rolantes, a transportadora diz que, das 244 existentes, "há 205 escadas rolantes operacionais, encontrando-se as restantes em processo de reparação ou substituição por novos equipamentos". Ou seja, existem 39 inoperacionais, sendo que o metro estima que "cerca de 60% deste equipamento" esteja "em funcionamento pleno até ao final do próximo mês".

Em 2023, o Metropolitano de Lisboa anunciou um investimento total de mais de 13 milhões de euros, visando a "melhoria de acessibilidades e modernização de equipamentos mecânicos que existem nas estações da rede", inserido no âmbito do Plano Nacional para a Promoção da Acessibilidade, com o objectivo de alcançar o princípio de "Acessibilidade e Mobilidade para Todos". Meta que será cumprida em 2025, incluindo a construção de raiz de equipamentos nas estações de Campo Pequeno, Picoas, Martim Moniz e Intendente.

Questionado sobre a possibilidade de criar para as escadas e tapetes rolantes uma aplicação semelhante à existente, desde Setembro de 2022, para o estado dos elevadores, o Metropolitano de Lisboa assume que tal poderá vir acontecer.

Parceiros de Maduro na América Latina cautelosos com resultados na Venezuela

LEONARDO FERNANDEZ VILORIA/REUTERS

Brasil, Colômbia e México têm-se demonstrado cautelosos com o resultado anunciado pelas autoridades venezuelanas e reclamado pela oposição

André Certã

Apesar das ligações que mantêm com o Governo de Maduro, países como Brasil, México e Colômbia têm apresentado algumas reticências a reconhecer, pelo menos no imediato, o resultado das eleições presidenciais na Venezuela realizadas no domingo, nas quais a vitória de Nicolás Maduro foi atribuída pelas autoridades eleitorais mas foi também reclamada pela oposição, liderada por María Corina Machado e o seu candidato presidencial, Edmundo González, e contestada por outros países da América Latina, como a Argentina ou o Chile.

A afirmação de Maduro antes das eleições de que, caso perdesse, a sua derrota iria causar "um banho de sangue" assustou Lula da Silva, Presidente do Brasil, que tem sido um dos parceiros regionais, primeiro de Hugo Chávez e depois de Nicolás Maduro. "Quem perde as eleições toma um banho de votos, não de sangue. Maduro tem de aprender: quando você ganha, você fica. Quando você perde, você vai embora e se prepara para disputar outra eleição", afirmou Lula em resposta às afirmações numa conferência de imprensa realizada no passado dia 22.

Depois das eleições, o Presidente brasileiro manteve-se em silêncio. A única declaração do Governo brasileiro em relação às eleições na Venezuela surgiu na forma de uma nota à imprensa no seu *site*, em que afirma aguardar "a publicação pelo Conselho Nacional Eleitoral de dados desagregados por mesa de votação", considerando-a um "passo indispensável para a transparência, credibilidade e legitimidade" das eleições.

Segundo a agência Reuters, o Presidente norte-americano, Joe Biden, pediu a Lula para conversar sobre a posição do Brasil em relação à situação na Venezuela, estando a conversa marcada para ontem à noite.

O Presidente colombiano, Gustavo Petro, próximo de Maduro mas que se reuniu com a oposição venezuelana e a tentou conciliar com as forças chavistas antes das eleições, nada disse também perante os resultados anunciados no domingo e subsequente contestação por parte das forças da oposição.

"A comunidade internacional e o povo venezuelano esperam que a transparência e as garantias eleitorais prevaleçam para todos os sectores. É importante esclarecer quaisquer dúvidas sobre os resultados. Isto implica que os observadores internacionais apresentem as suas conclusões sobre o processo", referiu o ministro dos Negócios Estrangeiros colombiano, Luis Gilberto Murillo, na rede social X. Esta foi a única declaração de representantes colombianos, país vizinho da Venezuela.

Já Andrés Manuel Lopez Obrador (conhecido pela sigla AMLO), Presidente do México, afirmou anteontem que prefere esperar pela contagem total dos votos antes de se pronunciar, referindo, no entanto, que reconheceria "o governo eleito pelo povo da Venezuela".

Estes três países, segundo noticiou a Bloomberg na segunda-feira, estavam a preparar uma declaração conjunta sobre a situação da Venezuela, mas, até ao momento, nenhuma posição foi tomada.

María Corina Machado e Edmundo González continuam a reclamar a vitória nas eleições. Em cima, Maduro e Lula em imagem de arquivo

51,2%

Segundo a CNE, controlada pelo chavismo, Maduro obteve 51,2% dos votos com 80% dos boletins contabilizados. Oposição não reconhece resultados

Para Elísio Estanque, sociólogo e professor universitário na Universidade de Coimbra, em declarações ao PÚBLICO, as posições cautelosas destes países devem-se a uma existência de provas objectivas que não permitem, no imediato, aos Estados reconhecerem já os resultados das eleições.

"O México e o Brasil não têm interesse em ficar conotados com essas forças incondicionais de Maduro porque há, com certeza, informações objectivas que permitem não acreditar naquilo que são os resultados oficiais de domingo", refere o sociólogo.

Por seu lado, Carmen Fonseca, investigadora do Instituto Português de Relações Internacionais da Universidade Nova de Lisboa (IPRI-Nova), refere que a mudança de posição do Brasil e da Colômbia face à Venezuela se deu, "acima de tudo, por razões ideológicas" e sublinha especialmente a posição "mais importante" do Brasil. A investigadora distingue a Colômbia e o Brasil do México, país que tem mantido uma "posição mais constante de silêncio absoluto", especialmente nos "últimos meses".

O posicionamento do Brasil e o posicionamento da Colômbia são, de acordo com a investigadora, muito importantes para "o posicionamento da Venezuela na região", referindo que estes eram "países que davam algum respaldo" à Venezuela, destacando também que as afirmações de Lula sobre o "banho de votos" que Maduro sofreria se perdesse são muito importantes neste contexto.

Para Carmen Fonseca, a importância do pronunciamento da Colômbia tem por base outro facto: a existência de uma grande migração de venezuelanos para a Colômbia, especialmente nos últimos anos.

Segundo o *El País*, em cada dez pessoas que saíram da Venezuela, devido às fracas condições económicas vividas na região, quatro foram para a Colômbia. Ao todo, segundo o instituto colombiano para a migração Migración Colombia, cerca de 2,8 milhões de venezuelanos estavam

MATEUS BONOMI/GETTY IMAGES

registados como migrantes na Colômbia em Dezembro do ano passado.

"A crise social e económica na Venezuela está a ter consequências na Colômbia, portanto é natural que os colombianos queiram ver esta situação resolvida", refere a investigadora.

Já para o Brasil, a motivação pode estar no papel de mediador entre as partes que o país quer ter na resolução da guerra na Ucrânia, pretendendo posicionar-se entre a Rússia e a Ucrânia, sem ter conotações muito fortes com qualquer uma das partes.

"Se quer ter alguma credibilidade internacional, o Brasil tem de alterar a sua posição relativamente à Venezuela e a Maduro", refere Carmen Fonseca, que sublinha que, "se quer ser mediador deste conflito, tem de fazer algo em relação à Ucrânia". O facto de Lula, sendo próximo de Maduro, não se posicionar da mesma forma que a Rússia ou países alinhados da mesma forma, tal como o Irão, é ainda, para Elísio Estanque, um indicador de que algo pode estar errado nos resultados eleitorais.

O sociólogo espera que as dúvidas dos Estados parceiros sejam esclarecidas, quer pela refutação dos resultados oficiais, quer pela confirmação destes, embora considere que, aconteça o que acontecer, "a instabilidade e a conflitualidade na Venezuela irão continuar".

Contestação

Dezenas de detidos e pelo menos seis mortos em protestos contra Maduro por toda a Venezuela

António Saraiva Lima

Milhares de pessoas saíram à rua em várias cidades da Venezuela para protestar contra a declaração de vitória de Nicolás Maduro nas eleições presidenciais de domingo. Há pelo menos seis mortes confirmadas em seis estados, segundo detalha o jornal *Folha de São Paulo*. Entre as vítimas mortais estarão dois menores de idade – um rapaz de 15 anos e outro de 16.

Em Coro, capital do estado de Falcón, os manifestantes derrubaram uma estátua do ex-Presidente e figura histórica do movimento bolivariano Hugo Chávez –segundo o jornal *El País*, pelo menos cinco estátuas do antecessor de Maduro, noutros pontos do país, sofreram o mesmo destino.

Citada pela Reuters, a organização não-governamental de defesa dos direitos humanos Observatório Venezuelano de Conflitos Sociais registou 187 protestos contra Maduro em 20 estados da Venezuela. Alguns dos protestos que terminaram em violência tiveram como protagonistas pessoas de cara tapada, muitas delas montadas em motorizadas.

Foram bloqueadas ruas e incendiados alguns veículos. Em quase todas as cidades viram-se, ainda assim, pessoas a caminhar pacificamente pelas ruas munidas de cartazes, bandeiras do país e tachos ou panelas, gritando "fraude" e outras palavras de ordem contra o Governo e o CNE.

Político da oposição detido

O Foro Penal, outra ONG que presta apoio jurídico a pessoas detidas arbitrariamente no país, diz que foram detidas 132 pessoas na sequência dos protestos. Freddy Superlano, um dos líderes do partido de Juan Guaidó, foi detido pelas autoridades venezuelanas, indica o jornal *Folha de São Paulo*. A confirmação foi feita na rede social X depois pelo próprio Guaidó, que está exilado nos EUA. "A ditadura acaba de sequestrar o líder político Freddy Superlano. São responsáveis pela sua integridade", escreveu.

Protestos na Venezuela

O partido Voluntad Popular, a que pertence Superlano, deixou um "alerta nacional e internacional" nas redes sociais. "Devemos denunciar responsavelmente ao país que foi sequestrado o nosso coordenador político nacional Freddy Superlano", pode ler-se na plataforma X.

Num comunicado ao país, a partir do palácio de Miraflores (sede presidencial), em Caracas, o próprio Nicolás Maduro falou em "dezenas" de detidos nas últimas horas, "apanhados em flagrante delito" e envolvidos em acções "criminosas e terroristas".

O líder chavista garantiu que 80% dos detidos "têm antecedentes criminais" e que 90% são "armados e drogados". "Confessam que estão a ser pagos [e que recebem] ordens precisas sobre onde atacar", denunciou, sem oferecer muitos pormenores sobre esta acusação. Por seu lado, Vladimir Padrino López, ministro da Defesa da Venezuela, disse ontem que o país está a ser vítima de "uma tentativa de golpe de Estado". "O Presidente Nicolás Maduro já se pôs em frente para o deter. E com ele, o povo e as instituições democráticas", referiu numa declaração ao país através da televisão.

"Fraude eleitoral"

Os críticos de Maduro e do CNE, assim como a oposição ao Presidente socialista venezuelano, acusam o regime de "fraude" eleitoral. Numa conferência de imprensa, na segunda-feira, em que insistiu que o candidato Edmundo González Urrutia é o "novo Presidente eleito da Venezuela", María Corina Machado, líder da oposição, disse que os 73% dos votos oficialmente contabilizados a que a sua equipa teve acesso apontavam para uma derrota clara de Maduro.

A oposição garante que González Urrutia juntou mais de 6,2 milhões de votos e que o homem que governa a Venezuela desde 2013 obteve pouco mais de 2,7 milhões. Estes números vão ao encontro das sondagens pré-eleitorais e à boca das urnas, que atribuíam a vitória ao candidato da Plataforma Unitária, com 65% do total de votos.

Invasão de base militar em Israel leva a medo de "colapso do Estado"

Maria João Guimarães

Ministro da Defesa questiona ministro da Segurança Interna sobre demora da acção da polícia em invasão de base militar

O caso em que um grupo de manifestantes conseguiu entrar numa base militar para tentar impedir a detenção, para investigação, de nove reservistas suspeitos de um ataque sexual grave contra um detido do Hamas – e uma segunda entrada numa outra base para onde estes foram levados para serem ouvidos – está a ser visto como um potencial momento decisivo em Israel, pelo raro confronto entre soldados e pela rejeição por integrantes do Governo da ideia de que militares devem ser investigados por maus tratos a detidos de movimentos que atacaram Israel.

"O que está a acontecer agora é o total desmantelamento das instituições do Estado e do monopólio do uso da força que é a base da soberania do Estado", escreveu na rede social X (antigo Twitter) Yaniv Roznai, vice-reitor da Faculdade de Direito da Universidade Reichman.

A especialista em política e opinião pública Dahlia Scheindlin comentou, também no X, que a situação foi "o mais perto que vivi do colapso do Estado". Haggai Matar, da revista *+972*, disse que não testemunhou nada tão perto de uma "guerra civil".

Já o jornalista do *Haaretz* Anshell Pfeffer desconfia da quantidade de vezes que é evocada a possibilidade de uma guerra civil em Israel – por exemplo, durante a tentativa do Governo de fazer a sua reforma judicial (para os apoiantes) ou golpe judicial (para os críticos), que levou aos maiores protestos no país.

"Não estava convencido na altura, nem agora, de que possa ocorrer", escreveu no X, "mas, se ocorrer, os acontecimentos na base Sde Teiman terão sido um ponto decisivo".

Os incidentes começaram na segunda-feira, depois da ida da polícia militar à base de Sde Teiman (onde os palestinianos detidos em Gaza são alojados para os primeiros interrogatórios e onde são denunciados, há meses, maus tratos e tortura) para deter nove reservistas suspeitos da violação em grupo de um detido que seria comandante de uma força de elite do Hamas. Depois do ataque, terá ficado em estado grave, tendo de ser hospitalizado e sujeito a cirurgia.

Alguns dos reservistas resistiram à detenção e fizeram vídeos apelando a ajuda para não serem levados. Alguns soldados na base terão usado gás pimenta contra os agentes da polícia militar.

Entretanto, uma multidão, que contou com deputados ultranacionalistas, pelo menos dois ministros, e reservistas armados, juntou-se à entrada da base e, a dada altura, forçou a entrada.

Ataque contra Hezbollah

O ministro da Defesa, Yoav Gallant, pediu uma investigação para determinar se o ministro da Segurança Nacional, o extremista Itamar Ben-Gvir (que declarou apoio aos suspeitos) teria tido envolvimento no atraso da chegada da polícia à base, falando de "um duro golpe para a segurança do Estado e para a autoridade do Governo", e apelando a "uma atitude firme contra os membros da coligação que participaram no motim" de Netanyahu.

Israel anunciou um ataque em Beirute. Não é claro se o comandante do Hezbollah, que era o alvo, morreu

O líder da oposição, Yair Lapid, pediu uma audiência parlamentar ao caso que considerou ter sido o equivalente a "uma tentativa de gole de Estado contra um primeiro-ministro enfraquecido".

Até agora, a única parte alvo de uma sessão parlamentar foi o modo como se efectuou a detenção, numa reunião da comissão de Defesa à porta fechada. O líder da comissão, Yuli Edelstein, congratulou-se por ter havido uma admissão de que tinham sido cometidos "erros" durante a detenção.

O caso teve gravidade suficiente para ser visto como o motivo para o adiamento de uma resposta israelita ao ataque do Hezbollah que no fim-de-semana matou 12 crianças e adolescentes drusos nos Montes Golã (território que o Estado hebraico conquistou à Síria em 1979 e anexou em 1981). A resposta aconteceu, afinal, no final do dia de ontem: um ataque contra um importante comandante do Hezbollah, Fuad Shukr, nos subúrbios do Sul de Beirute. Não era claro se Shukr, membro do Hezbollah desde a sua fundação, "número dois" da sua ala militar, tinha ou não morrido no ataque.

Biden propõe limite de mandatos e código de conduta para o Supremo Tribunal

Presidente dos EUA diz que o tribunal foi transformado "numa arma por aqueles que procuram levar a cabo uma agenda extremista"

Joe Biden propôs na segunda-feira mudanças radicais no Supremo Tribunal. Segundo o Presidente norte-americano, são necessárias reformas para conter um tribunal que é actualmente dominado por juízes conservadores e que está a ser usado como arma para pôr em causa princípios e garantias de direitos civis há muito consagrados no país.

O Presidente democrata diz que quer trabalhar com o Congresso para aprovar uma série de reformas, incluindo uma limitação de mandatos e um código de conduta vinculativo, mas a oposição imediata manifestada pelo Partido Republicano ao seu plano não significa que as propostas não têm praticamente hipóteses de ser aprovadas. "Precisamos destas reformas para restaurar a confiança no tribunal", defendeu Biden num discurso que assinalou o 60.º aniversário da Lei dos Direitos Civis de 1964, na biblioteca presidencial do ex-Presidente Lyndon B. Johnson, em Austin, no Texas.

Biden desafiou o Congresso a aprovar medidas que exigiriam aos juízes do Supremo que revelassem presentes recebidos, que abdicassem da sua actividade política pública, que recusassem casos em que eles ou os seus cônjuges tivessem conflitos de interesse, entre outras.

O chefe de Estado também propôs um limite de 18 anos de mandato para os juízes - actualmente os magistrados nomeados para o Supremo Tribunal gozam de mandatos vitalícios.

A maioria dos países da OCDE tem limites de mandato ou uma idade de reforma obrigatória, ou ambos, para juízes que servem nos respectivos tribunais superiores.

"[O limite de mandatos] garantiria que o país não tem o que tem agora: um tribunal extremista (...) que foi transformado numa arma por aqueles que procuram levar a cabo uma agenda extremista para as próximas décadas", acusou Biden.

Entre os nove actuais juízes do Supremo, seis são conservadores e três são liberais. Três dos magistrados conservadores foram nomeados pelo ex-Presidente Donald Trump. Em 2022, Biden nomeou Ketanji Brown Jackson, que se tornou a primeira mulher negra a chegar à mais alta instância judicial do país.

ELIZABETH FRANTZ/REUTERS

Biden procura deixar obra feita antes de sair da liderança dos EUA

Os três juízes nomeados por Trump foram decisivos, por exemplo, na reversão da decisão do caso *Roe vs. Wade* (1973), que estabeleceu o direito ao aborto, em 2022. Ou no reconhecimento, no início do mês, de que os presidentes dos EUA podem beneficiar de imunidade contra acusações criminais relacionadas com actos oficiais – esta decisão esteve relacionada com a conduta de Trump no pós-eleição de 2020, que incluiu a pressão sobre responsáveis eleitorais para não certificarem a vitória de Biden nas urnas e a promoção de um plano para enviar certificados eleitorais falsos para o Congresso, que culminaram com a invasão do Capitólio.

Na segunda-feira, Biden também propôs uma emenda constitucional para eliminar a imunidade presidencial reconhecida com esta última decisão do Supremo Tribunal, alertando que a mesma estabelece um precedente perigoso que pode resultar em graves abusos no futuro.

O democrata renunciou na semana passada a concorrer à reeleição e endereçou o seu apoio à actual vice-presidente, Kamala Harris, para que seja a candidata do Partido Democrata na eleição presidencial de 5 de Novembro, contra Trump.

Harris, uma antiga procuradora-geral da Califórnia, disse através de um comunicado publicado na segunda-feira que "ninguém deve estar acima da lei" na democracia americana. "Devemos também garantir que nenhum ex-Presidente tenha imunidade por crimes cometidos enquanto estava na Casa Branca", defendeu.

Mas o presidente da Câmara dos Representantes, o republicano Mike Johnson, que descreveu as propostas de Biden como um esforço para "deslegitimar o tribunal", disse que aquelas não serão consideradas pela câmara baixa do Congresso, onde o seu partido tem maioria. "Esta perigosa aposta do governo Biden-Harris está morta à nascença na câmara", assegurou Johnson, um apoiante de Trump. **PÚBLICO**

Empresa condenada pelas dívidas ocultas vai levar Nyusi a tribunal quando este deixar de ser Presidente de Moçambique

António Rodrigues

A Procuradoria-Geral de Moçambique e o Governo de Filipe Nyusi reclamaram para si os louros da decisão do Tribunal Comercial de Londres que, na segunda-feira, julgou a favor do Estado moçambicano no caso das dívidas ocultas, o maior escândalo de corrupção na história do país. No entanto, se a decisão foi favorável a Maputo, a justificação avançada pelo juiz que condenou a empresa Privinvest, do empresário franco-libanês Iskandar Safa, falecido em Janeiro, por explorar Moçambique também refere que as autoridades do país "podiam ter feito bem melhor" para evitar que o país fosse explorado.

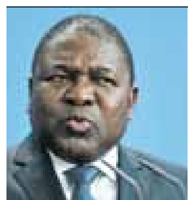
O juiz Robin Knowles considerou que o Estado moçambicano tem direito a um pagamento de 825 milhões de dólares (761,3 milhões de euros) e a uma indemnização de 1,5 mil milhões de dólares (1,38 mil milhões de euros), incluindo 1,4 mil milhões de dólares que Moçambique tem de pagar a detentores de obrigações até 2031.

"O julgamento mostrou que se tratou de um caso em que Moçambique, como nação em desenvolvimento, foi explorada por instituições e empresas altamente desenvolvidas que deviam saber o que estavam a fazer", escreveu o juiz. Por outro lado, "também mostrou uma nação bem capaz de fazer melhor, mas cujas autoridades e membros do Governo a deixaram ficar mal".

Muitos em Moçambique se apressaram a ver na decisão uma vitória para Nyusi. Elísio Macamo, sociólogo moçambicano, co-autor do *podcast* do PÚBLICO sobre temas africanos *Na Terra dos Cacos*, diz que o tiro pode sair pela culatra, "porque, para todos os efeitos, o calote foi feito pela Frelimo e o actual Presidente fazia parte do Governo que fez esse calote e ele é a pessoa que esteve, como ministro da Defesa, praticamente à frente do processo".

A Privinvest já fez saber que vai recorrer da decisão porque Moçambique "não cumpriu com as suas obrigações e ignorou as ordens do tribunal" para disponibilizar os documentos do caso. Segundo disse a empresa em comunicado, citado pela *Carta de Moçambique*, os documentos demonstram que tentou por todos os meios concretizar os projectos.

"A Privinvest manteve o seu compromisso para tentar fazer com que o Presidente Nyusi reconhecesse a verdade sobre o que fez e sobre o que aconteceu", diz o comunicado. E, mesmo que não tenha acontecido, "o juiz "desfez os mitos que Maputo vem tentando preservar" ao não reconhecer que as "dívidas foram 'ocultadas' de Moçambique" e que os projectos "respondiam a necessidades reais".



Segundo a Privinvest, o juiz reconheceu que Filipe Nyusi não agiu de acordo com os interesses do seu povo

No entender do juiz, "o senhor Safa e as empresas da Privinvest têm razão em dizer que os projectos não foram ocultados de Moçambique" e que "eram, em todos os momentos relevantes, do conhecimento de, e apoiados por, várias autoridades específicas e por titulares de cargos públicos de Moçambique, incluindo no gabinete do Presidente e no SISE [Serviços de Informação e Segurança do Estado], incluindo o Presidente [Armando] Guebuza e (tanto enquanto Presidente, quanto ministro da Defesa) o Presidente Nyusi".

Aliás, o juiz admite que "haveria documentos relevantes no gabinete do Presidente e no SISE", no entanto "quase nenhum documento vindo dessas fontes em Moçambique foi disponibilizado". Prova, segundo a empresa, de que "a capacidade" do juiz de "conduzir um julgamento justo" acabou por ser "deliberadamente sabotada pela estratégia de litígio de 'documentos ocultos'".

É por isso que a empresa garante que a decisão "deixa expressamente em aberto as acções contra o Presidente Nyusi após o 'fim da sua imunidade como chefe de Estado'" e que a Privinvest irá apresentar queixa contra Nyusi quando este deixar o cargo, em Janeiro. Porque o juiz "reconheceu que o Presidente Nyusi e a sua elite política deixaram, de maneira abjecta, de agir de acordo com os melhores interesses do povo a quem eles (por enquanto) servem".

Como refere Macamo, não ficou "completamente provado que houve suborno", mas "está completamente provado que houve um aproveitamento dos valores do empréstimo por pessoas que estavam dentro do assunto". E não só pelo ex-ministro das Finanças Manuel Chang, actualmente a ser julgado num tribunal em Nova Iorque.

Sem ajuda das exportações, Portugal deixou fugir a Espanha

As duas economias ibéricas tinham sido, nos seis meses anteriores, das que mais tinham crescido na zona euro. Agora, Portugal abrandou, enquanto a Espanha manteve o ritmo no segundo trimestre deste ano

Sérgio Aníbal e Luís Villalobos

Depois de ter acompanhado a Espanha no final do ano passado e no arranque deste ano como uma das economias da zona euro com taxas de crescimento mais elevadas, Portugal abrandou durante o segundo trimestre e não conseguiu manter o mesmo ritmo que o país vizinho. É no sector exportador – que continuou com um crescimento impressionante em Espanha mas que em Portugal não foi o mesmo motor que tinha sido nos trimestres anteriores – que parece estar a explicação para a diferença de desempenho das duas economias ibéricas.

No último trimestre de 2023 e no primeiro trimestre de 2024, numa altura em que o total da economia da zona euro muito pouco crescia, Portugal e a Espanha registaram taxas de crescimento exactamente iguais e bastante significativas: 0,7% no final de 2023 e 0,8% no arranque deste ano. Estes valores contrastam com o zero e 0,3%, respectivamente, registados na zona euro, tendo sido superados apenas por Croácia e Chipre.

A explicação para este desempenho bem acima da média das economias ibéricas e de outras economias do Sul da Europa, incluindo a Grécia e Malta, esteve no facto de, ao contrário dos países do Norte e Leste, terem beneficiado de um crescimento forte do sector do turismo, que tem um peso muito relevante nas suas economias. Graças a isso, conseguiram compensar melhor que outras o impacto negativo que as taxas de juro elevadas estão a ter no consumo e no investimento.

No segundo trimestre deste ano, contudo, revelam os dados divulgados ontem, o desempenho destas economias do Sul deixou de apontar em todos os casos para o mesmo sentido e, na Península Ibérica, enquanto a Espanha manteve o mesmo ritmo forte de crescimento, com uma nova variação do PIB em cadeia de 0,8%, Portugal abrandou acentuadamente, com uma variação de apenas 0,1%.

Em Espanha, revelam os dados publicados pela autoridade estatística do país, o sector do comércio, transportes e hotelaria, que tem uma parte substancial das exportações relacionadas com o turismo, registou um crescimento em cadeia de 2,8%, contribuindo por isso com 0,6 pontos para o crescimento total de 0,8% registado pela economia.

RUI GAUDÊNCIO

Crescimento forte do turismo tem impulsionado economias do Sul da Europa

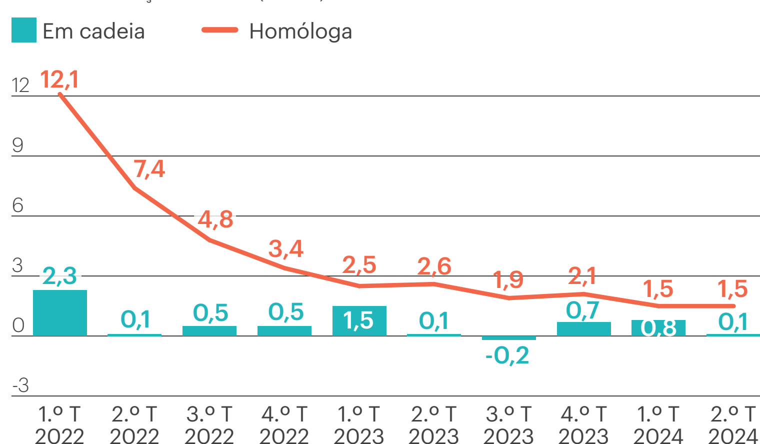
No caso de Portugal, os dados publicados ontem pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) não incluem ainda os valores registados nas diversas componentes do PIB. No entanto, o INE revela, ao explicar as forças por trás da variação em cadeia de 0,1% observada no PIB, que o segundo trimestre foi de estagnação nas exportações, que tinham sido o principal motor da economia no primeiro trimestre.

Qualquer despesa de um turista no país é registada como exportação de serviços

“O contributo da procura externa líquida passou a negativo, verificando-se uma variação nula das exportações de bens e serviços”, afirma a nota publicada pelo INE, que acrescenta ainda que se observou no mesmo período “um crescimento do investimento e uma desaceleração do consumo privado”.

PIB prolonga taxas de crescimento positivas

Taxa de variação do PIB (em %)



Fonte: INE

PÚBLICO

Turismo abranda

Dentro das exportações, uma das razões para os resultados positivos que têm vindo a ser atingidos por Portugal está no turismo.

Qualquer despesa realizada por um turista no país é registada em contas nacionais como uma exportação de serviços de turismo e uma parte importante da variação das exportações em Portugal tem sido por contributo dos serviços e, em particular, dos serviços de turismo.

Ontem, foram conhecidos dados que mostram que, no turismo, embora a tendência ainda seja de crescimento, tem havido sinais nos últimos meses de algum abrandamento, com as exportações de viagens e turismo a registarem no segundo trimestre deste ano uma desaceleração, com destaque para Abril e Junho, meses em que o crescimento face ao ano passado, medido em termos nominais, ficou abaixo dos dois dígitos. De acordo os dados do Banco de Portugal, o mês de Abril foi o que registou um menor crescimento em termos homólogos, com 6,2%, chegando aos 2058,3 milhões de euros (este ano, a Páscoa foi no final de Março). Em Junho, o crescimento foi de 8,6% face ao mesmo mês de 2023 (ano em que se bateram novos recordes de receitas no sector), depois dos 11,7% de Maio.

Contas feitas, verifica-se que no primeiro trimestre as exportações de viagens e turismo subiram 15% para 4770,6 milhões, abrandando depois ao crescer 8,9% para 6795,6 milhões no segundo trimestre.

No ano passado, as exportações de viagens e turismo totalizaram 25.140 milhões de euros, 18,9% acima do montante de 2022.

Em linha com o Governo

O crescimento de 0,1% no segundo trimestre (precisamente o que tinha acontecido no ano passado) significou que, em comparação com o período homólogo, a variação do PIB português se manteve nos 1,5%, o resultado que já se tinha registado no primeiro trimestre do ano.

Isto significa que na primeira metade do ano o ritmo de crescimento da economia ficou em linha com a previsão realizada pelo Governo para a totalidade de 2024 e que é precisamente de 1,5%. Outras entidades, como o Banco de Portugal ou o FMI, apresentaram projecções mais optimistas de crescimento para o total do ano, mais próximas de 2%.

A forma como a economia portuguesa se comporta na segunda metade do ano depende de diversos factores. Por um lado, pela positiva, o início das descidas das taxas de juro por parte do BCE poderá ajudar, quer a reanimar o consumo e o investimento, quer a melhorar a conjuntura exterior, nem que seja evitando que a zona euro – e principalmente a Alemanha – saia da situação de estagnação em que se encontra há já vários trimestres para um cenário pior.

Por outro lado, pela negativa, existe o risco de que um abrandamento no turismo retire à economia portuguesa o motor que mais a tem feito acelerar nos últimos anos, bem como a ameaça de um contágio da crise na indústria exportadora alemã, que fez com que no segundo trimestre voltasse a registar uma contracção, ao resto da zona euro.

Volume de negócios da Sonae supera quatro mil milhões

Rosa Soares

Novas aquisições, retalho alimentar e telecoms geram crescimento de 18% do EBITDA, para 410 milhões de euros no semestre

ANNA COSTA

O retalho alimentar continua a ser o motor do grupo de distribuição liderado por Cláudia Azevedo

Os principais negócios da Sonae "continuaram a apresentar desempenhos notáveis". É desta forma que a presidente executiva da Sonae, Cláudia Azevedo, se refere aos resultados alcançados nos primeiros seis meses do corrente ano, período em que o volume de negócios consolidado aumentou 11%, ou mais 436 milhões de euros, para 4,3 mil milhões, face ao mesmo período do ano passado.

De acordo com a informação divulgada ontem pelo grupo (proprietário do PÚBLICO, o EBITDA (resultados antes de juros, impostos, depreciação e amortização) "melhorou 18%", para 410 milhões de euros, "impulsionado pelo crescimento da MC e da Worten, que reforçaram as suas posições de liderança no mercado português, e pela integração da Musti".

A margem EBITDA fixou-se em 9,6%, mais 0,6 pontos percentuais comparativamente ao primeiro semestre de 2023, tendo atingido os 10,5% no segundo trimestre do corrente ano.

O resultado líquido atribuível aos accionistas atingiu 75 milhões de euros, mais 14% do que em período homólogo, "devido à sólida *performance* operacional", refere o comunicado. O resultado líquido total atingiu 101 milhões de euros (+16,1%), penalizado em 26 milhões por "interesses sem controlo".

Num período marcado por aquisições fora de Portugal, numa estratégia de diversificação de negócios e reforço na internacionalização, o grupo liderado por Cláudia Azevedo destaca o investimento de 1,3 milhões de euros realizado nos últimos 12 meses, "tendo triplicado no semestre para um valor recorde de 966 milhões. Neste investimento está a conclusão da aquisição da Musti, "assumindo o controlo da empresa líder de mercado no retalho de produtos para animais de estimação nos países nórdicos, e a aquisição de uma participação de 89,1% na BCF Life Sciences, empresa francesa de ingredientes para a indústria da nutrição".

Por segmentos de negócio, é destacado o desempenho da MC, que "continuou a enfrentar um ambiente competitivo forte e exigente no sector alimentar português", com um crescimento de 7,8% no volume de negócios, em termos homólogos, para 3,3 mil milhões de euros, um ganho "impulsionado pelo melhor desempenho do segmento alimentar e do segmento saúde, bem-estar e beleza (SBB)".

De acordo com a informação divulgada, a rentabilidade da MC "manteve um perfil consistente nos últimos trimestres com a implementação de medidas de controlo de custos eficientes e com um EBITDA subjacente de 305 milhões de euros, mais 26 milhões em termos homólogos, e com uma margem de 9,3% (+0,1 pontos percentuais em termos homólogos)".

O segundo maior contributo para volume de negócios veio da Worten, que "continuou a enfrentar um mercado bastante competitivo, mas reforçou a sua posição de liderança quer *offline* quer *online*", com 593 milhões de euros, mais 6,5% do que em período homólogo. As vendas *online* desta retalhista de electrónica aumentaram 14%, atingindo 17% do volume de negócios total.

No segmento imobiliário, a Sierra registou um crescimento de 17,2% no resultado líquido, para 45 milhões de euros, "impulsionado sobretudo pelo impacto da melhoria das avaliações ao nível do resultado indirecto, sendo o contributo para o EBITDA da Sonae de 26 milhões de euros".

> **[A Sonae assumiu] o controlo da empresa líder de produtos para animais de estimação nos países nórdicos, e [fez] a aquisição de 89,1% na empresa francesa de ingredientes para a indústria da nutrição**
>
> **Sonae**
> Comunicado

Ainda neste domínio é destacado o desempenho da iServices, que continua "a apostar na sua expansão internacional, nomeadamente em Espanha, França e Bélgica, tendo aberto um total de 16 novas lojas no período, das quais dez fora de Portugal".

No segmento imobiliário, a Sierra registou um crescimento de 17,2% no resultado líquido, para 45 milhões de euros, "impulsionado sobretudo pelo impacto da melhoria das avaliações ao nível do resultado indirecto, sendo o contributo para o EBITDA da Sonae de 26 milhões de euros".

As contas consolidadas da Sonae contaram ainda com a contribuição, pelo método de equivalência patrimonial, de 53 milhões de euros da Nos, "impulsionada pela melhoria do desempenho operacional e pela mais-valia de 31 milhões de euros relativa à venda de outro conjunto de torres à Cellnex". A Nos também pagou, em Maio, 0,35 euros por acção de dividendos relativos aos resultados de 2023, totalizando um pagamento de 67 milhões de euros à Sonaecom".

Governo não antecipa aumento do SMN

Ministra do Trabalho voltou a reunir-se com parceiros sociais. Acordo de Rendimentos foi novamente revisitado

A ministra do Trabalho garantiu ontem que o Governo não vai antecipar o aumento do salário mínimo nacional (SMN) antes de discutir esta matéria em concertação social nem está preocupado com o facto de o próximo encontro decorrer perto do orçamento.

"O Governo não antecipa absolutamente nada em relação a essa matéria porque essa matéria será, em primeiro lugar, discutida na concertação social", afirmou a ministra do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, Maria do Rosário Ramalho, que falava aos jornalistas no final da reunião de concertação social, em Lisboa.

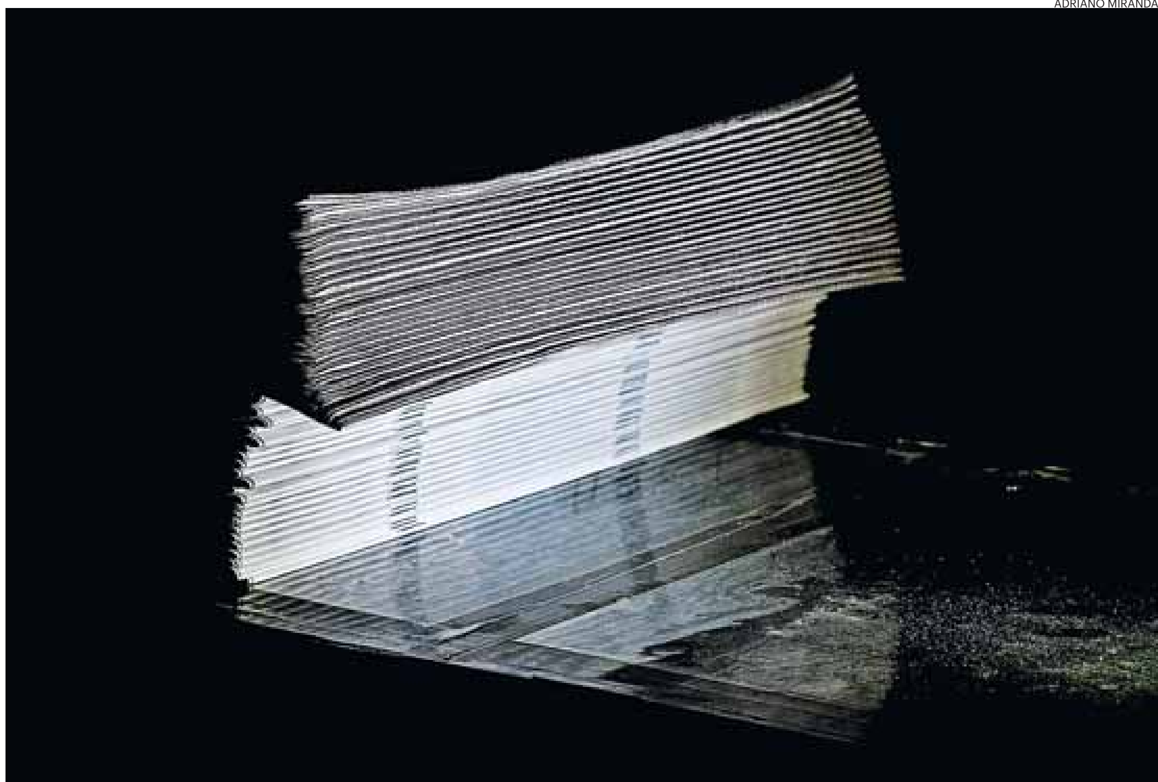
A governante assegurou ainda não estar preocupada com *timings*, mesmo tendo em conta que a próxima reunião de concertação social ocorrerá a pouco tempo da apresentação do próximo Orçamento do Estado. A próxima reunião deverá decorrer em 11 de Setembro. "Este Governo já se reuniu mais com a concertação social do que o outro Governo em muito mais tempo", vincou.

O Governo e os parceiros sociais revistaram ainda, em concertação social, 21 medidas do acordo de rendimentos, mas a ministra esclareceu que as restantes nove não caíram, dado que já estavam implementadas ou integradas. "São 21 medidas. Algumas foram consideradas menos relevantes ou parcialmente cumpridas. Tivemos de ir verificar todas uma a uma. Este foi o número a que se chegou", indicou a ministra do Trabalho, Maria do Rosário Ramalho, no final da reunião de concertação social, em Lisboa.

Inicialmente, a ministra tinha referido que seriam 30 as medidas do acordo de rendimento a serem revisitadas.

Maria do Rosário Ramalho detalhou ainda que, nesta reunião, além do acordo de rendimentos, foi abordado o acordo de formação profissional, "com detalhe", relativamente a várias medidas identificadas e consensualizadas nos grupos de trabalho que reuniram sobre estas matérias. Em cima da mesa esteve igualmente o Livro Verde sobre a Segurança e Saúde no Trabalho.

ADRIANO MIRANDA



Crise no mercado de papel acentuou os problemas da Inapa

Segundo maior accionista da Inapa desiste de AG, acções afundam 92,5%

Luís Villalobos

Nova Expressão pediu uma reunião extraordinária, mas recuou depois de a empresa ter entregado o pedido de insolvência

Dona de 10,8% do capital da Inapa, a Nova Expressão, detida por Pedro Baltazar, entregou segunda-feira "ao final do dia" um requerimento para a convocação de uma assembleia geral extraordinária da empresa.

A ideia, segundo se lê no comunicado enviado ontem ao regulador do mercado de capitais, a CMVM, era discutir a "viabilidade económica" da empresa e avançar com uma "operação harmónio" (redução de capital para cobrir prejuízos, seguindo-se depois uma injecção de capital fresco).

No entanto, diz o comunicado, o pedido "não se encontrava acompanhado das respectivas propostas", facto "que foi imediatamente comunicado à Nova Expressão, tendo-lhe sido igualmente solicitada uma reunião urgente para coordenar a preparação e envio ao senhor presidente da mesa da assembleia geral dessas propostas". Já na manhã de ontem, esclarece-se, foi entregue um novo requerimento da Nova Expressão, "no qual se solicita que se desconsidere o pedido de convocação de uma assembleia geral extraordinária da Inapa".

A Nova Expressão explicou que tinha deixado de haver condições para a reunião extraordinária devido às "novas informações relativas à efectiva entrega em tribunal do pedido de insolvência" da Inapa, comunicada também na segunda-feira, às 18h34, e "aos fundamentos para o referido pedido relacionados com a prestação de garantias pela sociedade".

Acções em queda livre

No documento em que deu conta da entrega do pedido de insolvência no Juízo de Comércio do Tribunal Judicial da Comarca de Lisboa Oeste, a Inapa referiu que o incumprimento de uma carta de conforto emitida junto dos bancos financiadores alemães e a insolvência da Inapa Deutschland "determinavam o vencimento antecipado do financiamento obtido junto do consórcio alemão de bancos", no montante de 17,7 milhões de euros.

Adicionalmente, a *holding* portuguesa, para se financiar junto do BCP, ao qual deve 34,7 milhões de euros, tinha apresentado como garantia as acções da sua empresa alemã.

"A declaração de insolvência da sociedade Inapa Deutschland Holding implicava o vencimento antecipado dos referidos financiamentos contraídos pela Inapa IPG junto do Millennium BCP, não tendo a Inapa IPG capacidade para liquidar tal dívida", esclareceu-se no comunicado emitido na segunda-feira.

Outro factor apontado pela Nova Expressão para não avançar com a assembleia geral extraordinária é "o levantamento da suspensão da negociação" das acções, algo que foi anunciado pela CMVM no mesmo dia às 19h30. As acções encontravam-se suspensas desde 19 de Julho, sexta-feira (o anúncio das dificuldades da Inapa, provocadas pelo negócio na Alemanha e impactos na tesouraria, foi efectuado no domingo seguinte).

Ontem, as acções fecharam em forte queda, com cada título a valer 0,0022 euros, menos 92,5% face ao fecho do passado dia 19. Em Junho de 2000, cada acção chegou a valer 4,8 euros, passando em Abril de 2006 para 2,1 euros. Em Dezembro de 2007, ficou abaixo de um euro e, em Novembro de 2018, acabou por valer menos de 10 cêntimos.

O maior accionista da Inapa é o Estado, com 44,89%, seguindo-se a Nova Expressão, com 10,85%, e o Novo Banco, com 6,55%. O resto do capital, 37,71%, está disperso em bolsa por pequenos investidores.

O próximo passo será a nomeação de um administrador de insolvência, "que ficará responsável pela condução do processo e pela determinação dos próximos passos processuais", como a composição da lista de credores.

Com 1652 trabalhadores em várias geografias (cerca de 200 em Portugal), a Inapa, líder na distribuição de papel na Europa Ocidental, teve vendas consolidadas de 969 milhões de euros em 2023, menos 20% face ao ano anterior. Já o resultado líquido foi negativo em oito milhões de euros.

CTT vivem pior sessão em bolsa desde Novembro de 2017

As acções dos CTT fecharam ontem a cair 10%, um dia depois de os Correios de Portugal terem divulgado uma quebra de 24% do resultado líquido, para 19,8 milhões de euros no primeiro semestre.

No fecho da sessão, os títulos dos CTT perderam 10,44%, para 4,16 euros, naquele que foi o seu pior dia em bolsa em perto de sete anos.

De acordo com os CTT, "o resultado líquido atingiu 19,8 milhões de euros no primeiro semestre de 2024, menos 6,2 milhões de euros face ao primeiro semestre de 2023". Os rendimentos operacionais ascenderam a 524,3 milhões de euros, mais 9,1% em termos homólogos, e o resultado antes de impostos, juros, depreciações e amortizações (EBITDA) caiu 11,6%, para 70,8 milhões de euros.

No período em análise, os rendimentos operacionais dos serviços financeiros atingiram 11,1 milhões de euros, uma quebra de 34,9 milhões do que um ano antes, sendo que "este desempenho desfavorável, quando comparado com o período homólogo, advém do comportamento dos títulos de dívida pública", referiram os CTT, no comunicado das contas.

No primeiro semestre de 2023, "os títulos de dívida pública atingiram níveis máximos históricos de colocação, induzidos pela maior atractividade do produto quando comparado com os depósitos bancários". Entretanto, "a alteração das condições de comercialização em Junho de 2023 reduziu a atractividade deste produto para o aforrador, devido à redução das taxas de juro, e limitou a capacidade de comercialização, devido à diminuição drástica dos limites máximos de aplicação por subscritor".

Correios sofreram uma quebra de 24% do resultado líquido, para 19,8 milhões de euros

"Perspectiva-se que uma possível futura alteração das condições de comercialização venha a aumentar a subscrição deste produto", adiantam os CTT. **PÚBLICO/Lusa**

GUARDA

AVISO

SUMÁRIO: Publicação e Publicitação dos Resultados do 3.º Método De Seleção Obrigatório - Entrevista de Avaliação de Competências e Projeto de Lista Unitária de Ordenação Final | Homologação da Lista Unitária de Ordenação Final dos Candidatos Aprovados

Procedimentos Concursais Comuns para Constituição de Relação Jurídica de Emprego Público por Tempo Indeterminado na carreira e categoria de Assistente Operacional e Assistente Técnico.

1. Torna público, nos termos do disposto pelo Art. 6.º da Portaria n.º 233/2022, de 09 de Setembro e Art.º 112.º, n.º 1, al. e) do C.P.A., que está disponível para consulta no sítio oficial da internet do Município da Guarda https://www.mun-guarda.pt/, as seguintes informações com referência aos procedimentos concursais abaixo identificados:

Assistente Operacional:

Ref. AO – A.3: que se encontra publicada a Ata n.º 6 do procedimento concursal com vista ao preenchimento de três postos de trabalho da categoria e carreira geral de Assistente Operacional **para exercício de funções de Vigilantes para os Serviços de Transportes Escolares,** cuja **Referência é AO-A.3**, conforme Aviso (extrato) n.º 8346/2023, publicado no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 80, de 24 de abril, e na página eletrónica do Município, bem como na Bolsa de Emprego Público, com o código de oferta OE202304/0731.

Ref. AO – A.4: que se encontra publicada a Ata n.º 6 do procedimento concursal com vista ao preenchimento de um posto de trabalho da categoria e carreira geral de Assistente Operacional para **exercício de funções de Limpeza e Manutenção para os Serviços de Transportes Escolares,** cuja **Referência é AO-A.4**, conforme Aviso (extrato) n.º 8346/2023, publicado no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 80, de 24 de abril, e na página eletrónica do Município, bem como na Bolsa de Emprego Público, com o código de oferta OE202304/0732.

Ref. AO – B.5: que se encontra publicada a Ata n.º 7 do procedimento concursal com vista ao preenchimento de dois postos de trabalho da categoria e carreira geral de Assistente Operacional **para exercício de funções de Segurança para os Serviços de Equipamentos e Edifícios Municipais da Secção de Equipamentos e Infraestruturas,** cuja **Referência é AO-B.5**, conforme Aviso (extrato) n.º 8346/2023, publicado no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 80, de 24 de abril, e na página eletrónica do Município, bem como na Bolsa de Emprego Público, com o código de oferta OE202304/0741.

Ref. AO – C.3: que se encontra publicada a Ata n.º 6 do procedimento concursal com vista ao preenchimento de oito postos de trabalho da categoria e carreira geral de Assistente Operacional **para exercício de funções de Limpeza para os Serviços de Limpeza e Higiene Urbana da Secção de Ambiente,** cuja **Referência é AO-C.3**, conforme Aviso (extrato) n.º 8346/2023, publicado no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 80, de 24 de abril, e na página eletrónica do Município, bem como na Bolsa de Emprego Público, com o código de oferta OE202304/0752.

Assistente Técnico:

Ref. AT – A.1: que se encontra publicada a Ata n.º 9 do procedimento concursal com vista o preenchimento de dois postos de trabalho, da carreira/categoria geral de **Assistente Técnico** para exercício de funções nas **Áreas de Fotografia, Design e Jornalismo para o Gabinete de Comunicação, Relações Públicas e Protocolo,** cuja **Referência é AT-A.1**, conforme Aviso (extrato) n.º 6791/2023, publicado no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 65, de 31 de março, e na página eletrónica do Município, bem como na Bolsa de Emprego Público, com o código de oferta OE202303/1174.

Ref. AT – B.2: que se encontra publicada a Ata n.º 10 do procedimento concursal com vista o preenchimento de dois postos de trabalho, da carreira/categoria geral de Assistente Técnico para exercício de funções nos Serviços de Recursos Humanos e Vencimentos da Secção de Recursos Humanos, cuja **Referência é AT-B.2**, conforme Aviso (extrato) n.º 6791/2023, publicado no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 65, de 31 de março, e na página eletrónica do Município, bem como na Bolsa de Emprego Público, com o código de oferta OE202303/1177.

Ref. AT – C.1: que se encontra publicada a Ata n.º 8 do procedimento concursal com vista o preenchimento de um posto de trabalho da categoria e carreira geral de Assistente Técnico para exercício de funções de Apoio Administrativo nos Serviços de Compras e Concursos da Secção de Contratação Pública e Inventários, cuja **Referência é AT-C.1**, conforme Aviso (extrato) n.º 6791/2023, publicado no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 65, de 31 de março, e na página eletrónica do Município, bem como na Bolsa de Emprego Público, com o código de oferta OE202303/1179.

Ref. AT – D.1: que se encontra publicada a Ata n.º 10 do procedimento concursal com vista o preenchimento de um posto de trabalho da categoria e carreira geral de Assistente Técnico para exercício de funções de **Apoio Administrativo nos Serviços de Transportes Escolares**, cuja **Referência é AT-D.1**, conforme Aviso (extrato) n.º 6791/2023, publicado no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 65, de 31 de março, e na página eletrónica do Município, bem como na Bolsa de Emprego Público, com o código de oferta OE202303/1180.

Ref. AT – H.1: que se encontra publicada a Ata n.º 7 do procedimento concursal com vista o preenchimento de um posto de trabalho da categoria e carreira geral de Assistente Técnico **para exercício de funções Administrativas da Secção de Equipamentos Desportivos**, cuja **Referência é AT-H.1**, conforme Aviso (extrato) n.º 6791/2023, publicado no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 65, de 31 de março, e na página eletrónica do Município, bem como na Bolsa de Emprego Público, com o código de oferta OE202303/1185.

2. Ficam assim notificados, os/as candidatos/as excluídos/as dos procedimentos concursais em referência das garantias impugnação, previstas nos termos do disposto pelo Art.º 3.º, conjugado com o artigo 28.º, ambos da Portaria n.º 233/2022, de 9 de setembro.

3. Ficam notificados/as os candidatos/as do Procedimento Concursal com as referências **AO-A.3, AO-A.4, AO-C.3, AT-D.1, AT-G.1 e AT-H.1** dos Resultados da Entrevista de Avaliação de Competências (método de seleção previsto pela al. d) do n.º 1 do Art.º 17.º da Portaria n.º 233/2022, de 09 de Setembro) e do Projeto de Lista Unitária de Ordenação Final, nos termos do disposto no Art.º 22 da Portaria n.º 233/2022, de 09 de Setembro.

Paços do Concelho da Guarda, 20 de junho de 2024

O Presidente da Câmara,
Sérgio Fernando da Silva Costa

GUARDA

AVISO

Sumário: Homologação da Lista Unitária de Ordenação Final dos Candidatos Aprovados no Procedimento Concursal Comum Para a Categoria e Carreira de Assistente Operacional

Procedimento Concursal Comum Para Constituição de Vínculo de Emprego Público, na Modalidade de Contrato de Trabalho Em Funções Públicas por Tempo Indeterminado Para a Categoria e Carreira de Assistente Operacional

Homologação da Lista Unitária de Ordenação Final

Nos termos e para os efeitos previstos nos n.ºs 1 e 4 do artigo 25.º da Portaria n.º 233/2022, de 09 de setembro, torna-se público que a Lista Unitária de Ordenação Final dos candidatos aprovados no Procedimento Concursal Comum para a constituição de vínculo de emprego público, na modalidade de contrato de trabalho em funções públicas por tempo indeterminado, tendo em vista o preenchimento de quatro postos de trabalho da categoria e carreira geral de Assistente Operacional para **Auxiliar de Serviços Gerais para os Serviços de Equipamentos e Edifícios Municipais da Secção de Equipamentos e Infraestruturas, cuja Referência é AO-B.1,** conforme Aviso (extrato) n.º 8346/2023, publicado no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 80, de 24 de abril, foi homologada por meu despacho, datado de 19 de julho de 2024, encontrando-se a mesma disponibilizada na página eletrónica do Município da Guarda, em www.mun-guarda.pt, e no Setor de Recrutamento, Formação Profissional e Avaliação de Desempenho da Divisão Administrativa e de Recursos Humanos, sita na Praça do Município, 6301-854 Guarda.

Ficam notificados/as os candidatos/as de que poderão interpor recurso hierárquico do despacho de homologação da referida Lista, nos termos do artigo 28.º da Portaria n.º 233/2022, de 09 de setembro, e do Código do Procedimento Administrativo.

19 de julho de 2024

O Presidente da Câmara Municipal da Guarda,
Sérgio Fernando da Silva Costa

GUARDA

AVISO

Sumário: Lista Provisória dos/as Candidatos/as Admitidos/as e Excluídos/as ao Procedimento Concursal comum, na carreira/categoria geral de Assistente Técnico para exercício de funções no Centro Coordenador de Transportes, da Divisão de Mobilidade, cuja Referência é AT-CCT.2024

1 – Para efeitos do disposto no n.º 4 do artigo 16.º da Portaria n.º 233/2022, de 09 de setembro, conjugado com o previsto no artigo 112.º do Código do Procedimento Administrativo, notificam-se os interessados que a Lista Provisória dos/as Candidatos/as Admitidos/as e Excluídos/as ao Procedimento Concursal comum com vista ao preenchimento de um posto de trabalho na modalidade de contrato de trabalho em funções públicas por tempo indeterminado, **na categoria de Assistente Técnico para exercício de funções no Centro Coordenador de Transportes, da Divisão de Mobilidade**, cuja **Referência é AT-CCT.2024**, conforme Aviso (extrato) n.º 13494/2024/2, publicado no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 126, de 02 de julho, e na página eletrónica do Município, bem como na Bolsa de Emprego Público, com o código de oferta OE202407/0092, se encontra disponível para consulta na página eletrónica do Município da Guarda em https://www.mun-guarda.pt/municipio/organizacao/recursos-humanos/recrutamento/, separador "PROCEDIMENTO CONCURSAL COMUM PARA A CARREIRA E CATEGORIA DE ASSISTENTE TÉCNICO - REFERÊNCIA : AT-CCT-2024".

2 – Nos termos do artigo 121.º e seguintes do Código do Procedimento Administrativo, os interessados poderão, no prazo de dez dias úteis, a partir do dia seguinte ao da publicação do presente Aviso no Diário da República, pronunciar-se, por escrito, devendo dirigir as suas alegações ao Presidente do Júri do presente procedimento concursal, utilizando obrigatoriamente o Formulário de Audiência Prévia – disponível na página eletrónica do Município da Guarda, em **www.mun-guarda.pt**, o qual depois de preenchido e assinado deverá ser remetido exclusivamente por correio registado e com aviso de receção, com indicação do respetivo procedimento e endereçado ao Setor de Recrutamento, Formação Profissional e Avaliação de Desempenho da Divisão Administrativa e de Recursos Humanos, para a seguinte morada: Município da Guarda, Praça do Município, 6301-854 Guarda, até ao último dia do prazo acima referido.

3 – Informam-se, ainda, os/as Candidatos/as a Admitir de Forma Condicionada, que deverão proceder à correção dos lapsos em causa e/ou entrega do(s) documento(s) solicitado(s), nos termos definidos na Ata n.º 2, a qual se encontra, igualmente, divulgada na página eletrónica do Município da Guarda.

Paços do Concelho da Guarda, 18 de julho de 2024

O Presidente da Câmara Municipal
Sérgio Fernando da Silva Costa

NOVA SCHOOL OF LAW

Dá-se conhecimento público de que se encontra aberto processo de recrutamento de Assistente Técnico/a em regime de contrato de trabalho a tempo indeterminado para a Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa - NOVA School of Law:

- 1 vaga Assistente Técnico/a (m/f), para o Serviço de Comunicação – Design aos quais se podem candidatar os indivíduos que reúnam as condições fixadas no aviso disponível no endereço:

https://novalaw.unl.pt/legislacao-e-documentos-de-gestao/recursos-humanos/nao-docentes/

O processo de recrutamento e seleção encontra-se aberto, para efeitos de entrega de candidaturas, até ao dia 08/08/2024.

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA

MUSEUS E MONUMENTOS DE PORTUGAL

Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E.

Concurso Internacional para Diretores de Museus, Monumentos e Palácios

1.ª fase
concurso aberto de 5 de agosto a 4 de setembro

Laboratório José de Figueiredo - Lisboa

Museu de Alberto Sampaio - Guimarães

Paço dos Duques/Castelo de Guimarães - Guimarães

Condições de acesso
e de candidatura consultáveis em:
www.museusemonumentos.pt

alzheimer PORTUGAL

Fundada em 1988 pelo Professor Doutor Carlos Garcia, a Associação Portuguesa de Familiares e Amigos de Doentes de Alzheimer - Alzheimer Portugal é uma Instituição Particular de Solidariedade Social. É a única organização em Portugal, de âmbito nacional, constituída há mais de 30 anos especificamente para promover a qualidade de vida das pessoas com demência e dos seus familiares e cuidadores. Tem cerca de dez mil associados em todo o país. Oferece Informação sobre a doença, Formação para cuidadores formais e informais, Apoio domiciliário, Apoio Social e Psicológico e Consultas Médicas da Especialidade.
Como membro da Alzheimer Europe, a Alzheimer Portugal participa ativamente no movimento mundial e europeu sobre as demências, procurando reunir e divulgar os conhecimentos mais recentes sobre a Doença de Alzheimer, promovendo o seu estudo, a investigação das suas causas, efeitos, profilaxia e tratamentos.

Contactos

Sede: Av. de Ceuta Norte, Lote 15, Piso 3, Quinta do Loureiro, 1300-125 Lisboa
Tel.: 21 361 04 60/8 - E-mail: geral@alzheimerportugal.org
Centro de Dia Prof. Dr. Carlos Garcia: Av. de Ceuta Norte, Lote 1, Loja 1 e 2
- Quinta do Loureiro, 1350-410 Lisboa - Tel.: 21 360 93 00
Lar, Centro de Dia e Apoio Domiciliário «Casa do Alecrim»: Rua Joaquim Miguel Serra Moura, n.º 256 - Alapraia, 2765-029 Estoril
Tel. 214 525 145 - E-mail: casadoalecrim@alzheimerportugal.org
Delegação Norte: Centro de Dia "Memória de Mim"
- Rua do Farol Nascente, n.º 47A R/C, 4455-301 Lavra
Tel. 229 260 912 | 226 066 863 - E-mail: geral.norte@alzheimerportugal.org
Delegação Centro: Urb. Casal Galego
- Rua Raul Testa Fortunato n.º 17, 3100-523 Pombal
Tel. 236 219 469 - E-mail: geral.centro@alzheimerportugal.org
Delegação da Madeira: Avenida do Colégio Militar, Complexo Habitacional da Nazaré, Cave do Bloco 21 - Sala E, 9000-135 FUNCHAL - Tel. 291 772 021
- E-mail: geral.madeira@alzheimerportugal.org
Núcleo do Ribatejo: R. Dom Gonçalo da Silveira n.º 31-A, 2080-114 Almeirim
Tel. 24 300 00 87 - E-mail: geral.ribatejo@alzheimerportugal.org
Núcleo do Algarve da Alzheimer Portugal: Urbanização do Pimentão, lote 2, Cave, Gabinete 3, Três Bicos, 8500-776 Portimão - Telemóvel: 965 276 690
- E-mail: geral.algarve@alzheimerportugal.org

Lagoa

Largo D. João III - Santa Cruz, 9560-045 Lagoa - Açores
Tlf.: 296 960 600 | Fax: 296 916 229 | Email: geral@lagoa-acores.pt | www.lagoa-acores.pt

EDITAL

Nos termos e para os efeitos do disposto no artigo 17.º, n.º 1, do Código das Expropriações e não sendo possível notificar o proprietário/interessado, torna-se público, que no dia 26 de junho de 2024, foi publicada em Jornal Oficial - I Série - a Declaração de Utilidade Pública Urgente, referente à expropriação do prédio urbano sito à Avenida Conselheiro Poças Falcão n.º 33, freguesia de Santa Cruz – Lagoa – Açores.

Esta Declaração foi tomada por Resolução do Conselho do Governo n.º68/2024 de 26 de junho de 2024, com a expressa autorização da tomada de posse administrativa, por forma a ser executada a obra de empreitada, a qual poderá ser consulta em https://jo.azores.gov.pt/api/public/ato/838cf27d-ae74-4a65-931b-e0f3d038da39/pdfOriginal.

Mais informo, que, paralelamente, foi notificada a Conservatória do Registo predial para proceder ao competente averbamento na Certidão de Registo Predial (cfr. artigo 17.º, n.º 1, parte final), e, subsequentemente, será realizada a vistoria *ad perpetuam rei memoriam*, pelo que, em breve, serão notificados do seu agendamento.

Informo ainda que o acto de transmissão da posse administrativa irá ocorrer no prédio supra melhor identificado, posteriormente à realização da referida vistoria, em data e hora a concretizar e oportunamente a comunicar.

Paços do concelho de Lagoa – Açores, 29 de julho de 2024

O Vice Presidente da Câmara Municipal,
Frederico Furtado de Sousa

NOVA MEDICAL SCHOOL

Dá-se conhecimento de que se encontra aberto os seguintes recrutamentos para a NOVA Medical School da Universidade Nova de Lisboa:

- 1 vaga de Técnico Superior para a NOVA.CRU (Ref.ª: **TS/14/NOVACRU/2024**);
- 1 vaga de Técnico Superior para o Serviço de Apoio à Investigação (Ref.ª: **TS/16/SAI/2024**).
- 1 vaga de Técnico Superior para o Serviço de Património, Negociação e Operações (Ref.ª: **TS/17/SPNO/2024**).

Podem candidatar-se os indivíduos que reúnam as condições fixadas nos avisos disponíveis no endereço: www.nms.unl.pt
(Junte-se à nms/Recrutamento/ Colaboradores).

O prazo-limite para submissão das candidaturas é de 6 dias úteis a contar da data da publicação do presente anúncio.

Brisa Concessão

COMUNICADO

Beneficiação do Pavimento Águas Santas - Maia (A3)

Durante os meses de agosto de 2024 a fevereiro de 2025

A Brisa Concessão Rodoviária (BCR) informa que irá efetuar obras de beneficiação do pavimento, no Sublanço Águas Santas (A3/A4) – Maia, da A3-Auto-estrada Porto/Valença, pelo que irão existir constrangimentos, por meio de implementação de cortes de via e/ou basculamentos de tráfego, bem como cortes pontuais em ramos de nós de ligação, cujos desvios estarão devidamente identificados.

Os trabalhos ocorrerão durante seis meses.

A Brisa agradece antecipadamente a compreensão e colaboração dos automobilistas e espera contribuir para reduzir eventuais inconvenientes decorrentes desta operação, estando certa de que os possíveis incómodos serão largamente compensados pelo nível de qualidade, segurança e conforto que resultam de uma auto-estrada melhor adaptada às necessidades de quem a utiliza.

Para informação de trânsito atualizada poderá consultar o site www.brisaconcessao.pt.

100 IPO

GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS

AVISO

O Instituto Português de Oncologia de Lisboa, Francisco Gentil, E.P.E, torna público que se encontra aberto processo de recrutamento para Técnico Superior – Serviço de Gestão de Compras (m/f).

Para mais informações, consulte a página da internet do IPOLFG em
http://www.ipolisboa.min-saude.pt

Lisboa, 31 de julho de 2024

100 IPO

GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS

AVISO

O Instituto Português de Oncologia de Lisboa, Francisco Gentil, E.P.E, torna público que se encontra aberto processo de recrutamento para Assistente Técnico – Serviço de Gestão de Compras (m/f).

Para mais informações, consulte a página da internet do IPOLFG em
http://www.ipolisboa.min-saude.pt

Lisboa, 31 de julho de 2024

EDITAL

Maria Teresa Belém Correia Cardoso, Presidente da Câmara Municipal de Anadia, TORNA PÚBLICO que, por deliberação tomada pelo Executivo Municipal em Reunião Ordinária realizada em 11 de Julho de 2024, vai proceder à alienação, por **Hasta Pública**, de **Dezassete Lotes** sitos na **Zona Industrial de Amoreira da Gândara**, a realizar no dia **24 de setembro de 2024**, pelas **10 horas**, no Salão Nobre do Edifício Paços do Município, sito no Largo do Município Anadia.

Caracterização dos Lotes

Lote	Valor base de licitação (€)	Área (m²)
15	210 034 €	19 094
16	234 157 €	21 287
17	173 206 €	15 746
18	173 206 €	15 746
19	173 206 €	15 746
20	164 329 €	14 939
21	118 855 €	10 805
22	89 991 €	8 181
23	118 184 €	10 744
24	118 503 €	10 773
25	118 030 €	10 730
26	69 234 €	6 294
27	57 046 €	5 186
28	55 484 €	5 044
29	39 556 €	3 596
30	40 194 €	3 654
31	37 884 €	3 444

Condição Gerais de Alienação – As constantes do Caderno de Encargos para Alienação de Dezassete Lotes da Zona Industrial de Amoreira da Gândara, que poderá ser consultado através do sítio https://www.cm-anadia.pt/cmanadia/uploads/document/file/10504/ce_zi_amor_gandara.pdf ou na Câmara Municipal de Anadia, no Serviço de Património, no período das 8h30 às 12h30 e das 14h às 16h30, até ao dia anterior ao da realização da praça.
Os concorrentes à hasta pública, para serem admitidos à mesma, deverão cumprir as condições definidas no artigo 4º do referido Caderno de Encargos.
Para constar e devidos efeitos, se publica o presente edital que vai ser publicado e afixado nos locais públicos de estilo.
Paços do Município de Anadia, 29 de Julho de 2024
A Presidente da Câmara, *Maria Teresa Belém Correia Cardoso*, Engª.

EDITAL

Maria Teresa Belém Correia Cardoso, Presidente da Câmara Municipal de Anadia, TORNA PÚBLICO que, por deliberação tomada pelo Executivo Municipal em Reunião Ordinária realizada em 11 de Julho de 2024, vai proceder à alienação, por **Hasta Pública**, de **Dois Prédios Urbanos com Projeto de Construção Aprovado – Habitação Multifamiliar**, sitos em Anadia, a realizar no dia **25 de setembro de 2024**, pelas **11 horas**, no Salão Nobre do Edifício Paços do Município, sito no Largo do Município Anadia.

Caracterização dos Prédios /Projetos

Prédio Urbano	Artigo Matricial	Descrião Predial	Área do Prédio (m²)	Áreas		Número de Fogos		Valor base de licitação (€)
				Construção (m²)	Implantação (m²)	Tipologia T2	Tipologia T3	
I	2931 U	1322	1628	3 299,15	1 014	18	–	285.000,00
II	2930 U	4253	1820	3 933,5	1 232,1	3	–	320.000,00

Condição Gerais de Alienação – As constantes do Caderno de Encargos para Alienação de Dois Prédios Urbanos com Projeto de Construção Aprovado – Habitação Multifamiliar, sitos em Anadia que poderá ser consultado através do sítio www.cm-anadia.pt ou na Câmara Municipal de Anadia, no Departamento de Planeamento e Gestão do Território, no período das 9h às 12h00 e das 14h às 16h, sujeito a marcação prévia, a qual pode ser solicitada através do contacto 231 510 736 ou ainda por correio eletrónico josemanuel.silva@cm-anadia.pt ou adelino.neves@cm-anadia.pt

Para constar e devidos efeitos, se publica o presente edital que vai ser publicado e afixado nos locais públicos de estilo.

Paços do Município de Anadia, 23 de Julho de 2024

A Presidente da Câmara, *Maria Teresa Belém Correia Cardoso*, Engª.

EDITAL

Maria Teresa Belém Correia Cardoso, Presidente da Câmara Municipal de Anadia, TORNA PÚBLICO que, por deliberação tomada pelo Executivo Municipal em Reunião Ordinária realizada em 11 de Julho de 2024, vai proceder à alienação, por **Hasta Pública**, de **Dezanove Lotes** sitos na **Zona Industrial do Vale do Salgueiro**, a realizar no dia **24 de setembro de 2024**, pelas **14h30m**, no Salão Nobre do Edifício Paços do Município, sito no Largo do Município Anadia.

Caracterização dos Lotes

Lote	Valor base de licitação (€)	Área (m²)
1	87 082 €	7 256,8
2	57 570 €	4 797,5
3	64 288 €	5 357,3
4	88 194 €	7 349,5
5	166 626 €	13 885,5
6	117 984 €	9 832
7	117 676 €	9 806,3
8	117 367 €	9 780,6
9	117 059 €	9 754,9
10	48 185 €	4 015,4
11	45 488 €	3 790,7
12	33 058 €	2 754,8
13	52 691 €	4 390,9
14	51 676 €	4 306,3
15	48 469 €	4 039,1
16	49 140 €	4 095
17	46 086 €	3 840,5
18	53 382 €	4 448,5
19	52 358 €	4 363,2

Condição Gerais de Alienação – As constantes do Caderno de Encargos para Alienação de Dezanove Lotes da Zona Industrial do Vale do Salgueiro, que poderá ser consultado através do sítio https://www.cm-anadia.pt/cmanadia/uploads/document/file/10494/ce_vale_salgueiro.pdf ou na Câmara Municipal de Anadia, no Serviço de Património, no período das 8h30 às 12h30 e das 14h às 16h30, até ao dia anterior ao da realização da praça.
Os concorrentes à hasta pública, para serem admitidos à mesma, deverão cumprir as condições definidas no artigo 4º do referido Caderno de Encargos.
Para constar e devidos efeitos, se publica o presente edital que vai ser publicado e afixado nos locais públicos de estilo.
Paços do Município de Anadia, 29 de Julho de 2024
A Presidente da Câmara, *Maria Teresa Belém Correia Cardoso*, Engª.

Diário de Um Cientista, uma incrível viagem pelo mundo da biodiversidade

Há uma nova série para ler, ouvir (e jogar) no PÚBLICO. Todos os dias, no mês de Agosto, uma história nova e pessoal sobre o mundo vivo que nos rodeia

Nas páginas deste diário há lobos e cavalos-marinhos, víboras e morcegos, gatos-bravos, sobreiros e objectos de estudo ainda mais surpreendentes, como o ADN dos rios, o microbioma das explorações leiteiras ou o musgo. Não é habitual lermos sobre ciência desta forma, com relatos tão pessoais, escritos por cientistas. Mas é isso que temos preparado. A partir desta quinta-feira, e durante todo o mês de Agosto, nasce o *Diário de Um Cientista*, uma iniciativa inédita que deu origem a uma série com características muitos especiais.

O *Diário de Um Cientista* resulta de uma parceria entre a associação científica Biopolis e o PÚBLICO, através do Azul, o *site* do jornal dedicado aos temas da sustentabilidade, biodiversidade e crise climática.

Juntou cientistas e jornalistas, que trabalharam em conjunto, intensamente, durante várias semanas, para falar de ciência de uma forma diferente.

Neste diário, levamos os leitores aos bastidores da ciência, à origem das ideias, ao caminho percorrido até elas ganharem forma. São 26 textos, um por dia, de segunda a sábado, que, na edição em papel do jornal, têm lugar reservado no P2 de Verão.

Juntam-se-lhes, na edição online, *quizzes* diários, para testar o que já sabe e o que ficou a saber sobre biodiversidade. E um *podcast*, para seguir nos quentes dias de Agosto, onde se mostra, nas palavras de Joel Alves, investigador do Biopolis-Cibio e na Universidade de Oxford, "o lado mais humano da investigação". Este cientista e a jornalista do Azul Aline Flor andaram, nos últimos tempos, a coleccionar histórias.

O *Diário* tem ilustrações de André Carrilho, e pode ser acompanhado num *site* especial, em português e inglês, onde ainda encontra sons, vídeos e notas de campo que o vão transportar, muitas vezes, para a floresta, o rio ou o deserto que serviram de cenário ao trabalho dos investigadores.

Cientistas e jornalistas

Nuno Ferrand, director do Biopolis, projecto europeu que une o Cibio, a Universidade de Montpellier e a Porto Business School à academia, ao Estado, ao sector privado e à sociedade civil, vê na parceria com o PÚBLICO mais uma forma de cumprir a missão daquela organização: "Fazer chegar a investigação avançada dos cientistas a um auditório mais amplo e diversificado" e "promover a importância do estudo e da preservação da biodiversidade, um elemento fundamental e indissociável da agenda da sustentabilidade".

A ideia original que Nuno Ferrand, Joel Alves e José Pedro Reis, responsável pela estratégia organizacional do Biopolis, trouxeram para cima da mesa era desafiante. Como construir um projecto inovador que repensasse a forma de comunicar ciência?

Seguiram-se longas e aturadas discussões sobre como poderia funcionar. Manuel Carvalho, jornalista do PÚBLICO, que esteve presente logo nos primeiros passos do projecto, imaginou que esta poderia ser uma série especial do Verão, que cativaria leitores de diferentes idades.

"Este projecto é também ele uma experiência: o que acontece se misturarmos cientistas e jornalistas, a trocarem ideias e trabalharem em conjunto? O resultado é uma forma nova de falar de ciência", diz José Reis. "Através desta sinergia conseguimos criar algo único, nunca antes feito em Portugal. É um conceito inédito que desafia percepções, derruba barreiras entre disciplinas e instituições e, acima de tudo, conta-nos histórias surpreendentes e interessantes que nos ajudam a compreender melhor o mundo natural à nossa volta."

David Pontes, director do PÚBLICO, sublinha mais uma faceta do *Diário*. "Partilhamos a mesma vontade de ultrapassar as barreiras que são colocadas ao conhecimento, e vivemos neste momento uma situação muito mais tensa, que é a do combate à desinformação, por isso, qualquer avanço que seja para juntar estas duas profissões, ou, se quisermos, estas duas devoções – a dos jornalistas e a dos cientistas –, é importante."

Um concurso, 100 propostas

Em Abril de 2024, o PÚBLICO e o Biopolis lançaram um concurso, aberto a investigadores e alunos do Biopolis-Cibio. Procurávamos 26 histórias relevantes para o grande público. Foram submetidos perto de uma centena de projectos, de cientistas a trabalhar em diferentes países.

As candidaturas deveriam ter

O *Diário de Um Cientista* é uma celebração da curiosidade que move o processo científico

Joel Alves
Investigador do Biopolis

como base um artigo publicado numa revista científica indexada, um projecto de investigação financiado ou uma tese de doutoramento. Um júri constituído por seis jornalistas do PÚBLICO (Andrea Cunha Feitas, Andréia Azevedo Soares, Andreia Sanches, Claudia Carvalho Silva, Manuel Carvalho e Teresa Firmino) seleccionou os 26 finalistas.

Seguiu-se uma sessão de formação sobre comunicação em ciência, que juntou jornalistas e investigadores de diferentes áreas no Cibio – Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos, em Vila do Conde.

Nas semanas seguintes, entre Maio e Julho, cada cientista trabalhou com o seu editor (várias sessões, presenciais e à distância, muitas conversas por telefone, por *mail* e por WhatsApp). E os textos foram ganhando forma, com essa preocupação: levar a investigação sobre biodiversidade e os seus bastidores ao grande público.

Todos os editores são jornalistas do Azul ou da Ciência: Aline Flor; Andrea Cunha Freitas; Andréia Azevedo Soares; Claudia Carvalho Silva; Nicolau Ferreira e Teresa Firmino. Todos os autores são investigadores do Biopolis-Cibio que falam de um projecto que os envolveu, ou envolve ainda – e que querem partilhar com todos.

No PÚBLICO, a equipa foi coordenada pela directora adjunta do jornal Andreia Sanches. No Biopolis, a coordenação coube a José Pedro Reis e a Joel Alves. Este último não tem dúvidas: "O *Diário de Um Cientista* é, acima de tudo, uma celebração da curiosidade que move o processo científico."

E prossegue: "Quando lemos uma notícia sobre um artigo ou um projecto científico, aprendemos sobre resultados, conclusões e aplicações. No entanto, raramente conhecemos a verdadeira origem das ideias, como os projectos científicos começam, quais são as paixões que movem os cientistas, ou mesmo os percalços ao longo do caminho. Mais do que uma forma inovadora e interessante de comunicar ciência, este projecto quer levar o grande público a uma viagem épica pela natureza, pelas espécies e pela biodiversidade, mas, desta vez, usando os próprios cientistas como guias."

O resultado pode encontrar-se no Azul, onde uma equipa especializada produz todos os dias trabalhos de acesso livre, sobre os desafios da biodiversidade, da sustentabilidade e da crise climática, graças ao apoio de um conjunto de parceiros: Biopolis, Fundação Calouste Gulbenkian, Lipor e Electrão.

ILUSTRAÇÕES: ANDRÉ CARRILHO

O Diário de Um Cientista

Opinião

Nuno Ferrand

O *Diário de Um Cientista* é um projecto único em Portugal. Pela primeira vez, um jornal diário, o PÚBLICO, oferece aos seus leitores durante cerca de um mês as histórias que a motivação, a curiosidade, a determinação e o fascínio de um grupo de cerca de 30 cientistas do Cibio, o Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos, se propôs partilhar através da constituição de uma parceria conjunta.

Mas para se perceber como foi possível chegar até este momento é preciso saber, em primeiro lugar, que o Cibio é um centro de investigação fundado há cerca de 20 anos no domínio das ciências biológicas, acolhido pelas universidades do Porto, de Lisboa e dos Açores, com intensa actividade em África, na Ásia e na América do Sul, e que desenvolve investigação científica na área da ecologia e da evolução, com especial ênfase na origem, manutenção e conservação da biodiversidade.

No Cibio, a investigação em biodiversidade é entendida de forma transversal, isto é, vai desde a biologia molecular mais fundamental, através do estudo dos genes e dos genomas, até aos ecossistemas e às paisagens, às cidades mais verdes e mais biodiversas, à ecologia urbana e ao ordenamento do território. Vamos assim desde o entendimento dos habitats e dos recursos naturais, da sua apropriação através da criação e gestão das paisagens até à construção dos lugares e dos povoamentos, e por isso à arquitectura.

É por esta razão que as novas infra-estruturas do Cibio resultam da reabilitação de um complexo de edifícios de uma quinta do século XIX, em Vairão, e que as futuras estações biológicas internacionais de Mértola e da Branda de São Bento do Cando correspondem, respectivamente, à recuperação de um antigo silo de cereais na paisagem alentejana, e à transformação de uma aldeia de altitude no Parque Nacional da Peneda-Gerês para onde os pastores levavam o gado durante o Verão. Consegue-se assim uma virtuosa ligação entre a investigação sobre o património natural e a conservação do património cultural, algo que todas as pessoas percebem muito mais facilmente. Tudo isto está também a acontecer porque o Cibio ganhou, em 2019, um grande projecto europeu designado por Biopolis, e que é ele próprio uma parceria com a Porto Business School (PBS) e a Universidade de Montpellier, em França.

O Biopolis é também uma associação que junta múltiplas entidades provenientes dos quatro sectores em que se organizam as nossas sociedades: o Estado, a academia, as empresas e a sociedade civil. Todos juntos procuram não só desenvolver ciência de qualidade global, como transferir o conhecimento gerado para o Estado, assegurando uma melhor gestão do nosso património natural, para as empresas, assegurando a promoção da inovação, e para a sociedade civil, assegurando a apropriação desse conhecimento por parte de todos os cidadãos.

O Biopolis é ainda um processo transformador do Cibio: hoje a investigação que aí se faz é a celebração da ciência movida pela curiosidade ou, nas palavras belíssimas que um dia ouvi a Richard Zimler, é sobretudo uma fábrica de sonhos.

Os cientistas que diariamente desenvolvem a sua investigação no Cibio procuram também comunicá-la à sociedade em geral, e têm à sua disposição várias possibilidades de o fazer. A mais notável que existe no país é a rede de centros de Ciência Viva, que disponibiliza e promove uma enorme multiplicidade de acções de disseminação da ciência e tem a capacidade de chegar a públicos muito diversificados. No Porto, por exemplo, a Galeria da Biodiversidade, parte integrante do Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto e também um centro de Ciência Viva, oferece aos seus visitantes uma viagem sobre a vida em que os seus conceitos fundamentais são explicados através de uma abordagem artística em que o encantamento e o usufruto do belo são uma parte muito importante na apreensão desses conceitos.

O Biopolis é uma associação que junta múltiplas entidades dos quatro sectores em que se organizam as sociedades: o Estado, a academia, as empresas e a sociedade civil

Mas há pouco mais de dois anos o Biopolis, o jornal PÚBLICO e um conjunto de outros parceiros decidiram juntar esforços para dar origem ao projecto Azul, inteiramente dedicado à informação sobre ambiente, alterações climáticas, biodiversidade e a sustentabilidade do nosso planeta. E foi precisamente neste contexto que o Biopolis e este jornal decidiram aprofundar ainda mais a parceria estabelecida e conceberam o *Diário de Um Cientista*, que através de um conjunto de histórias construídas por cientistas e jornalistas, de uma infografia dedicada e ainda de uma série de *podcasts* especialmente elaborados para o projecto, chegará a todos os leitores durante o mês de Agosto. Entre muitas outras histórias poderemos assim acompanhar os cientistas do Cibio na sua investigação sobre cavalos-marinhos, lobos ou garranos, nas suas deambulações para compreender a biodiversidade das regiões desérticas deste planeta, para instalar sensores no arquipélago dos Bijagós ou em busca de uma língua perdida em regiões remotas de Angola, ou ainda procurando ajudar na conservação de espécies ameaçadas como os anfíbios em geral ou o raríssimo gato-bravo.

O *Diário de Um Cientista* traz pela primeira vez para as páginas de um jornal de referência a expressão da curiosidade científica pela exuberância da vida manifestada através de um conjunto muito diversificado de abordagens distintas. Cada história é também a história de uma pessoa, de um cientista, de uma paixão, de muitos anos de dedicação em busca da compreensão de um fenómeno ou de um conjunto de fenómenos. E por isso o *Diário de Um Cientista* é muito mais do que uma colecção de narrativas sobre a diversidade da vida. É sobretudo uma celebração da ciência como um dos mais nobres e mais extraordinários empreendimentos humanos em busca do conhecimento. E por tudo isto este mês de Agosto será um mês único tanto para a imprensa como para a ciência em Portugal.

Boas leituras e bom Verão!

Director do Biopolis, Universidade do Porto

"O Carlos Paredes é o Carlos Paredes, não há outro igual"

Obra e legado do genial guitarrista vão ser celebrados no seu centenário, em 2025. Grupo de trabalho apresentará uma proposta de programa até ao final de Setembro

Nuno Pacheco

"O Carlos Paredes é o Carlos Paredes, não há outro igual." Quem o diz é Levy Baptista, advogado, amigo e testamentário do guitarrista, coordenador de um grupo de trabalho que até ao final de Setembro tem por missão apresentar uma proposta para as comemorações do centenário de Carlos Paredes, que nasceu em Coimbra, no dia 16 de Fevereiro de 1925.

Do grupo de trabalho, anunciado pelo Ministério da Cultura (MC) no dia 24 de Julho, quando se completaram 20 anos sobre a morte de Paredes, fazem também parte o historiador António Nunes, a directora do Museu do Fado, Sara Pereira, o coordenador da equipa de instalação do Arquivo Nacional do Som, Pedro Félix, e Filipa Alfaro, em representação ministerial.

Levy Baptista, que além de jurista é também músico (integrou o Coimbra Quintet nos anos 1950) e conhecido resistente antifascista, diz ao PÚBLICO que há razões de sobra para assinalar este centenário: "O Carlos Paredes é um grande vulto da nossa cultura, em geral, porque a guitarra que ele criou é única. E se calhar não está a ter aquela estima que devia."

A conhecida modéstia do músico não o impedia de reconhecer o valor da sua arte, acrescenta ainda Levy: "Ele relativizava muito as coisas, mas tinha absoluta consciência da qualidade daquilo que fazia. Era uma pessoa suficientemente culta e ilustrada para saber qual era o seu valor." Não só como músico: "Todos os dias acabamos por ouvir, aqui ou ali, as músicas de Paredes", diz Levy. "Mas ele não era apenas um grande executante de guitarra, era sobretudo um grande compositor de música para guitarra. E a música dele tem esse 'contra': é boa de mais e difícil de mais para ser executada por qualquer um."

No comunicado do MC que anunciou a criação deste grupo de trabalho, as celebrações do centenário de Carlos Paredes são justificadas deste modo: "Amplamente considerado como um dos mais importantes e influentes artistas do século XX, um génio e poeta da guitarra portuguesa, que se destacou, tanto pela sua mestria técnica, como pelo seu talento como compositor, Carlos Paredes é responsável por um repertório original que levou ao mais alto nível as possibilidades expressivas da guitarra portuguesa e que contribuiu para a popularização deste instrumento junto de vastas audiências."

PAULO RICCA/ARQUIVO

A música que Carlos Paredes compôs "tornou-se emblema sonoro de uma certa geração", diz Pedro Félix

Pedro Félix diz ao PÚBLICO que "é fundamental celebrar Paredes por uma série de razões", das quais ressalta "a música que ele compôs enquanto símbolo lírico, que se tornou emblema sonoro de uma certa geração" e que tem sido recuperada noutros universos, das artes plásticas à dança ou à videoarte. "Ele sintetizou a mudança que se estava a começar a operar com uma certa intelectualidade urbana, jovem, que pensava também as pessoas e materiais que iam chegando do campo, de origem tradicional, e eram reconfigurados. E o mais extraordinário é que essa comunicação não foi feita por via da palavra, mas pelo som", remata.

Nascido numa família de músicos amadores que, ao longo de gerações, se dedicou ao estudo e aperfeiçoamento da guitarra portuguesa, com destaque para o seu avô e o seu pai, Gonçalo e Artur Paredes, é com este último que Carlos aprende a dedilhar a guitarra. De Coimbra para Lisboa, e apesar de dedicar toda a vida à guitarra, nunca fez da música profissão, mantendo-se durante anos como arquivista no Hospital de São José. Em Março de 1992, depois de dar dois grandes concertos em Lisboa e no Porto, Carlos Paredes foi afectado por uma mielopatia, doença que o obrigou a afastar-se dos palcos e estúdios para um longo período de recuperação, vindo a morrer em 2004.

A sua discografia, iniciada em 1962 com um EP homónimo, a que se seguiria um outro, em 1963, *Verdes Anos*, inclui vários álbuns em nome próprio, todos eles editados antes da sua morte: *Guitarra Portuguesa* (1967), *Movimento Perpétuo* (1971), *Concerto em Frankfurt* (1983), *Invenções Livres* (1986, com António Victorino d'Almeida), *Espelho de Sons* (1987), *Asas Sobre o Mundo* (1989), *Dialogues* (1990, com Charlie Haden), *Na Corrente* (1996) e *Canção para Titi: Os Inéditos 1993* (2000). Em 2002, a Valentim de Carvalho, editora para a qual sempre gravou, lançou a caixa *O Mundo Segundo Carlos Paredes, Integral 1958-1993*, reunindo toda a sua discografia.

Nos seus últimos anos de vida surgiram várias iniciativas para celebrar a sua obra, a começar no ano 2000, por altura do seu 75.º aniversário. Foram editados os livros *Carlos Paredes, a Guitarra de um Povo* (Octávio Fonseca Silva), *Carlos Paredes, Uma Guitarra em Movimento Perpétuo* (Mário Correia) e *Estar com Paredes* (Sara Pereira e Susana Serra).

Em 2003, teve início um conjunto de iniciativas sob a designação Movimentos Perpétuos, com coordenação de João Pinto de Sousa, Luísa Amaro e Noélia Patrício: um concerto, um CD duplo (com a participação de, entre outros, Sam The Kid, Ricardo Rocha, Mísia — a cantora e fadista morreu neste sábado, 27 de Julho —, Dead Combo, Rodrigo Leão, António Pinho Vargas, Gaiteiros de Lisboa, Maria João e Mário Laginha ou Belle Chase Hotel), o livro *Textos para Carlos Paredes*, e, já em 2004, um livro de BD, um ciclo de cinema e um *Cine-Tributo*, em DVD, assinado por Edgar Pêra. Em 2005, foi editado em DVD (IMC Music/RTP) o concerto que Carlos Paredes deu em Março de 1992 no Teatro São Luiz, com Luísa Amaro, Fernando Alvim, Manuel Paulo, Mário Laginha, Rui Veloso, Paulo Curado, Natália Casanova e Nuno Guerreiro.

De entre os tributos musicais à sua obra, destacam-se *Canto*, que Mísia gravou com letras de Vasco Graça Moura e de Sérgio Godinho para músicas de Paredes; *Ao Paredes Confesso* e *Entre Paredes*, de Bernardo Moreira, em sexteto; *Cantar Paredes*, de Mariana Abrunheiro; *15 Anos Sem Paredes*, do grupo de Coimbra Animais; e, mais recentemente, o disco *Legado*, registo ao vivo do concerto nos Jerónimos com guitarras legadas por Paredes a este mosteiro e que, restauradas, voltaram a soar nas mãos de António José Moreira e Ricardo Dias.

Rui Machado passa de subdirector a director da Cinemateca Portuguesa

Sérgio C. Andrade

Na sequência do concurso público realizado para o efeito, a ministra da Cultura nomeou Nuno Sena para subdirector da instituição

Rui Machado é o novo director da Cinemateca Portuguesa – Museu de Cinema, I.P., tendo como subdirector o programador Nuno Sena – foram estas as escolhas da ministra da Cultura, Dalila Rodrigues, para a gestão da instituição com sede em Lisboa, anunciadas ontem em comunicado, na sequência do concurso público aberto para o efeito no final de 2023.

Rui Machado ocupava já o cargo de director, em regime de substituição, desde Fevereiro do corrente ano, na sequência da aposentação de José Manuel Costa. Nuno Sena exercia também funções na Cinemateca Portuguesa, desde 2019, como assessor da direcção e coordenador das áreas de programação, parcerias, edições e formação de públicos, refere o comunicado do Ministério da Cultura (MC).

"Considerando as propostas de designação do júri do Comissão de Recrutamento e Selecção para a Administração Pública (Cresap)", como assinala o ministério, Dalila Rodrigues escolheu uma solução de continuidade neste instituto público que gere o património do cinema português. De notar que a Cresap teve de repetir o concurso para o preenchimento destes cargos – que tinha sido aberto, "com carácter de urgência", em Novembro do ano passado –, por não ter encontrado "três candidatos aptos a integrar uma proposta de designação", como o PÚBLICO noticiou em Junho.

A concurso passaram a ser também aceites candidaturas de cidadãos brasileiros aos quais tivesse "sido reconhecido o estatuto de igualdade" e residentes em Portugal.

Enquanto este processo decorria, a ministra da Cultura optara já, no final de Maio, pela manutenção de Rui Machado como director da Cinemateca, em regime de substituição e até à conclusão do concurso. O dirigente ocupava já, de resto, o lugar de subdirector desde Fevereiro de 2014, em regime de comissão de serviço, tendo sido reconduzido no cargo cinco anos depois.

Nascido em 1970, este economista

NUNO FERREIRA SANTOS

A tutela optou por uma solução de continuidade para a instituição sediada em Lisboa

Rui Guerreiro já estava a exercer o cargo de director da Cinemateca, em regime de substituição, desde Fevereiro

de formação começara a trabalhar na instituição como técnico de conservação, a tempo parcial, passando depois a exercer as mesmas funções a tempo inteiro.

Em Abril de 2006 – diz a nota curricular do MC –, foi nomeado chefe interino do departamento do ANIM – Arquivo Nacional das Imagens em Movimento pelo então director da Cinemateca, João Bénard da Costa, tendo depois visto o seu cargo oficializado após concurso público. Rui Machado é membro do Comité Executivo da Association des Cinémathèques Européennes desde 2020.

Também Nuno Sena tem uma ligação à Cinemateca Portuguesa que é anterior à recente assessoria para as áreas da programação e das edições: entre 1998 e 2003, dirigira já o Departamento de Exposição Permanente da instituição, tendo coordenado actividades de programação e edição.

Licenciado em Comunicação Social, com especialização no ramo de Cinema/Audiovisual, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Nuno Sena exerceu, entre 2004 e 2019, funções directivas na associação IndieLisboa, sendo um dos fundadores, directores e programadores do festival com o mesmo nome, especialmente dedicado ao cinema independente.

Nuno Sena foi também assistente da direcção do Instituto Português da Arte Cinematográfica e Audiovisual (IPACA), actual Instituto do Cinema e do Audiovisual. E foi professor de História e Estética do Cinema no Instituto Polite´cnico de Tomar, entre 2010 e 2019.

As presentes nomeações são para comissões de serviço de cinco anos.

Guerra em Gaza ameaça mosteiro com mais de 1600 anos que é património mundial

Lucinda Canelas

É um dos locais mais antigos do Médio Oriente, com a particularidade de ter sido a casa da primeira comunidade monástica da Terra Santa, um pequeno grande pormenor que terá contribuído de forma decisiva para a sua classificação como património da humanidade. A integração do Mosteiro de Santo Hilário, na Faixa de Gaza, nesta lista de excelência da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO, na sigla em inglês) foi feita na sexta-feira, na reunião anual do Comité do Património Mundial, desta vez em Nova Deli, Índia.

Atendendo à guerra na região, este comité recorreu ao procedimento de inscrição de emergência previsto na Convenção do Património Mundial, explica a UNESCO no comunicado em que dá conta da classificação deste mosteiro do século IV, e colocou-o de imediato na lista de bens em perigo, uma medida habitual em casos de conflito.

"A inscrição na Lista do Património Mundial em Perigo abre automaticamente a porta a mecanismos internacionais reforçados de assistência técnica e financeira para garantir a protecção do bem e, se necessário, facilitar a sua reabilitação", pode ler-se no mesmo documento.

O mosteiro está integrado no sítio arqueológico de Tell Umm Amer, no campo de refugiados de Nuseirat, menos de dez quilómetros a sul da cidade de Gaza.

O sítio foi localizado em 1999 e tem vindo a ser escavado com maior intensidade desde 2013. Pelos artefactos encontrados e pelas estruturas postas a descoberto até hoje, os arqueólogos acreditam que terá sido ocupado com comunidades cristãs entre os séculos IV e VIII. O Mosteiro de Santo Hilário é a mais importante das suas construções, mas na área também foram identificados outros

Sítio arqueológico de Tell Umm Amer, a sul da cidade de Gaza

claustros, uma igreja e até um complexo de banhos e habitações, este último, estimam, para uso dos peregrinos que ali acorriam em busca da protecção do santo.

De acordo com algumas fontes, certamente com muita tradição à mistura, Santo Hilário (291-371) viveu no mosteiro, que terá começado a ser construído por volta de 340, já este cidadão nascido a sul de Gaza numa família pagã tinha muitos seguidores.

"Situado no cruzamento das principais rotas de comércio e intercâmbio entre a Ásia e África, era um centro de trocas religiosas, culturais e económicas, ilustrando a prosperidade dos locais monásticos do deserto no período bizantino", diz ainda a UNESCO no comunicado já citado, dando conta da singularidade do mosteiro dedicado a este santo anacoreta, que é venerado pelas igrejas ortodoxa e católica de Roma, depois de ter vivido mais de 20 anos isolado, dedicado a Deus e à contemplação, e de lhe terem sido atribuídos vários milagres.

Apesar da inscrição urgente na lista do património mundial – o Mosteiro de Santo Hilário é o quinto monumento localizado na Palestina e o terceiro a entrar como bem em risco –, e por causa da guerra que opõe Israel ao Hamas, a UNESCO não teve ainda condições para enviar os seus técnicos ao terreno para confirmar o estado da estrutura com mais de 1600 anos.

"[Colocá-lo na lista dos bens em risco] é o único recurso para proteger o local da destruição no contexto actual", disse Lazare Eloundou Assomo, director do Centro do Património Mundial da UNESCO, à AFP, referindo-se à guerra desencadeada pelo ataque do Hamas a Israel a 7 de Outubro. Em Dezembro do ano passado, o Comité Intergovernamental da UNESCO para a Protecção dos Bens Culturais em Caso de Conflito Armado tinha já decidido conceder uma "protecção reforçada provisória" ao mosteiro agora classificado, uma casa religiosa que foi praticamente destruída no ano de 614.

MADDIE MEYER/GETTY IMAGES

Gerald foi um dos piores do século mas estava radiante

O nadador foi dos piores do século nos 200 metros mariposa e, em Paris, foi claramente o último. Mas mostrou que também foi o primeiro, porque não é só de vitórias que se fala nos Jogos

Diogo Cardoso Oliveira, em Paris

Ontem, quando acabou os 200 metros mariposa, nos Jogos Olímpicos, Gerald Hernández, da Nicarágua, tinha todos os outros à sua espera. O primeiro classificado dessa série, e já era a pior série de todas, esperou quase dez segundos – pôde acabar a prova, virar-se, ver o seu tempo e assistir ao muito que ainda restava da prova de Hernández. Na Arena La Défense, Hernández foi o último, bem último, mas também foi o primeiro, bem primeiro. Porque não é só de vitórias que se fala nos Jogos Olímpicos.

Na zona mista, após a prova, o sorriso do jovem de 20 anos chamou a atenção de todos e provocou, também ele, muitos sorrisos entre quem por ali trabalhava na organização. Ele tinha sido o pior nadador da prova – e um dos piores do século –, mas estava radiante. Sorridente, comunicativo e alegre. Confiante, até.

Antes de Hernández, tinham passado alguns nadadores sérios e cansados. Depois dele, passaram mais uns quantos. Mas este nicaraguense não. "Estou tão feliz... estar aqui é um sonho: o meu grande sonho. Nunca me vou esquecer disto. Foi uma experiência inesquecível. Pude começar a prova e nadar a par deles durante um bocado", conta, em conversa com o PÚBLICO, referindo-se aos 15/20 metros em que pôde acompanhar os adversários.

"Eu já sabia que isto ia acontecer. Vir nadar os 200 metros mariposa era o mais difícil para mim. Eu começo sempre muito bem e acabo sempre muito mal. Era um risco vir nadar isto, mas estou muito feliz", explicou.

Sentiu-se no Bernabéu

Vamos pôr os pontos nos is. Na natação, uma marca de 2m06s nos 200 metros mariposa, em contexto olímpico, não é apenas fraca – é muito fraca. Prova disso é que, mesmo nessa série, reservada aos nadadores com piores marcas pessoais, Hernández foi, de longe, o pior, com 2m06,80s.

E na comparação com os Jogos anteriores não houve marca tão má em Tóquio (o pior fez 2m03s), Rio (2m01s), Londres (2m06,37s) ou Pequim (2m03s) – é preciso recuar a Atenas 2004 para ver um tempo tão modesto nesta prova.

Mas Hernández até fez a sua melhor marca de sempre. O melhor Hernández da história é dos piores nadadores olímpicos da história nesta distância. Mas sejamos justos: este nadador não é daquela estirpe especial de atletas que fogem ao estereótipo ou que aparecem vindos não se sabe bem de onde, como Robel Habte ou Eric Moussambani – esses são cada vez mais raros.

A profissionalização dos atletas é mais global e fica mais difícil aparecerem "peixes fora de água" em ambiente olímpico. Hernández veste-se como nadador, mergulha como nadador, nada como nadador, tem corpo de nadador e fala como nadador. Só não nada tão depressa como os outros, mas isso, em Jogos Olímpicos, por vezes é um detalhe.

Hernández explicou mesmo que aquilo que sentiu em Paris foi diferente de tudo o que já tinha visto.

Na mariposa, os nadadores estão em permanente "entra e sai" da água. E Hernández achou graça a isso. "Foi giro sentir-me num estádio de futebol. Cada vez que saía da água ouvia o barulho das bancadas, pareciam loucos. Parecia que estava no Santiago Bernabéu."

Quer uma medalha

Gerald Hernández contou-nos a história que o trouxe aqui. Começou a nadar aos sete anos, quando o pai, farto de que ele não aprendesse a arte em família, o deixou num clube de natação. "Fez o que os pais fazem, que é forçar a criança a nadar. Deixou-me num clube, eu adorei e fiquei lá", conta.

Apesar de já ter alguma expressão no contexto da natação da Nicarágua, Hernández ainda não é de primeira – ou segunda – água no panorama americano. Mas já se sente um modelo. "Sinto que já sou um modelo no meu país. As crianças já olham para mim e reconhecem-me como o nadador que querem seguir."

E agora? Agora é levar qualquer coisa para casa – mas não de Paris. "O sonho agora é conquistar uma medalha para o meu país. Não tem de ser olímpica. Pode ser em provas da América Central, provas pan-americanas... qualquer coisa".

Por enquanto, diz que vai tentar lá chegar enquanto concilia a natação com os estudos de arquitectura. Diz que admira a força mental de Phelps, a velocidade de Dressel e o foco de Popovici – pelo menos de velocidade e foco vai poder aprender, caso fique por Paris mais uns dias.

Natação

Daniel Wiffen, da *Guerra dos Tronos* ao ouro olímpico

Marco Vaza

Nasceu em Inglaterra e, nos Jogos da Commonwealth, compete pela Irlanda do Norte. Mas nos Jogos Olímpicos é para a Irlanda

Irlanda do Norte e República da Irlanda são duas partes da mesma ilha, separadas por muita coisa, desde o tipo de governo, moeda e religião. Os do Norte não têm autonomia desportiva (a não ser no râguebi e no futebol), os do Sul têm equipas próprias, incluindo nos Jogos de Paris, e, por isso, têm direito a reclamar como sua a medalha de ouro conquistada ontem por Daniel Wiffen nos 800m livres em mais um dia da natação olímpica nos Jogos de Paris 2024. Por que razão é que fizemos esta introdução? Wiffen (e o irmão gémeo, que também é nadador) nasceu em Inglaterra, viveu na Irlanda do Norte, mas representa a República da Irlanda em todo o que não sejam os Jogos da Commonwealth.

No La Defénse Arena, o irlandês teve de investir energia nos últimos metros para bater o norte-americano Bobby Finke – fez 7m38,19s, menos 0,59s que Finke, campeão em Tóquio, enquanto o italiano Gregorio Paltrinieri, que liderava na última viragem, ficou com o bronze. É a primeira medalha para o irlandês nestes Jogos Olímpicos de Paris, mas pode bem ser a primeira de três. Apesar de ter desistido de participar nos 400m livres, o irlandês ainda vai participar na prova mais longa em piscina (1500m) e na prova de águas abertas (10km), seja ela onde for.

Wiffen tem várias nacionalidades, mas viu-se bem no pódio de Paris a emoção que foi chegar ao título com a família a ver. Mas podia ter sido ainda mais emocionante se tivesse tido o irmão gémeo Nathan na piscina ao seu lado – eles nadam as mesmas distâncias e Nathan falhou a qualificação para Paris por pouco. E a natação, claro, não é a única coisa que fazem juntos – quando eram mais novos, entraram, com a irmã mais velha, como figurantes num dos mais famosos episódios da *Guerra dos Tronos*, o "Casamento Vermelho", mas, como eram muito novos, os pais não os deixavam ver a série.

O triunfo do irlandês em Paris não será propriamente uma surpresa. Afinal, ele já era campeão mundial da distância (e dos 1500m) em Doha 2024, mas este duplo triunfo foi, de certa forma, desvalorizado por alguma concorrência que optou por abdicar desses Mundiais no Qatar para se preparar para os Jogos. A verdade é que o irlandês de 23 anos deu um salto de gigante desde Tóquio, onde se tinha ficado pelas meias-finais com 7m51,65s – mais 13 segundos do que fez agora em Paris.

3

Número de medalhas que Daniel Wiffen pode vir a conquistar nestes Jogos Olímpicos

Britânicos seguram o trono

Durante quase um século, os norte-americanos dominaram a prova de 4x200m estilos, mas perderam a coroa em Tóquio para os britânicos e essa hierarquia manteve-se em Paris. Foi uma exibição categórica do Team GB com James Guy, Tom Dean, Matthew Richards e Ducan Scott, um domínio que se acentuou nos dois últimos percursos e ao qual os norte-americanos não conseguiram responder. Ouro, então, para os britânicos, com 6m59,43s, prata para os EUA (a 1,35s) e bronze para a Austrália (a 2m55s).

Na final dos 100m costas femininos, Kaylee McKeonwn deu mais uma medalha de ouro na natação à Austrália – é a quarta, já os EUA continuam com apenas duas. Numa final de pares (duas australianas, duas americanas, duas canadianas e duas francesas), McKeonwn repetiu o triunfo de Tóquio, com 55,33s (novo recorde olímpico), deixando para trás as duas norte-americanas, Regan Smith (a 0,33s) e Katharine Berkoff (a 0,65s).

UESLEI MARCELINO/REUTERS

O irlandês Daniel Wiffen trinca a medalha de ouro conquistada ontem nos 800m livres

HUGO DELGADO/LUSA

Estreia olímpica

Diogo Ribeiro falhou ida à final nos 100m livres mas a aposta é outra

Diogo Cardoso Oliveira, em Paris

Diogo Ribeiro, de 19 anos, fez ontem a sua estreia em Jogos Olímpicos, nos 100 metros livres, terminando no sétimo lugar da sua série com o tempo de 48,88s e falhando o apuramento para as meias-finais, já que o seu registo não ficou entre os 16 mais velozes (que fechou em 48,41s, três centésimos abaixo do que foi registado em Tóquio 2020). Diogo Ribeiro foi o 28.º das eliminatórias em 79 atletas.

Apesar da eliminação prematura, a participação olímpica daquele que é um dos nadadores mais promissores da actualidade e o melhor português de sempre não terminou. O campeão mundial dos 50 e 100 metros mariposa vai voltar a entrar na piscina olímpica amanhã, mas nos 50m livres. Já nos 100m mariposa, a prova vai decorrer na sexta-feira.

Tranquilo para o que falta

No final da sua participação, Diogo Ribeiro analisou o seu desempenho: "Virei quase à frente e foi uma boa prova na entrada, mas acabei por pagar o preço dessa boa entrada. Nadei a puxar para cima em vez de puxar para a frente. E custou-me nos últimos 15 metros", disse o recordista nacional na distância – se tivesse conseguido igualar essa marca (47,98 segundos, registados a 31 de Março de 2023), teria chegado às meias-finais.

"Já sabia, pelas últimas provas que fiz, que os últimos 15/25 metros iam doer sempre mais. Pensei que ia estar mais tranquilo, mas falhei naquele pormenor de puxar para cima em vez de puxar para a frente", acrescentou o nadador português.

Diogo Ribeiro admitiu que a competição nos Jogos Olímpicos tem um cariz diferente de uns Mundiais, mas assegurou que a eliminação não o afectou.

"Isto são Jogos Olímpicos. A pressão e as sensações são diferentes. Por acaso até estava mais tranquilo do que no Mundial. Mas não corre sempre bem. Não é preocupante e estou supertranquilo para o que falta."

Sobre o que lhe falta ainda disputar, Diogo Ribeiro mostrou optimismo e revelou a forma como encara o que ainda lhe falta nadar: "A grande aposta são os 100m mariposa, claro. Os 50m livres é prova para perceber a minha velocidade."

> **Virei quase à frente e foi uma boa prova na entrada, mas acabei por pagar o preço dessa boa entrada. Nadei a puxar para cima em vez de puxar para a frente. E custou-me nos últimos 15 metros**
>
> **Diogo Ribeiro**
> Atleta

Potência mundial

No hóquei em campo, a Índia não sente pressão mas tem responsabilidades

Marco Vaza, em Paris

Para quem está habituado a uma versão mais pequena e com rodas, o hóquei em campo tem muitas diferenças em relação ao que se joga com patins (e que não é desporto olímpico), mas o objectivo continua a ser o mesmo: meter a bola na baliza mais vezes do que o adversário. E, na história dos Jogos Olímpicos, ninguém tem sido melhor do que a Índia, que é para o hóquei o que os EUA são para o basquetebol, a Hungria é para o pólo aquático e a China para o ténis de mesa. Não será um desporto tão popular no país como o críquete (que, já agora, será modalidade olímpica em 2028, depois de ter feito a sua única aparição em 1900), mas é aquele que concentra as suas atenções olímpicas de quatro em quatro anos.

Ontem de manhã, no campo 2 do Estádio Yves de Manoir, Índia e República da Irlanda defrontaram-se para a terceira jornada da Poule B do torneio masculino. Sol escaldante, pouca sombra para os adeptos (que não eram muitos) e nenhuma para os jogadores que estão no sintético, de *stick* na mão a correr de um lado para o outro.

O jogo foi equilibrado, mas a Índia ganhou por 2-0, com dois golos do seu capitão, Harmanpreet Singh, a segunda vitória em três jogos, que eleva a Índia ao primeiro lugar do agrupamento.

Para quem nunca viu um jogo de hóquei em campo, aqui ficam alguns detalhes. São 11 contra 11, os jogos têm a duração de uma hora (divididos em quatro partes de 15 minutos cada) e só se pode rematar dentro do semicírculo onde está a baliza adversária. Existem penáltis frontais e existem os penáltis de canto – em que a bola é movimentada a partir da linha de fundo, a dez metros da baliza, para a zona central, sendo que, na baliza, não está apenas o guarda-redes, mas outros jogadores de campo com protecções temporárias no rosto e nos braços.

Foi num desses penáltis de canto que a Índia marcou um dos seus golos, numa execução perfeita do seu capitão, que ainda elevou o resultado para 2-0, já no segundo quarto. Os irlandeses tiveram as suas hipóteses de nivelar o marcador, mas os indianos seguraram a vantagem e a invencibilidade.

41 anos sem medalhas

Houve uma era dourada no hóquei indiano, que incluiu seis títulos olímpicos consecutivos entre 1928 e 1956, mais quatro medalhas (duas delas de ouro) até Moscovo 1980. Depois, foram 41 anos sem ir ao pódio, até que, em Tóquio 2021, a Índia voltou a ganhar uma medalha, com um bronze muito festejado, como recordou ao PÚBLICO Harmanpreet Singh, que também estava nessa equipa.

"Essa medalha significou tudo. Esse era o meu sonho desde que comecei. Quando recebemos a medalha e a levámos para a Índia, vimos as pessoas a aplaudir-nos, foi muito especial para nós", diz Singh.

Singh, considerado um dos melhores da actualidade, é um repetente olímpico – aparece registado como defesa, mas é o terceiro melhor marcador da história da selecção, 188 golos em 219 jogos.

Já Jarmanpreet Singh, o n.º 4, é um estreante. Distingue-se dos outros pela sua barba luxuriante de sikh, mas que não o atrapalha em campo. Ele é uma das figuras desta selecção, sempre com grande disponibilidade para o ataque, e a sua altura permite-lhe chegar às bolas altas com o *stick*.

Sente-se um enorme orgulho no seu discurso em cumprir a sua estreia olímpica. "São os meus primeiros Jogos, é um orgulho gigante para um jogador chegar a este nível tão alto. A minha família também está orgulhosa, mas tenho de trabalhar para que eles fiquem ainda mais orgulhosos", diz.

Seria ainda mais especial para ele se se tivesse cumprido o plano de ter a mãe a ver os seus jogos. Mas, diz o jogador, não conseguiu visto. "Atrasei-me a fazer o pedido e já não foi a tempo, mas ela e toda a minha família continuam a apoiar-me em casa."

Quão importante seria para a Índia conquistar uma medalha? Não chegaria para desalojar o críquete do estatuto de prioridade desportiva do país, como refere Jarmanpreet Singh, mas seria um sinal claro de retoma e de que já ficaram esquecidas aquelas quatro décadas sem uma única medalha. "Estamos outra vez em alta, estamos a trabalhar bem, como se tem visto pelos jogos que temos feito."

"As expectativas são enormes", assinala o capitão indiano. "O hóquei é enorme na Índia, todos esperam que ganhemos uma medalha de ouro. Estamos num bom momento, 100% de certeza. Sinto que estamos a dar bom hóquei às pessoas. Não há pressão, mas há orgulho dessa história. E há responsabilidade."

ADNAN ABIDI/REUTERS

A Índia quer voltar a ser uma potência no hóquei em campo

8

O número de títulos olímpicos que a Índia tem no hóquei em campo

Agenda dos portugueses

As horas estão no horário de Lisboa

Hoje

7h00	**M. Santos, M. Tomé**	Triatlo F	Final
8h00	**Maria Inês**	Tiro Fosso Olímpico	Qualificação
9h45	**R. Baptista, V. Vilaça**	Triatlo M	Final
9h	**Taís Pina**	Judo -70kg F	Qualificação e Final
9h	**Equipas**	Dressage	Qualificação
11h35	**Rita R. Duarte**	Dressage ind.	Qualificação

Finais

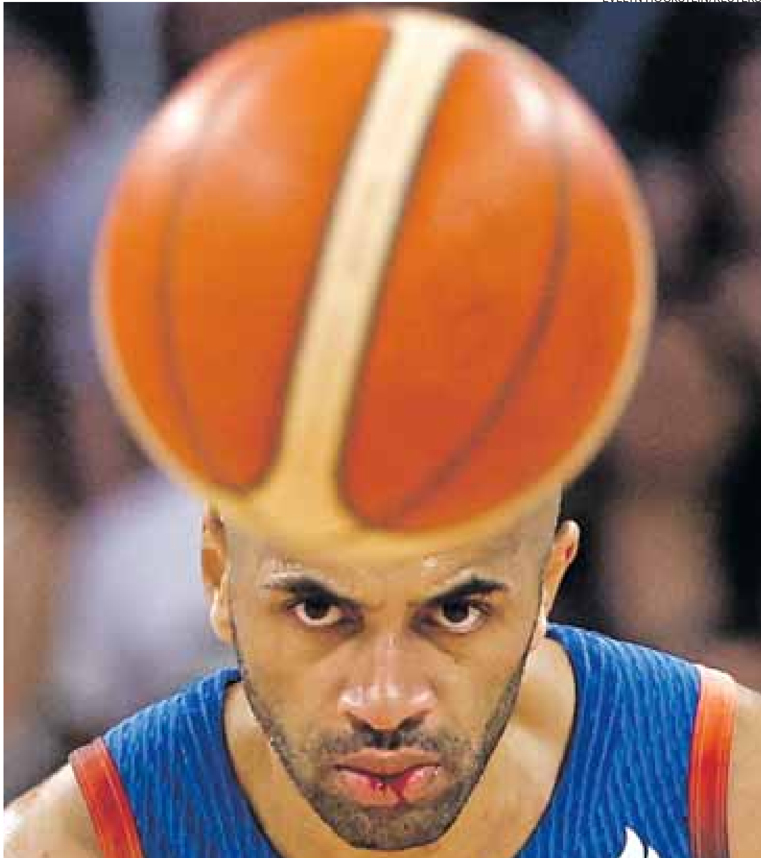
Hoje

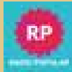
Triatlo	Individual F	7h00
Triatlo	Individual M	9h45
Saltos sincronizados	Plataf. 10m F	10h
Remo	Quadr.Sculls M	11h02
Remo	Quadr.Sculls F	11h14
Ciclismo	BMX F	12h10
Ciclismo	BMX M	13h44
Tiro	Fosso Olímpico F	14h30
Judo	-70kg F	a partir das 15h
Judo	-90kg M	a partir das 15h
Canoagem	Canoa ind. F	16h25
Ginástica	All-around M	16h30
Esgrima	Sabre M	18h30
Natação	100m livres F	19h30
Natação	200m mariposa M	19h37
Natação	1500m livres F	20h13
Natação	200m bruços M	21h31
Natação	100m livres M	21h39

Medalheiro

	●	●	●	Total
1. **Japão**	7	2	4	13
2. **China**	6	6	2	14
3. **Austrália**	6	4	1	11
4. **França**	5	9	4	18
5. **Coreia do Sul**	5	3	3	11
6. **EUA**	4	11	11	26
7. **Grã-Bretanha**	4	5	3	12
8. **Itália**	3	4	4	11
9. **Canadá**	2	2	2	6
10. **Hong Kong**	2	0	1	3

EVELYN HOCKSTEIN/REUTERS





Breves

Ginástica

A oitava medalha olímpica de Simone Biles já chegou

Os EUA recuperaram ontem o ouro no concurso por equipas na ginástica artística feminina, num dia em que Simone Biles conseguiu a sua oitava medalha olímpica, e no qual o Brasil fez história. Apontadas como favoritas, as norte-americanas não desiludiram e fecharam o concurso, que lideraram desde o início, com 171,296 pontos, deixando a Itália a 5,802 pontos, com a prata, que só tinha sido conseguida pela ginástica transalpina feminina nos Jogos Amesterdão 1928. O Brasil, sob a batuta de Rebeca Andrade, fez história ao alcançar o bronze (164,497), o primeiro pódio colectivo da nação e da América do Sul.

Tiro

Maria Inês de Barros ainda tem a final na sua mira

A atiradora portuguesa Maria Inês de Barros foi ontem 8.ª no primeiro dia de qualificação do fosso olímpico dos Jogos Olímpicos, a apenas um tiro do 6.º posto, o último que apura para a final. Num desempenho regular, a campeã europeia marcou 24 pontos em cada uma das três rondas disputadas ontem, totalizando 72 pontos, os mesmos que a sétima classificada, a chinesa Wu Cuicui, e a apenas um tiro de um quarteto de atiradoras, situadas entre o terceiro e o sexto lugares. Hoje, Maria Inês de Barros, a primeira portuguesa a participar nesta prova, vai disputar, a partir das 9h, mais duas rondas. A final será às 15h30.

Esgrima

Atleta olímpica e grávida de sete meses

Pedro Keul

Nada Hafez surpreendeu o mundo do desporto ao anunciar que estava grávida de sete meses. A atiradora egípcia de 26 anos tinha acabado de ser eliminada nos oitavos-de-final da prova de sabre quando recorreu às redes sociais para partilhar a alegria de ter competido nos Jogos Olímpicos de Paris na condição de pré-mamã.

"O que parece para vocês como dois atiradores na pista, na verdade eram três! Eu, a minha adversária e o meu pequeno bebé ainda por vir ao nosso mundo. O meu bebé e eu tivemos a nossa quota de desafios, tanto físicos, quanto emocionais. A montanha-russa da gravidez é difícil por si só, mas ter de lutar para manter o equilíbrio entre a vida e o desporto foi nada menos do que extenuante, embora tenha valido a pena. Escrevo este *post* para dizer que o orgulho me enche por inteiro por garantir o meu lugar nos oitavos-de-final!", escreveu Nada Hafez. Na estreia nos Jogos de Paris, a egípcia venceu a americana Elizabeth Tartakovsky (15-13), antes de ser eliminada pela sul-coreana Jeon Ha-Young (15-7).

"Tenho sorte de ter compartilhado a confiança do meu marido [Ibrahim Ihab] e da minha família para poder chegar até aqui. Esta Olimpíada específica foi diferente; três vezes 'olímpica', mas desta vez carregando uma pequena olímpica", acrescentou no mesmo *post*, acompanhado de várias fotos da competição, realizada no Grand Palais.

Sensação semelhante sentiu a basquetebolista Valériane Vukosavljevic, que contribuiu para a medalha de bronze da França nos últimos Jogos Olímpicos, em Tóquio, enquanto estava grávida, facto só conhecido de familiares e alguns próximos até ao final da competição.

"Durante o meu tempo livre, quando não estou com a equipa, posso estar com a minha filha. Posso amamentá-la, cuidar dela, fazê-la comer, fazê-la tomar banho – todas as coisas que uma mãe precisa de fazer. É importante porque ela ainda é muito jovem e não consigo imaginar deixá-la sozinha por tanto tempo. É importante para uma mãe, para a sua saúde mental", explicou então Vukosavljevic, antes de salientar: "Tive a aprovação do médico da federação, o acordo médico do meu ginecologista e isso era o principal. A treinadora disse-me que estava muito feliz por mim, que a gravidez não colocava em questão a minha selecção para o Euro e os Jogos Olímpicos, se tudo estivesse bem clinicamente."

Além das câibras e momentos de enorme fadiga após os encontros, Vukosavljevic não sentiu nenhum alerta físico ou de saúde. "A gravidez não é uma doença, não impede de praticar desporto. Joguei três grandes competições e estou bem. Depois disso, é uma escolha. Eu sabia que queria ter um filho durante a minha carreira", explicou.

Aos seis meses de gravidez, Vukosavljevic teve mesmo de parar, mas pouco tempo após o nascimento de Alani, em Janeiro de 2022, voltou a competir. Em Paris, continua a ser uma peça importante da selecção, enquanto se afirma como uma porta-voz das mães atletas.

Uma das recentes conquistas foi a instalação de um berçário na aldeia olímpica, em estreia nesta edição. "Quando entrei para a Comissão de Atletas do Comité Olímpico Internacional, realmente queria ser a voz das mães atletas e apenas tirar-lhes uma preocupação durante a pressão da competição. Acho que isso diz mesmo às mulheres que podem escolher a maternidade e também estar no topo da sua forma sem ter de perder nada", explicou Alysson Felix, mãe, atleta olímpica com 11 medalhas conquistadas e a mentora deste espaço consagrado às recém-mamãs e papás.

Estes Jogos Olímpicos têm confirmado a vontade de as atletas de topo prosseguirem as suas carreiras desportivas depois de serem mães, como é o caso da judoca Clarisse Agbegnenou, a tenista Naomi Osaka ou a atleta Shelly-Ann Fraser-Pryce. Aliás, Osaka, mãe de Shai em Julho do ano passado, perdeu na primeira ronda com Angelique Kerber, mãe de Diana em Fevereiro de 2023.

Nada Hafez

NUNO VEIGA/LUSA

Ciclistas do pelotão da Volta são refrescados por um espectador

Uma fuga que deu vitória na Volta

Prova teve um vencedor de etapa inédito, mas a classificação geral não sofreu alterações, com um português de amarelo

Foi ao *sprint*, mas depois de uma longa fuga que o norte-americano Hugo Scala Jr. (Echelon Racing) venceu, ontem, a quinta etapa da 85.ª Volta a Portugal, que ligou Penedono e Bragança, na extensão de 176,8km. Na classificação geral, o português Afonso Eulálio (Betão/Feirense) conservou a liderança.

Scala Jr., de 26 anos, completou a tirada em 4h10m26s, batendo o português Fábio Costa (Betão/Feirense) num *sprint* final.

A etapa proporcionava um final em grupo, mas logo nos primeiros quilómetros Julius Johansen (Sabgal-Anicolor) tomou a iniciativa de iniciar uma fuga e foi acompanhado por mais 11 ciclistas.

A vantagem destes fugitivos chegou a ser de quase seis minutos para o pelotão, o que levou a equipa do camisola amarela – juntamente com a Caja Rural e a Louletano-Loulé Concelho – a ter de trabalhar para reduzir essa diferença.

Quando os ciclistas se aproximaram dos últimos 15 quilómetros, contudo, o pelotão parecia desorganizado, e quem aproveitou foi o grupo fugitivo que manteve a colaboração e seguiu a bom ritmo.

Com a meta cada vez mais próximo, começaram os ataques também entre os homens da frente, com destaque para o de Julius Johansen, que o isolou na companhia de Fábio Costa e Hugo Scala Jr.

Nos últimos metros, contudo, Johansen cedeu terreno quando Fábio Costa atacou, mas, nos metros finais, foi Hugo Scala Jr. o mais forte que após cortar a meta não escondeu a sua alegria.

"Foi uma etapa muito dura por causa do calor e do ritmo a que foi a corrida. No final aguardei o momento certo para o *sprint* e consegui a minha primeira vitória como profissional. Estou radiante", comentou.

Apesar da fuga vitoriosa, Afonso Eulálio manteve a camisola amarela, continuando a liderar a classificação geral. O português conservou as distâncias para os seus mais directos perseguidores, com o suíço Colin Stüssi (Vorarlberg), o vencedor de 2023, a continuar a ser segundo, a 16 segundos, e o espanhol Jon Agirre (Kern Pharma) a ser terceiro, a 26s.

Hoje, a sexta de 10 etapas sai de Bragança e ruma a Boticas numa extensão de 169,1km, com cinco contagens de montanha no percurso, a última de primeira categoria, em Torneiros, nos últimos 20 quilómetros. **PÚBLICO/Lusa**

Classificações

5.ª ETAPA	
1.º H. Scala Jr. (Project Echelon)	**4h10m26s**
2.º F. Costa (Betão/Feirense)	**m.t.**
3.º J. Johanssen (Sabgal/Anicolor)	**a 11s**
4.º H. Aznar (Kern Pharma)	**a 14s**
5.º X. Canellas (Euskaltel)	**m.t.**
GERAL	
1.º A. Eulálio (Betão/Feirense)	**20h48m25s**
2.º C. Stüssi (Vorarlberg)	**a 16s**
3.º J. Agirre (Kern Pharma)	**a 26s**
4.º M. Biskarra (Euskaltel)	**a 50s**
5.º Diego Camargo (Petrolike)	**a 1m18s**

Histórias e motores

JON FEINGERSH PHOTOGRAPHY INC/GETTY IMAGES

Os cuidados que as férias de automóvel não dispensam

Se a ideia é agarrar no automóvel e partir de férias, o melhor é, antes, avaliar se o veículo está pronto para tal empreitada, levando-o a uma oficina ou enveredando por um "faça você mesmo"

Carla B. Ribeiro

Ir de férias de automóvel é sinónimo de autonomia e de dar largas a qualquer vontade de se desviar do destino. Mas também pode ser uma decisão com consequências negativas, quer para o descanso, quer para a carteira. Por isso, antes de nos fazermos à estrada, tenhamos 100 ou mais de 1000 quilómetros pela frente, vale a pena tirarmos algum tempo para nos assegurarmos de que a viagem não fica a meio nem que nos irá custar muito mais do que o previsto.

O ideal, diz Victor Simões, da VMS, oficina de reparação e manutenção automóvel em Lisboa, é programar uma visita ao mecânico antes da partida. E, para não agravar o orçamento, fazer coincidir essa visita com a manutenção programada. Até porque, explica, há contratempos que podem advir de problemas em mecanismos que nem sempre é fácil detectar numa inspecção doméstica, como é o caso do sistema de refrigeração. É que, justifica, pode haver um problema com o sensor ou com o termóstato: "Não basta pôr líquido [de refrigeração do motor]", sublinha, chamando a atenção para as consequências. "O motor pode gripar", alerta, avisando que nunca se deve continuar a rolar, nem um quilómetro mais, quando, no painel de instrumentação, se acende uma luz vermelha, recomendando a chamada imediata do reboque. No entanto, "sendo uma luz amarela, podem ir até à próxima área de serviço", ressalva.

Além do sistema de refrigeração, que pode requerer um olhar profissional, há, para Victor Simões, outras três áreas que não devem ser descuradas: iluminação, verificando

se há luzes fundidas, que podem representar um problema de segurança; nível do óleo, que, se insuficiente, também pode resultar em problemas mecânicos; e pneus.

No caso dos pneus, tantas vezes negligenciados, embora constituam o único ponto de contacto do automóvel com o piso, António Costa, da Garagem da Lapa, no Porto, lembra que é preciso "ter consciência de que, se o carro vai carregado, é preciso adaptar a pressão, com aquela que é recomendada pelo fabricante", e verificar o estado de saúde de cada rodado, chamando a atenção para o que se passa na parte interior, que tanta gente se esquece de espreitar. Além do mais, refere, com o calor, a maior pressão vai proteger o pneu de se deformar como resultado da equação entre o peso da carga e a temperatura do asfalto.

Depois, o ideal, atira, é que a pressão seja corrigida após a chegada ao destino de férias, para o valor inferior indicado pelo fabricante, já que o automóvel foi aliviado da carga da bagagem, voltando-se a corrigir antes do regresso. No entanto, estima, poucas pessoas o farão. E isso, ressalva, não provocará nenhum dano ao veículo; apenas a sua condução se revelará mais dura enquanto se mantiver a pressão dos pneus no limite máximo sem carga extra.

Já no que diz respeito à verificação do óleo, lembra António Costa, esta pode revelar-se "um desafio". É que, "hoje em dia, os automóveis novos, às vezes, não têm vareta", observando-se o nível do óleo através do *software*. "Uma vantagem muito grande", observa, "já que não suja as mãos". No entanto, há desvantagens, como quando se quer verificar o nível com o automóvel a frio, altura em que os dados apresentados não serão fidedignos.

Apesar dos constantes avisos, relata José Miguel Patrício, gerente da Topcar Auto Sesimbra, o que acontece é que o "fluxo de trabalho nestes meses de Verão acelera", muito por causa de imprevistos relacionados com as férias e que, avisa, acabam por "estragar o descanso", nomeadamente a nível do orçamento. Por isso, aconselha a que se invista na prevenção e não se deixe para a última hora: "Cada vez mais peço que as pessoas antecipem estas visitas para assegurar que têm o automóvel pronto no dia em que querem partir." É que, contextualiza, basta que seja necessária uma qualquer peça para que o tempo de reparação se arraste. Um problema que, diz o responsável, se observa commummente desde a pandemia de covid-19, com "tempos cada vez mais alargados de entrega".

Durante a viagem é de observar o painel de instrumentos; antes e depois, a pressão dos pneus deve ser acertada com a carga

MARKUS SPISKE/UNSPLASH

AYE HAYCH/UNSPLASH

Das coisas mais básicas, refere José Miguel Patrício, é a verificação das escovas do pára-brisas e do líquido no depósito daquele, chamando a atenção para o facto de um vidro sujo prejudicar a visibilidade, sendo, assim, um factor de insegurança.

Depois, alerta, é necessário rever todos os pontos antes de planear o regresso. "Muita gente chega a um sítio, pára e não toca mais no carro", observa, avisando que, ao fim de 15 dias ou mais sem trabalhar, o veículo pode apresentar parâmetros que precisam de ser resolvidos, como a pressão dos pneus ou os níveis dos fluidos.

João Santos, da Auto Pneus – Maia, membro da rede Contiservice, concorda com tudo o exposto e acrescenta que, mesmo durante o período de descanso, vale a pena não esquecer as necessidades do veículo, a começar por protegê-lo do sol, sobretudo em dias de calor extremo: para conforto dos ocupantes, mas também para preservar os interiores. Por isso, aconselha, numa lista partilhada com o PÚBLICO (ver caixa), a ter sempre tapa-sóis e cortinas próprias para evitar a propagação do calor.

Além do sistema de refrigeração, há outras três áreas que não devem ser descuradas: iluminação, nível do óleo e estado e pressão dos pneus

No entanto, para quem tenha orçamento folgado, é possível optar pela aplicação de películas nos vidros que protegem o habitáculo, lembra Victor Simões, ainda que ressalve que aquelas têm de ser transparentes para cumprirem com a homologação do veículo. O valor, diz, depende da qualidade da película, mas não ficará por menos de 300 euros.

Nos eléctricos, que só no último ano duplicaram o número de registos em Portugal, todos os especialistas escutados pelo PÚBLICO são unânimes em aconselhar que se planeie bem a rota antes da partida, observando postos de carregamento pelo caminho, tendo em conta que, com calor extremo (temperaturas acima dos 35º), a autonomia da bateria pode ser prejudicada.

Por fim, é imperativo não esquecer o ar condicionado, que, quando tem pouco gás ou o filtro sujo, não funciona correctamente, exigindo mais energia (e contribuindo para uma maior despesa, seja com combustíveis fósseis ou com electricidade). Por uma questão óbvia de conforto, mas também, como alerta António Costa, por uma questão de segurança: um ambiente mais fresco no habitáculo vai aguçar a atenção do condutor.

Cuidados nas férias

Antes

Verifique nível e qualidade do óleo do motor, assim como filtros, trocando-os se necessário, idealmente com a ajuda de um profissional.

Observe o nível dos fluidos do radiador, travões, direcção assistida e limpa pára-brisas.

Reveja pastilhas, discos e fluidos de travão; acerte a pressão dos pneus (incluindo sobressalente) e observe o estado geral da banda de rodagem.

Verifique a carga e o estado da bateria.

Certifique-se de que todas as luzes e sinais estão a funcionar correctamente.

Localize o triângulo de emergência e o colete reflector; reveja *kit* de primeiros socorros; caso haja extintor, veja validade.

Certifique-se de que os documentos do veículo (livrete, seguro, inspecção) estão em dia, de que a carta de condução está válida e que a apólice de seguro cobre a área para onde vai viajar.

Garanta que tem um GPS actualizado ou mapas da região e verifique o estado das estradas e eventuais obras ou desvios.

Certifique-se de que a carga está bem distribuída e segura e não exceda a capacidade.

Durante

Faça pausas regulares para descansar e evitar a fadiga.

Respeite limites de velocidade e adapte a velocidade às condições da estrada; mantenha uma distância segura dos outros veículos.

Esteja atento a quaisquer ruídos ou comportamentos incomuns.

Tenha sempre na viatura tapa-sóis e cortinas.

Regresso

Faça uma verificação geral do veículo para identificar possíveis danos ou desgaste causados pela viagem.

O que é feito de si?

Bernardo Mota

"Tenho um orgulho imenso em ter participado em três Jogos Olímpicos"

O agora treinador recorda, ao PÚBLICO, os dias memoráveis em Barcelona, mas também em Atlanta e Sydney

Pedro Keul Texto
Rui Gaudêncio Fotografia

Pode dizer-se que Bernardo Mota estava no sítio certo à hora certa. Quando o ténis reapareceu em força nos Jogos Olímpicos, o tenista português estava no início da sua carreira profissional e, rapidamente, a presença no evento tornou-se um objectivo.

Em 1992, em Barcelona, estreou-se com uma memorável exibição em singulares, obrigando Goran Ivanisevic, então número quatro do ranking mundial, a disputar cinco *sets* (6-2, 6-2, 6-7, 4-6 e 6-3). Jogou também em pares, ao lado de Emanuel Couto, repetindo a parceria quatro anos depois, em Atlanta.

Em 2000, Mota assinou a terceira presença olímpica, formando dupla com Nuno Marques. O então objectivo tornou-se um triplo orgulho e, actualmente, o agora treinador faz parte da centena de atletas portugueses com três ou mais participações em Jogos Olímpicos.

"Os Jogos Olímpicos foram algo que apareceu de repente e que mexeu logo comigo. Quando era mais novo e havia uma edição, ficava colado à televisão (adorava saltos para a água). Começo a pensar nisso em 1991, quando dizem que havia um torneio de qualificação, em Lillehammer, e eu e o Emanuel disponibilizámo-nos para ir. Aproveitaram esse torneio para promover os Jogos Olímpicos de Inverno que iam realizar-se lá dentro de dois anos. Não sei porque é que o Nuno Marques e o João Cunha e Silva não foram, mas sabíamos que era uma questão de orgulho nacional e não havia compensações financeiras,

Bernardo Mota guardou todos os equipamentos e roupas oficiais. Hoje o atleta lamenta não ter ganho um encontro

nem pontos para o ranking. Teve uma motivação extra numa lógica de país, embora a comunidade do ténis na altura não olhasse para os Jogos Olímpicos como hoje. E quando eu e o Emanuel nos qualificámos, foi uma alegria enorme, fiquei logo realizado. Em singulares, perdi, mas, uns dias mais tarde, soube que tinha sido repescado e foi uma alegria extra. O jornalista Norberto Santos deixou-me uma carta no vidro do carro – até julgava que era uma multa – a desejar a maior sorte para os Jogos Olímpicos, e isso foi marcante, nunca esquecerei", recorda.

Os olhos de Mota brilham quando é desafiado a revelar a primeira memória que tem da estreia em Jogos Olímpicos, em Barcelona: "A primeira imagem que tenho é a cerimónia de abertura. Lembro-me de dois momentos significativos: a entrada no estádio, com uns chapéus de palha que fui enchendo de *pins* – é uma 'doença' e lembro-me de trocar com o [Boris] Becker, o [Michael] Stich... – e os milhares de pessoas a gritar, nunca tinha tido essa sensação. Depois fomos para a zona reservada a cada país, mas todos a tirarem fotografias uns com os outros, aquele espírito de festa, comum a todos. Quando passámos pela *Dream Team*, trocámos *high fives* com o Magic Johnson, Larry Bird, Michael Jordan... uma imagem muito forte. A outra foi o atirar da seta para acender a tocha olímpica, porque estava a poucos metros do atirador."

As recordações das três experiências olímpicas misturam-se na memória e Mota tem às vezes dificuldade em situá-las em Barcelona, Atlanta ou Sydney. Mas sem dúvida que as do evento espanhol foram as que tiveram um impacto maior.

"Também me isolava do mundo porque não tinha telemóvel (acho que nem em 1996) e não tínhamos muitas notícias do exterior. Vivíamos na hora, absorvíamos cada momento, com grande intensidade, e não nos distraíamos a gravar e a partilhar. Eu andava sempre com uma câmara fotográfica para o nosso dia-a-dia e tenho montes de imagens", assinala o atleta português, que teve em Barcelona o primeiro contacto com o fenómeno do voluntariado, um sistema habitual em muitos países para reunir colaboradores para grandes eventos e pouco conhecido então em Portugal.

"Onde entrávamos, éramos heróis. Os voluntários estavam tão ou mais felizes do que nós por ali estarem. Senti também isso quando acompanhei o Rui Machado ao Open da Austrália, em 2011, e o condutor de um transporte oficial, que tinha acabado de vender uma empresa cotada na bolsa, nos confessou a alegria de poder estar em contacto com os melhores atletas do mundo e poder falar com eles", contou Mota, também ele a viver numa "cidade" de grandes nomes do desporto, alguns referências para o tenista.

"Estávamos na aldeia olímpica, uma zona de várias centenas de metros quadrados, a cruzarmo-nos constantemente com outros grandes campeões. Lembro-me do maratonista Haile Gebrselassie, que admirava muito, de o Gustavo Kuerten não conseguir andar muitos metros sem parar para tirar fotografias... Quando alguém ganhava uma medalha, era lógica comum colocar a medalha ao peito e passear-se pela aldeia, com todos a cumprimentá-lo e a dar os parabéns" ou, como aconteceu a certa altura, sentar-se no restaurante dos atletas mesmo diante de Mota, pois "era o único lugar livre".

Todas estas novas experiências não retiraram o foco ao atleta quando entrou no *court* para defrontar um dos melhores do mundo.

"Ele ganhou os dois primeiros *sets*, consegui virar e obriguei-o a jogar um quinto *set*. Tenho memória de estar a jogar com o Goran e, no *court* ao lado, estava o Becker a defrontar o Christian Ruud [pai de Casper Ruud], que também perdeu em cinco *sets*. Contribuí para um recorde até então, embora o ténis ainda tivesse pouca história nos Jogos Olímpicos, que foi o de iniciar uma série de quatro encontros ganhos pelo Ivanisevic em cinco *sets* até às meias-finais [onde perdeu com Marc Rosset, que viria a conquistar a medalha de ouro]. No fundo, além de carregarmos a bandeira de Portugal, e eu já tinha sentido isso na Taça Davis, mas a uma escala mais pequena ou em Campeonatos da Europa, era uma comunidade. Todos dormíamos no mesmo prédio. Lembro-me de fazermos uma grande festa quando o judoca Nuno Delgado ganhou em Sydney, o Maia e o Brenha também fizeram um bom resultado. A comitiva portuguesa reunia-se sempre e havia uma lógica de espírito olímpico muito forte. Infelizmente, não pude assistir às outras modalidades, com treinos de manhã e à tarde, mais a competição, não consegui ir ver muito, com pena minha", confessou Mota.

Outra realidade que constatou foi a de outros atletas compatriotas, cujo dia-a-dia era bem diferente da vida de um tenista profissional, e sentiu-se um privilegiado. "Eu senti que as outras modalidades olhavam para o ténis como um desporto mais elitista. Muitos estavam ali a viver um sonho de vida, enquanto para nós não era, pelo menos no início, mas que rapidamente passou a ser. Nós éramos profissionais. Eu já vivia do ténis, enquanto os outros atletas viviam dos subsídios das federações para se preparem para os Jogos Olímpicos. E dei-lhes muito valor porque estavam a lutar pelos Jogos Olímpicos em si, não havia questões financeiras ou materiais envolvidas. E isso deu-me também muita objectividade em relação à razão pela qual estávamos lá", esclarece.

Hoje, faço parte da associação de atletas olímpicos, temos um *pin* e podemos assinar com o 'sufixo' OLY, como fazem os doutores ou engenheiros

Hoje em dia, o torneio olímpico de ténis continua sem oferecer prémios monetários, mas há pontos para o ranking e bónus dos patrocinadores. E muitos tenistas são questionados sobre se preferem ganhar um Grand Slam ou uma medalha de ouro nos Jogos Olímpicos.

"Penso que o espírito olímpico deixou de ser vivido tão em comunidade para ser mais individualista. Eu lembro-me de sentir estar a competir por Portugal; não era o Bernardo, era o português; vivi isso intensamente. Tenho muitas saudades desse tempo. Nos dias de hoje, no meio de tanta turbulência e conflitos, os Jogos Olímpicos são um momento em que as pessoas se reúnem e levantam a bandeira de paz, e acho que as pessoas estão sedentas de paz, têm um simbolismo que vai para lá do desporto", refere.

Quatro anos depois de Barcelona, a experiência foi bem diferente. O rebentamento de uma bomba artesanal em pleno Centennial Park de Atlanta, a praça central do complexo que albergou os Jogos Olímpicos de 1996, vitimou fatalmente duas pessoas e fez ainda mais de cem feridos. E as medidas de segurança aumentaram drasticamente.

"Em Atlanta foi mais profissional, tivemos algumas precauções porque houve um atentado. Foi onde vi mais segurança, mais tensão e as pessoas mais preocupadas. Havia uma distância grande entre a aldeia olímpica e o estádio onde competíamos, e isso tornou a logística mais difícil e, por isso, de uma forma geral, gostei mais de Barcelona e de Sydney", explica Mota, que salienta o facto, com um sorriso, de ter sido acompanhado por dois treinadores com caracteres distintos: Santos Costa em Barcelona e José Vilela nos outros dois. "Em Atlanta ou Sydney, onde havia uma festa, o Vilela estava lá."

Mota, que figurou no top 200 do ranking mundial em singulares e top 100 em pares – com um título ATP conquistado nesta variante, no Maia Open de 1996 –, e representou Portugal em 20 eliminatórias da Taça Davis, trouxe muitas e boas memórias das três participações nos Jogos Olímpicos, mas também uma "pedrinha no sapato".

"Guardei todos os equipamentos e roupas oficiais com que tínhamos de andar diariamente, sempre fardados. Lembro-me de ser recebido pelo Presidente Jorge Sampaio... Falo com um sentimento de missão cumprida, mas há aqui uma pedrinha no sapato pelo facto de nunca ter ganho um encontro. Em Barcelona, cinco *sets* com Ivanisevic e em pares diante de Henri Leconte e Guy Forget, dupla que nunca perdeu na Taça Davis; em Atlanta, 7-6, 7-6, frente às Bahamas com Mark Knowles, que era um dos melhores jogadores de pares do mundo, e Roger Smith; em Sydney, 7-5 no terceiro *set* novamente contra o par das Bahamas, Knowles e Mark Merklein. Houve um soar de críticas. Eram grandes jogadores na variante, mas ficou esse amargo de boca", admite Mota.

Cem anos depois da estreia de um tenista português nos Jogos Olímpicos de Paris 1924 (Rodrigo Castro Pereira), Portugal volta a estar representado no ténis por Nuno Borges (singulares e pares) e Francisco Cabral (pares).

Gastão Elias (2016), João Sousa (2016 e 2020) e Pedro Sousa (2020) foram outros tenistas que também viveram a experiência olímpica.

"Tenho um orgulho imenso em ter participado em três Jogos Olímpicos, pese embora as circunstâncias em que foram. Mas também não teria oportunidade se não tivesse algum mérito próprio, por ter ranking suficiente ou por ganhar a qualificação. Também porque não descurei jogar pares. Sempre gostei e valorizei os pares a todos os níveis: autoconfiança, financeiro, técnico-táctico... foi nessa variante que joguei e ganhei nos quadros principais de Roland-Garros, Wimbledon e nos Jogos Olímpicos. Hoje, faço parte da associação de atletas olímpicos, temos um *pin* e podemos assinar com o 'sufixo' OLY, como fazem os doutores ou engenheiros", fez questão de revelar.

Dessas vivências, Mota fez inúmeras amizades que perduram até hoje e lembra uma conversa informal que teve numa dessas participações com um médico que acompanhava a comitiva portuguesa.

"Nunca me esqueci daquilo que me disse: 'A alta competição só é boa para dois tipos de pessoas: aqueles que nunca fizeram e os que já deixaram.' Tem um fundo de verdade; para sermos atletas de elite, não podemos ser bons da cabeça. Todos têm de ter algo diferente, aquilo a que chamo 'uma loucura sã', mas têm de ser loucos", frisou.

Há 30 anos, depois do "vestido da vingança", Diana vivia o primeiro Verão emancipada

A 29 de Junho de 1994, o príncipe Carlos confessava a traição e Diana respondia com um dos vestidos mais icónicos da história. Foi o início de um Verão de emancipação para a "princesa do povo"

Inês Duarte de Freitas

Corria o Verão de 1994 quando Diana se assumiu como mulher emancipada. É com um pequeno vestido preto que declara a libertação das amarras da família real e do príncipe Carlos. Volvidos 30 anos, a peça repleta de simbolismo continua a ser motivo de notícia no mundo da moda, e resume o espírito da "princesa do povo" naquele Verão. "É a assunção da dramaturgia do figurino. Este vestido é o epítome do domínio total da moda", declara Paulo Morais Alexandre, historiador de moda.

O professor da Escola Superior de Teatro e Cinema costuma usar como exemplo este vestido para explicar aos alunos "como é que um actor se deve vestir". Diana não é a primeira princesa a fazê-lo, lembra o especialista, também Grace do Mónaco percebera a importância de comunicar através da moda – "casa-se com um vestido de um figurinista por perceber que o casamento é um espectáculo" –, mas ninguém com a mesma mestria do que a britânica, defende.

Para se perceber de onde vem o "vestido da vingança", o professor recua até ao estilo inicial da jovem Diana Spencer, "uma miúda que parece tímida, mas que integra bem a família porque não é plebeia". Desde os primeiros visuais de "agro-beta" no Castelo de Balmoral, na Escócia, quando era namorada de Carlos, Diana já premeditava que mensagem passaria com o que vestia.

Na família real, lembra a consultora de moda Mónica Lice, estava sujeita a outras regras, como a utilização exclusiva de criadores ingleses, numa mensagem de proteccionismo da economia britânica. "Quando estava com um membro da família real mais importante, a roupa teria de ser neutra porque só Isabel II usava cores vibrantes. Depois do divórcio, começou a apostar nos padrões e arrojava nas junções de cores", analisa.

Não foi a única mudança: "A partir do momento em que se divorcia, o comprimento da saia diminui, mostra mais o corpo com decotes maiores." E Mónica Lice concorda que o vestido que melhor resume esta mudança é o da "vingança", como ficou conhecida a criação de Christina Stambolian. "Marca uma mudança numa mulher independente que passou a usar o que lhe apetecia. Mas manteve as jóias reais, o que acaba por passar uma mensagem: 'Ainda sou princesa e quero atenção, mas respeito.'"

Para entender a importância do vestido, é preciso lembrar que foi um marcar de posição de Diana no mesmo dia em que Carlos dava uma entrevista para tentar salvar a sua reputação e assumia o *mea culpa* pela separação, confessando a traição com Camila Parker Bowles. A princesa de Gales tinha rejeitado um convite para a festa na Serpentine Gallery, de que era patrona real, mas mudou de ideias face ao anúncio da entrevista.

Estava planeado que utilizasse um vestido Valentino, mas a casa de moda divulgou qual seria a escolha da princesa, o que a terá enfurecido. Por isso, recorreu a outro vestido, guardado desde 1991. "Quero um vestido para uma ocasião especial. Não interessa se é curto ou comprido. Tem de ser algo especial", terá dito à criadora grega.

"O golpe de quarta-feira foi conseguido ao comparecer numa festa em Londres vestida com 'a roupa da vingança'", escrevia o *The Guardian* na manhã seguinte. "Era uma tentativa de Carlos perceber: 'Perdeu-me e sou melhor do que as outras'", interpreta Paulo Morais Alexandre, que destaca o contraste do vestido com o olhar supostamente inocente de Diana, numa "falsa" vitimização, o que torna "extraordinária" a sua actuação.

O professor fala como quem avalia a *performance* de uma actriz. "É impossível criticar alguma coisa nela, é tudo muito inteligente. O que ela faz até ao dia em que morre é vingar-se da família. 'Vejam a diferença entre mim e qualquer outra pessoa'", diz, argumentando que a escolha do preto também foi premeditada, já que era utilizado pela família apenas em ocasiões de luto.

A biógrafa da princesa de Gales, Tina Brown, partilha da mesma opinião. "Diana conseguia lidar muito bem com o seu papel. Representou-o na perfeição. Não conseguiu lidar foi com o facto de ter um marido que não a amava", sublinhava a jornalista britânica ao PÚBLICO, a propósito do lançamento de *Segredos do Palácio*.

REUTERS

Naquele dia, estava previsto usar Valentino, mas Diana optou pelo vestido da criadora grega, até então pouco conhecida

"Uma Diana libertada"

Cortado o cordão umbilical, é no Verão de 1994 que Diana assume os primeiros trabalhos a solo. Em Dezembro de 1993, já tinha deixado os deveres públicos enquanto membro sénior dos Windsors. Queria "um papel público significativo com, esperemos, uma vida mais privada", dizia aos jornalistas.

Na prática pouco mudou na rotina de Diana. Contudo, ganhou maior visibilidade na imprensa. As fotografias de *paparazzi* passaram a valer mais 25% do que antes de se retirar do trabalho real. Tanto que, em Maio de 1994, foi fotografada a fazer *topless* em Málaga, Espanha. Para sua sorte, as imagens nunca chegaram a ser publicadas – a espanhola *Hola* comprou-as e escondeu-as.

É nesta altura que regressa ao trabalho humanitário, incluindo os filhos, William e Harry, na sua rotina. "Acaba por abandonar o estilo de princesa e passa a mãe ocupada, dona da sua vida e cheia de projectos. Isso também se reflecte na roupa com cores mais sóbrias, fatos femininos e poderosos, que mostram que faz tanto ou mais do que antes", analisa Mónica Lice, que destaca também a mensagem de sustentabilidade (ou poupança) que Diana transmitia, ao rentabilizar peças que já tinha no seu armário. "Fazia alterações aos vestidos, transformando-os e usando-os de forma diferente", lembra, frisando que a princesa "sabia que era a pessoa mais mediática do mundo e que podia usar essa arma que tinha na mão". Nesse mesmo mês, foi capa da revista *Vogue* britânica, com retratos captados por Patrick Demarchelier, e da *People* nos EUA. "Tudo vale, enquanto uma Diana libertada luta para se encontrar", lia-se na manchete.

Entre os coordenados desta nova Diana, Monica Lice não deixa de destacar o vestido *"lingerie"* da Dior, desenhado por John Galliano para o Met Gala, em 1996, e que foi "bastante ousado para a época". Já Paulo Morais Alexandre escolhe o visual usado para a célebre entrevista da BBC em 1995. "A entrevista é o cúmulo da manipulação, vai de luto e sem jóias. Não podemos falar de um sem o outro: o vestido da vingança e a entrevista. Veste-se de negro numa manipulação da cor, simbolizando a total ausência de luz."

E termina com novos elogios: "Acho absolutamente extraordinárias todas as coisas que fez ao nível da moda. Não há nenhuma princesa que tenha tido o impacto que ela teve."

Cinema

Cartaz, críticas, trailers e passatempos em cinecartaz.publico.pt

Estreias

Clube Zero

De Jessica Hausner. Com Mia Wasikowska, Ksenia Devriendt, Luke Barker, Florence Baker. ALE/FRA/Áustria/GB/EUA. 2023. 110m. Comédia, Thriller.

Uma professora começa a trabalhar numa escola para a elite. Há cinco dos estudantes que ensina com quem desenvolve uma ligação especial e um gosto por jejum intermitente, o que acaba por trazer consequências inesperadas e desastrosas.

Completamente Passado!

De Gilles Legardinier. Com John Malkovich, Fanny Ardant, Émilie Dequenne, Philippe Bas. FRA/LUX. 2023. 100m. Comédia.

Um homem de negócios britânico, de luto pela esposa francesa, decide tornar-se mordomo de uma propriedade no norte de França.

Deadpool & Wolverine

De Shawn Levy. Com Ryan Reynolds, Hugh Jackman, Emma Corrin, Morena Baccarin, Rob Delaney, Karan Soni. EUA. 2024. 127m. Acção, Aventura. M12.

Wade Wilson já deixou de usar o fato do anti-herói Deadpool há largos anos, mas é relutantemente recrutado para salvar o multiverso e junta-se a Wolverine, também ele descontente por ter de trabalhar outra vez.

O Coleccionador de Almas

De Oz Perkins. Com Maika Monroe, Nicolas Cage, Blair Underwood, Alicia Witt, Michelle Choi-Lee. EUA/CAN. 2024. 101m. Terror, Thriller.

Um assassino em série dado ao oculto mata várias famílias durante décadas em várias zonas dos Estados Unidos, isto sem nunca ter estado realmente presente nas cenas do crime.

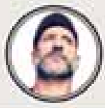
O Coleccionador de Almas

Underground - Era Uma Vez um País...

De Emir Kusturica. Com Lazar Ristovski, Miki Manojlovic, Mirjana Jokovic. HUN/FRA/ALE/JUG. 1995. 161m. Comédia, Guerra. M12.

Filmar a política no momento da crise - da desintegração de um país, a Jugoslávia de Kusturica - como gigantesca e circence farsa. A "féerie" do cineasta de "O Tempo dos Ciganos" ao serviço de uma voragem autodestrutiva e uma mágoa explosiva.

As estrelas

P	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Vasco Câmara 
A Ama de Cabo Verde	★★☆☆☆	★★★☆☆	★★★☆☆
Astrakan 79	★★☆☆☆	★★★☆☆	★★☆☆☆
Cidade Portuária	—	★★★☆☆	★★★☆☆
Clube Zero	—	★☆☆☆☆	★☆☆☆☆
O Colecionador de Almas	★★☆☆☆	—	—
Divertida-Mente 2	★★★☆☆	—	—
Do Fundo do Coração — Reprise	★★★★☆	★★★★★	★★★★★
Um Domingo Interminável	—	★★★☆☆	★★★☆☆
Memória	★★☆☆☆	★☆☆☆☆	★★☆☆☆
A Minha Avó Trelotótó	★★★☆☆	★★★☆☆	★★★☆☆
Podia Ter Esperado por Agosto	—	●	●
Tornados	★★☆☆☆	●	★☆☆☆☆
A Sede	—	★★★★☆	★★★★☆
A Última Sessão de Freud	★☆☆☆☆	★☆☆☆☆	★☆☆☆☆

● Mau ★☆☆☆☆ Medíocre ★★☆☆☆ Razoável ★★★☆☆ Bom ★★★★☆ Muito Bom ★★★★★ Excelente

Lisboa

Cinema City Alvalade
Av. de Roma, 100. T. 214221030
Patti Smith, Poeta do Rock 20h15; **Onde Está o Pessoa?** M12. 14h10; **A Última Sessão de Freud** 15h20, 21h35; **A Ama de Cabo Verde** M12. 13h35; **Divertida-Mente 2** 13h30, 15h45, 17h40, 18h (VP) 13h15, 19h50 (VO); **Memória** M14. 17h30; **Podia Ter Esperado por Agosto** 15h35, 21h40; **Clube Zero** 17h50, 21h30; **Deadpool & Wolverine** M12. 15h10, 21h45; **Yupumá** M12. 20h; **Sobretudo de Noite** 19h35

Cinema City Campo Pequeno
Centro de Lazer. T. 214221030
A Última Sessão de Freud 13h30, 17h50; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h25, 15h30, 17h35 (VP) 13h15, 20h (VO); **Divertida-Mente 2** 14h, 15h15, 16h10, 17h30, 18h30, 19h45, 21h45 (VP) 13h10, 15h10, 17h15, 19h25, 21h35 (VO); **Leva-me Para a Lua** M12. 22h; **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h25, 15h40, 21h55; **Tornados** 19h40, 22h10; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h15, 15h20, 16h, 17h45, 18h40, 19h10, 21h30, 21h50; **O Coleccionador de Almas** 15h40, 21h40

Cinema Fernando Lopes
Cp. Grande. T. 217515500
A Natureza do Amor M14. 21h; **Memória** M14. 16h45; **Clube Zero** 18h45; **Um Domingo Interminável** M14. 14h30

Cinema Ideal
Rua do Loreto, 15/17. T. 210998295
Underground - Era Uma Vez um País... M12. 14h; **One From The Heart - Do Fundo do Coração** M12. 19h15; **Memória** M14. 17h15

Cinemas Nos Alvaláxia
R. Francisco Stromp. T. 16996
A Minha Avó Trelotótó M12. 17h30, 21h10; **A Última Sessão de Freud** 14h20; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 20h50; **The Bikeriders** M14. 17h, 20h30; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h40, 16h10, 18h40 (VP) 21h15 (VO); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 21h05; **Divertida-Mente 2** 13h30, 16h, 18h30 (VP) 14h10, 16h40, 19h20, 21h40 (VO) 13h50, 16h30 (VP/3D); **Leva-me Para a Lua** M12. 13h25, 16h20; **O Agente Americano** M12. 19h10, 21h45; **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h10, 15h50, 18h50, 21h30; **Tornados** 13h20, 16h05, 18h40, 21h20; **Completamente Passado!** 13h15, 15h40, 18h20; **Deadpool & Wolverine** M12. 14h, 17h10, 21h (2D) 19h, 21h50 (3D); **O Coleccionador de Almas** 14h30, 16h50, 19h15, 21h35; **Yupumá** M12. 13h35, 15h30

Cinemas Nos Amoreiras
C.C. Amoreiras. Av. Engº Duarte Pacheco.
Underground - Era Uma Vez um País... M12. 15h40; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h40, 16h15, 18h40 (VP) 21h10 (VO); **Histórias de Bondade** M16. 13h50, 16h50; **Divertida-Mente 2**, 13h20, 15h45, 18h10 (VP) 19h05, 21h30 (VO); **Leva-me Para a Lua** M12. 13h50, 16h40; **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h15, 15h55, 18h35, 21h15; **Tornados** 19h40; **Clube Zero** 13h10; **Completamente Passado!** 20h30; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h10, 16h00, 18h50, 21h40

Cinemas Nos Colombo
A Maldição de Baghead 00h10; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 22h30; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h30, 16h10, 18h50 (VP); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 21h10; **Divertida-Mente 2** 13h, 14h30, 15h45, 17h30, 18h15, 20h (VP/2D) 21h, 23h35 (VO/2D) 19h20 (VP/3D); **Leva-me Para a Lua** M12. 15h30, 17h20; **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h20, 16h, 18h40, 21h20, 24h; **Tornados** 12h45, 16h20, 19h, 21h50, 00h30; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h10, 14h, 17h, 20h40, 23h50; **O Coleccionador de Almas** 20h30, 23h20; **Deadpool & Wolverine** M12. 12h30, 15h30, 18h30, 21h30, 00h25 (IMAX)

Cinemas Nos Vasco da Gama
C.C. Vasco da Gama, Parque das Nações.
Bad Boys: Tudo ou Nada M14. 20h45, 23h30; **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 18h45, 21h10; **Divertida-Mente 2** 10h50, 13h20, 14h, 15h50, 16h45, 18h30 (VP) 13h40, 16h10, 21h (VO) ; **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h15, 15h55, 18h40, 21h20; **Podia Ter Esperado por Agosto** 23h45; **Tornados** 13h05, 15h45, 18h25, 21h05, 23h50; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h10, 16h, 19h, 22h, 23h40

Cinemateca Portuguesa
R. Barata Salgueiro, 39. T. 213596200
Born in Flames M12. 21h45

Medeia Nimas
Av. 5 Outubro, 42B. T. 213142223
Underground - Era Uma Vez um País... M12. 17h; **Rumo à Felicidade** 20h; **Uma Lição de Amor** 15h; **Clube Zero** 13h; **Ter Ou Não Ter** 22h

UCI Cinemas - El Corte Inglés
Av. Ant. Aug. Aguiar, 31. T. 213801400
Underground - Era Uma Vez um País... M12. 13h25, 21h30; **Patti Smith, Poeta do Rock** M12. 17h, 19h30; **Freud's Last Session** 13h40, 16h20, 18h55, 21h35; **O Clube dos Milagres** M12. 13h50, 18h50; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h20, 15h45 (VP); **Horizon: Uma Saga Americana - Capítulo 1** M14. 15h50, 21h35; **Leva-me Para a Lua** M12. 13h15, 16h10, 19h05, 21h50; **Sexygenários** M12. 13h45, 19h25; **Memória** M14. 13h25, 15h55, 18h40, 21h15; **O Agente Americano** M12. 19h15, 22h; **Podia Ter Esperado por Agosto** 14h, 16h30, 19h, 21h30; **Tornados** 13h30, 16h05, 21h40; **Clube Zero** 11h20, 16h15, 21h25; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h20, 13h55, 16h10, 16h45, 18h45, 19h, 21h20, 21h50; **O Coleccionador de Almas** 14h05, 16h35, 19h20, 21h50; **BlackPink World Tour (Born Pink)** 19h

Almada

Cinemas Nos Almada Fórum
R. Sérgio Malpique 2. T. 16996
Underground - Era Uma Vez um País... M12. 20h25; **A Maldição de Baghead** 20h40, 23h ; **A Última Sessão de Freud** 12h25, 15h05, 17h45 ; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 12h50, 15h15, 17h30, 19h50 (VP) 22h40 (VO); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 13h50, 16h15, 18h55, 21h20; **Horizon: Uma Saga Americana - Capítulo 1** M14. 15h, 21h40 ; **Divertida-Mente 2** 13h05, 13h40, 15h30, 16h, 17h50, 18h30, 21h30 (2D) 12h20, 15h10, 18h, 20h20 (VP/2D) 20h55, 23h10 (VO/2D); **Leva-me Para a Lua** M12. 12h40, 15h50, 18h50, 21h50; **O Agente Americano** M12. 22h30; **Podia Ter Esperado por Agosto** 12h55, 15h40, 18h20, 21h05; **Tornados** 12h50, 15h20, 17h55, 20h30, 22h20 ; **Clube Zero** 12h30, 19h ; **Completamente Passado!** 13h10, 15h35, 18h10 ; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h, 15h50, 18h40, 21h30 (2D) 12h20, 15h10, 18h, 20h50, 23h40 (3D); **O Coleccionador de Almas** 13h15, 16h10, 18h35, 21h, 23h20 ; **Deadpool & Wolverine** M12. 12h10, 14h50, 17,35, 20h10, 22h50 (3D 4DX)

Amadora

Cinema City Alegro Alfragide
A Última Sessão de Freud 15h25, 21h35; **Gru 4** M6. 14h45, 17h50, 19h55 (VP) 19h30 (VO); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 21h45; **Divertida-Mente 2** 15h30, 15h50, 16h10, 17h40, 18h30, 19h45, 21h40 (VP) 15h40, 17h45, 19h55, 22h (VO); **Leva-me Para a Lua** M12. 22h; **Podia Ter Esperado por Agosto** 15h15, 17h30, 19h45, 22h; **Tornados** 17h15, 19h40, 21h55; **Deadpool & Wolverine** M12. 15h20, 16h, 17h35, 18h40, 19h10, 20h10, 21h50; **O Coleccionador de Almas** 15h10, 22h10

UCI Cinemas - Ubbo
Gru - O Maldisposto 4 M6. 11h10, 13h35, 15h50, 18h30 (VP); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 14h, 19h10; **Divertida-Mente 2** 13h55, 14h10, 16h20, 16h50, 18h40, 19h15, 21h10 (VP) 21h40 (VO); **Leva-me Para a Lua** M12. 13h25, 18h55; **Podia Ter Esperado por Agosto** 16h20, 21h45; **Tornados** 13h15, 18h50; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h20, 13h50, 16h, 16h10, 16h45, 18h45, 19h, 21h20, 21h35, 21h50; **O Coleccionador de Almas** 13h45, 16h15, 21h40; **Bad Newz** 21h; **BlackPink World Tour (Born Pink)** 19h

Barreiro

Castello Lopes - Fórum Barreiro
Campo das Cordoarias. T. 212069440
Gru - O Maldisposto 4 M6. 13h25, 15h40, 17h55 (VP); **Divertida-Mente 2** 14h15, 16h30, 18h45 (VP) 21h (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 14h20, 16h45, 19h10, 21h35; **Tornados** 21h30; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h15, 16h10, 18h45, 21h20

Cascais

Cinemas Nos CascaiShopping
Estrada Nacional nº. 7 - Alcabideche.
Bad Boys: Tudo ou Nada M14. 21h50; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 12h30, 15h, 17h30 (VP) 19h50, 22h30 (VO); **Divertida-Mente 2** 13h, 13h30, 16h, 16h30, 19h (VP/2D) 18h, 20h20, 22h40 (VO/2D) 14h30 (VP/3D); **Podia Ter Esperado por Agosto** 12h50, 15h50, 18h45, 21h40; **Tornados** 14h15, 17h15, 21h; **Deadpool & Wolverine** M12. 12h40, 15h30, 18h30, 21h30; **O Coleccionador de Almas** 19h30, 22h15; **Deadpool & Wolverine** M12. 14h, 17h, 20h, 23h (IMAX)

Sintra

Castello Lopes - Alegro Sintra
Gru - O Maldisposto 4 M6. 13h25, 15h40, 17h55 (VP); **Divertida-Mente 2** 13h20, 14h15, 16h30, 18h45, 21h (VP) 13h10, 15h15, 17h20, 19h25, 21h30 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 14h15, 16h40, 19h05, 21h30; **Tornados** 14h, 16h30, 19h, 21h30; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h35, 15h35, 16h10, 18h10, 18h45, 20h50, 21h20; **O Coleccionador de Almas** 21h35

Loures

Cineplace - Loures Shopping
Gru - O Maldisposto 4 M6. 13h30, 15h30, 17h30, 19h30 (VP); **Podia Ter Esperado por Agosto** 19h; **Tornados** 21h10; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h40, 14h, 16h20, 16h40, 19h20, 21h20, 21h30, 22h; **O Coleccionador de Almas** 19h, 21h50

Odivelas

Cinemas Nos Odivelas Strada
C.C. Strada Shopping, Estr. da Paiã.
Bad Boys: Tudo ou Nada M14. 20h50; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h50, 16h40, 19h10 (VP); **Divertida-Mente 2** 13h30, 15h30, 16h, 18h10 (VP) 18h50, 21h20 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 12h40, 15h15, 18h20, 21h; **Tornados** 21h50; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h10, 15h50, 18h40, 21h40

Oeiras

Cinemas Nos Oeiras Parque
C. C. Oeirashopping. T. 16996
Underground - Era Uma Vez um País... M12. 21h45; **A Última Sessão de Freud** 23h; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 12h45, 15h, 17h15, 19h30 (VP); **Divertida-Mente 2** 11h, 13h45, 16h30, 19h30 (VP/2D) 13h15, 15h30, 18h15, 20h45 (VO/2D) 14h15, 17h45 (VP/3D); **Podia Ter Esperado por Agosto** 14h, 17h, 19h45, 22h30 ; **Tornados** 22h15 ; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h, 16h, 19h, 22h (2D) 20h30, 23h15 (3D)

Lazer

MÚSICA

Jamie Cullum

CASCAIS Hipódromo Manuel Possolo. Dia 31/7, às 21h. M/6. 30€ a 60€

O músico inglês que tem devolvido o jazz ao *mainstream* – embora seja mais dado aos clássicos, com especial devoção por Sinatra – regressa a um palco que lhe é familiar, o do Ageas Cooljazz, para fazer as honras de encerramento desta edição. Da abertura do concerto encarrega-se Inês Marques Lucas, que tem em mãos o disco de estreia, *Horas Mortas* (2023). Isto depois de um aperitivo musical servido por Guilherme Melo no Parque Marechal Carmona (às 20h) e antes de Beatriz Pessoa e Daniel Mota fecharem a função com um *DJ set* no mesmo local (à meia-noite).

DANÇA

Território VII

LISBOA Largo de São Carlos. Dias 31/7 e 1/8, às 22h. M/6 Grátis

É com dança e juventude que termina o Festival ao Largo 2024, cortesia dos Estúdios Victor Córdon e do programa *Território*, que põe bailarinos dos 14 aos 18 anos a trabalhar com coreógrafos de renome internacional. Desta vez, dançam um excerto de *Kaash*, a peça que projectou definitivamente o inglês (de origem bengali) Akram Khan para o panteão dos melhores, e *Between Outside and Me*, uma nova criação do norte-americano Jermaine Spivey. Entre elas, é exibido o filme *Rebento*, de João Sanchez.

EXPOSIÇÃO

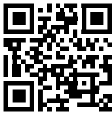
A Força das Coisas Frágeis

LISBOA Museu do Oriente. Terça a domingo, das 10h às 18h (sexta encerra às 20h). 8€ (grátis à sexta, das 18h às 20h)

Datadas dos séculos XVII a XIX, estas 128 peças de porcelana chinesa da Antiga Colecção Bouza Serrano foram adquiridas pela Fundação Oriente em 2019 e integradas no espaço dedicado à Presença *Portuguesa na Ásia*. Com decorações variadas (paisagens, motivos florais, quotidiano familiar, mitologias, fábulas), constituem-se como veículos de "poderosas narrativas sobre a sua época" e sobre as relações entre o Oriente e o Ocidente.

Jogos

Jogue também online. Palavras-cruzadas, bridge e sudoku em publico.pt/jogos



Euromilhões 9 25 28 37 38 2 8

1.º Prémio 17.000.000€

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

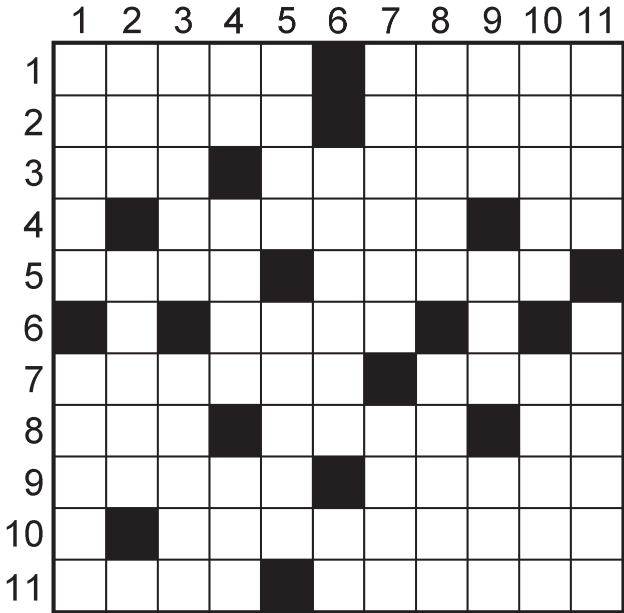
Cruzadas 12.508

Paulo Freixinho
palavrascruzadas@publico.pt

HORIZONTAIS: 1 - Refinaria de (...), a maior poluidora de Portugal. Mundificar. **2** - Respeita. Copia. **3** - Processo (...), está parado até Setembro porque não tem estatuto de urgente. Introduzir. **4** - Nome dado ao símbolo @ (Informática). «Em» + «o». **5** - Tecido transparente de seda ou algodão. Qualquer porção limitada de matéria. **6** - Capital de Samoa. **7** - Ivan (...), fisiologista russo (1849-1936). Operadora romena que entrou no mercado português das telecomunicações. **8** - Nome da letra N. Pequena embarcação. Rubídio (s. q.). **9** - Dormir (falando-se de crianças). Mesa sagrada. **10** - "Diário de Um (...)", novo podcast do PÚBLICO. **11** - "(...) da mesma pena andam juntas". Praticar surf.

VERTICAIS: 1 - Descanso religioso no sétimo dia da semana. Fraguedo. **2** - Erga. Vaidosa. **3** - Do nariz. Ganha. **4** - Extraterrestre. Palpável. Suspiros. **5** - Abandonar. Que não tem recursos. **6** - Prejudicial. Símbolo de nanossegundo. **7** - Está finalmente a preparar um regulamento para pôr ordem no caos dos tuk-tuks. Mamífero desdentado da América do Sul. **8** - Guarnecer de ameias. Dissolver em líquido. **9** - Regressar. Autor (fig.). Telefonia sem fios. **10** - Dou com. Agradecida. **11** - Pouco frequente. Tremer.

Solução do problema anterior
HORIZONTAIS: 1 - Maduro. Ógea. **2** - Aba. Osaca. **3** - Mas. Sirga. **4** - Banca. Ocar. **5** - Descaro. III. **6** - Ir. Regata. **7** - Pai. Dá. **8** - Comboio. **9** - Orto. Inovar. **10** - MAI. Adulara. **11** - Aposta. Alou.
VERTICAIS: 1 - Mau. Diploma. **2** - Ab. Bera. RAP. **3** - Damas. Ictio. **4** - Anca. Oo. **5** - Rosca. Dm. AT. **6** - Os. Arrábida. **7** - As. OE. ONU. **8** - Ócio. Gaiola. **9** - Garcia. Oval. **10** - Gaita. Aro. **11** - Avaria. Grau.



Bridge

João Fanha
fanhabridge.pt

Dador: Oeste
Vul: Ninguém

NORTE
♠54
♥AK5
♦QJ1098
♣A53

OESTE
♠QJ1072
♥9843
♦A3
♣K4

ESTE
♠9863
♥1072
♦K52
♣Q86

SUL
♠AK
♥QJ6
♦764
♣J10972

Oeste	Norte	Este	Sul
	1♦	passo	2ST
passo	3ST	Todos passam	

Leilão: Qualquer forma de Bridge.

Carteio: Saída: Q♠. Qual a melhor linha de jogo?

Solução: Com uma mão regular de 14 pontos, Norte não tem o suficiente para poder abrir num sem trunfo. Abre, portanto, no seu naipe pobre mais comprido. Sul tem também uma mão regular, e sem um naipe rico de quatro cartas para poder anunciar ao nível de um, mas com paragens em cada um deles, pode propor sem trunfo. Como tem 12 pontos, deve até convidar a partida com o salto para 2ST. Norte não tem uma abertura mínima e aceita o desafio. É possível obter vazas suplementares a ouros ou a paus. Mas para conseguir apurar três vazas a ouros é necessário dar duas vezes a mão, os adversários tem um tempo de avanço e podem chegar primeiro às espadas. Nada mais nos resta do que os paus: para apurar os paus precisamos de recorrer à técnica da dupla passagem. Prendemos a vaza inicial com o Ás de espadas e apresentamos o Valete de paus. Se Oeste cobrir, prendemos com o Ás do morto e insistimos em paus. A defesa fará a Dama mas nós teremos quatro vazas a paus, que somadas a duas espadas e três copas, são as que necessitamos para cumprir. Se Oeste não cobrir o Valete de paus e jogar o 4, jogamos o 3 do morto. O adversário em Este realizará a Dama, mas o Ás irá capturar mais tarde o Rei de Oeste (usando dessa feita o 10 de paus, aplicando a mesma manobra).

Considere o seguinte leilão:

Oeste	Norte	Este	Sul
			1♣
1♠	X	passo	?

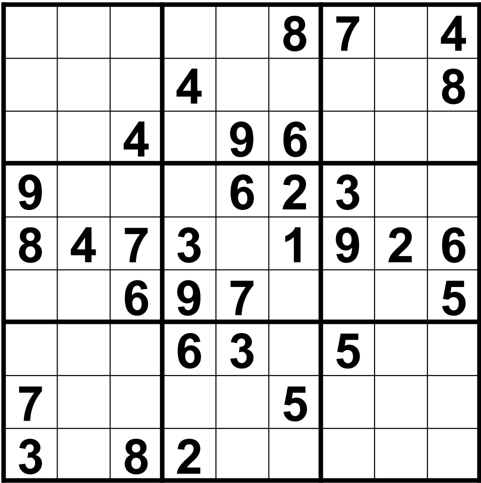
O que marca em Sul com a seguinte mão?
♠6 ♥AK85 ♦J94 ♣AK1063

Resposta: O dobre de Norte é um dobre negativo que indica pelo menos quatro cartas a copas. O *fit* a copas está encontrado. Sul reavalia a sua mão e chega a 17/18 pontos HD e deve marcar a partida: 4♥.

Sudoku

© Alastair Chisholm 2008
www.indigopuzzles.com

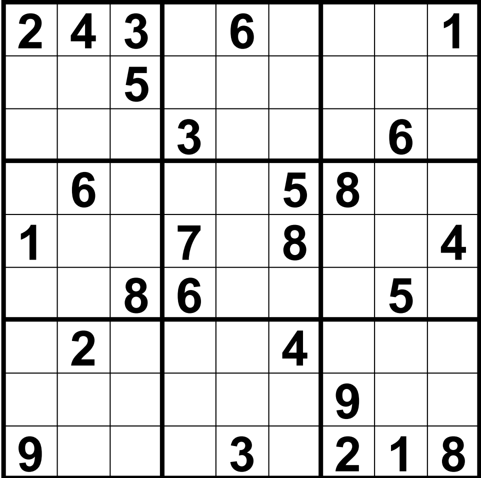
Problema 12.780 (Fácil)



Solução 12.778

4	7	2	9	5	6	8	1	3
6	5	1	8	7	3	4	9	2
8	3	9	2	1	4	7	6	5
5	4	8	3	6	2	1	7	9
2	1	3	7	4	9	6	5	8
9	6	7	5	8	1	3	2	4
3	9	6	1	2	8	5	4	7
1	8	5	4	9	7	2	3	6
7	2	4	6	3	5	9	8	1

Problema 12.781 (Média)



Solução 12.779

6	2	7	4	3	8	5	9	1
4	5	8	1	2	9	6	7	3
1	9	3	7	5	6	2	8	4
7	1	5	3	4	2	8	6	9
8	6	4	5	9	7	3	1	2
2	3	9	8	6	1	7	4	5
9	4	2	6	7	3	1	5	8
3	8	6	9	1	5	4	2	7
5	7	1	2	8	4	9	3	6

CINEMA

Quem Quer Ser Bilionário?
Cinemundo, 18h40
Jamal Malik (Dev Patel), um órfão de 18 anos dos bairros de lata de Bombaim, está a apenas uma pergunta de ganhar 20 milhões de rupias (cerca de 300 mil euros) na versão indiana do concurso *Quem Quer Ser Milionário?*. Mas a organização do jogo denuncia Malik à polícia por suspeita de fraude. Como conseguiu ele chegar à pergunta dos vinte milhões? Fez batota? É um génio? Teve sorte? Será o destino? E o que está a fazer no concurso se o dinheiro não o interessa? Jamal conta então à polícia a história da sua vida nas ruas e todas as suas aventuras para reencontrar a rapariga que sempre amou. Mas como é que ele sabe as respostas? E o que está a fazer no concurso? Um premiado – foram, ao todo, oito Óscares, incluindo melhor filme e melhor realização – filme de Danny Boyle co-realizado por Loveleen Tandan.

E.T. — O Extraterrestre
AMC, 22h10
A inesquecível história da amizade entre um extraterrestre deixado por engano na Terra e o pequeno Elliot (Henry Thomas), que o esconde e protege dos adultos. E.T. só quer voltar para casa, seja lá isso onde for. Contra a incompreensão dos adultos e com a ajuda da pequena irmã (Drew Barrymore, com apenas sete anos) e do irmão mais velho, Elliot vai fazer de tudo para salvar o seu E.T. Um clássico de Steven Spielberg saído originalmente em 1982. Foi nomeado para nove Óscares (arrecadou quatro, entre os quais o de melhores efeitos visuais). O elenco inclui, além de Henry Thomas, Dee Wallace, Peter Coyote, Robert MacNaughton e Drew Barrymore. A banda sonora é de John Williams, colaborador assíduo de Spielberg.

SÉRIES

Las Azules
Apple TV+, *streaming*
Estreia. Em 1970, quatro mulheres juntam-se à primeira força policial completamente feminina do México. Parece uma pedrada no charco de uma sociedade bastante conservadora, mas este suposto progresso, descobrem elas, não passa de uma manobra de publicidade para distrair as pessoas de um assassino em série. O que é que elas fazem? Esforçam-se elas próprias para apanhar o criminoso, indo muito para além do que os colegas homens conseguiram fazer até então. Esta série de dez episódios foi criada por Fernando Rovzar, que também realiza, e Pablo Aramendi, conta com Bárbara Mori à frente do elenco. Hoje saem dois episódios, sendo os seguintes estreados semana a semana.

Miss Scarlet, Detective Privada
Star Crime, 22h
Estreia da segunda temporada. Está de volta a série britânica e americana sobre uma dupla de detectives da era vitoriana. Ela é Miss Scarlet (Kate Phillips), que enveredou por essa profissão após ter tomado conta da agência do pai, e ele é o escocês William "Duke" Wellington (Stuart Martin), um inspector-detective da Scotland Yard. No primeiro episódio desta temporada, que foi para o ar originalmente em 2022, Miss Scarlet é chamada para averiguar o que se passou no caso de uma rapariga que trabalhava nos grandes armazéns Wentworth, caso que Duke desdenha.

DOCUMENTÁRIO

Black Power: Uma História Britânica de Resistência
RTP2, 23h33
As grandes conquistas do movimento dos direitos civis americano na década de 1960 inspiraram gente de todo o mundo. Neste caso, serviram de incentivo para o movimento Black Power do outro lado do Atlântico. Grandes vultos como Martin Luther King, Malcolm X ou Kwame Ture, ainda sob o nome Stokely Carmichael, visitaram Inglaterra e discursaram por lá. Com recurso a imagens de arquivo dessas passagens e entrevistas com alguns dos protagonistas do Black Power britânico, este documentário de George Amponsah traça um retrato deste movimento, entre organizações como R.A.A.S. (Racial Adjustment Action Society), os Panteras Negras Britânicos e ainda os Fasimbas.

Mountain Queen: The Summits of Lhakpa Sherpa
Netflix, *streaming*
Lhakpa Sherpa lava pratos numa cadeia de supermercados no Connecticut, Estados Unidos. Quem se cruza com ela não sabe que ela, uma mãe solteira imigrante, foi a primeira mulher nepalesa a subir ao cume do Monte Evereste, nos Himalaias – e sobreviver. Agora, Sherpa, com uma vida marcada por tragédia, decide voltar à montanha e repetir o feito. A sua história é contada neste filme realizado por Lucy Walker, que já foi nomeada para dois Óscares.

Televisão

Os mais vistos da TV
Segunda-feira, 29

	%	Aud.	Share
Cacau	TVI	9,1	19,0
A Promessa	SIC	7,5	15,4
Dilema - Especial	TVI	7,4	15,2
Senhora do Mar	SIC	7,3	19,5
Jornal Nacional	TVI	7,2	15,5

FONTE: CAEM

RTP1	9,3%
RTP2	5,7
SIC	13,2
TVI	13,7
Cabo	38,3

RTP1

6.00 Bom Dia Portugal **10.00** Praça da Alegria **12.59** Jornal da Tarde **14.14** Escrava Mãe **15.00** 85.ª Volta a Portugal em Bicicleta **18.00** Portugal em Directo **19.06** O Preço Certo

19.59 Telejornal

21.01 Entre o Mar e a Terra

21.40 Joker

22.42 I Love Portugal

0.53 Janela Indiscreta

1.47 Anatomia de Grey

2.27 Escrava Mãe

RTP2

5.54 Repórter África **6.23** A Fé dos Homens **7.00** Jogos Olímpicos de Verão - Paris **21.40** Jornal 2

22.11 Hotel à Beira-Mar

23.01 Folha de Sala

23.05 O Planeta Vivo

23.33 Black Power: Uma História de Resistência Britânica

1.04 E2 - Escola Superior de Comunicação Social **1.32** Excursões Air Lino **2.09** Cristina Nóbrega Canta Tributo a José Luís Tinoco **3.07** Rosas de Ermera **5.13** Raízes e Frutos

SIC

6.00 Edição da Manhã **8.15** Alô Portugal **9.40** Casa Feliz **12.59** Primeiro Jornal **14.35** Querida Filha **16.00** Linha Aberta

16.45 Júlia

18.50 Terra e Paixão

19.57 Jornal da Noite

21.55 A Promessa

22.40 Senhora do Mar

0.00 Papel Principal

0.15 Casados à Primeira Vista

0.30 Travessia **0.55** Passadeira Vermelha **2.05** Cartaz **2.55** Volante **3.15** Terra Brava

TVI

6.15 Diário da Manhã **9.55** Dois à 10 **12.58** TVI Jornal **14.00** TVI - Em Cima da Hora **14.30** A Sentença **15.20** A Herdeira **16.30** Goucha

17.45 Dilema

19.48 IVR - TVI Dá+

19.57 Jornal Nacional

21.15 Dilema

21.55 Cacau

22.40 Festa É Festa

23.55 Dilema **2.00** O Beijo do Escorpião **3.20** O Princípio da Incerteza

TVCINE TOP

18.05 Sniper: G.R.I.T. - Global Responde & Intelligence Team **19.35** Creed III **21.30** Barricada **23.00** Halloween: O Final **0.50** Traições (Con)Sentidas **2.25** O Dia Chegará

STAR MOVIES

17.59 A Múmia: O Túmulo do Imperador Dragão **19.43** Transporter: Potência Máxima **21.15** Projecto Gemini **23.13** O Reino **1.05** Skin Trade - Em Busca de Vingança **2.36** Triplo Nove

HOLLYWOOD

17.35 A Hora Mais Negra **19.05** Velocidade Furiosa: Hobbs & Shaw **21.30** Código de Família **23.10** Eraser **1.05** Passageiro 57 **2.35** Códigos de Guerra

AXN

16.15 S.W.A.T.: Força de Intervenção **17.50** The Rookie **21.04** Hudson & Rex **22.00** Viola Come il Mare **23.08** Maze Runner: Provas de Fogo

STAR CHANNEL

17.05 Investigação Criminal: Los Angeles **18.47** Magnum P.I. **20.24** Hawai Força Especial **22.15** FBI: International **23.04** Chicago P.D. **0.52** Magnum P.I.

DISNEY CHANNEL

17.15 A Maldição de Molly McGee **18.05** Vamos Lá, Hailey! **18.55** Monstros: Ao Trabalho! **19.15** Hamster & Gretel **20.00** Vamos Lá, Hailey!

DISCOVERY

16.15 Mestres do Restauro **19.06** Aventura à Flor da Pele XL **21.00** Caçadores de Fantasmas **22.54** Segredos das Catacumbas **0.48** Caçadores de Fantasmas

HISTÓRIA

16.55 Tesouros Malditos **20.09** O Inexplicável **22.15** Mistérios da História Militar **23.41** O Inexplicável

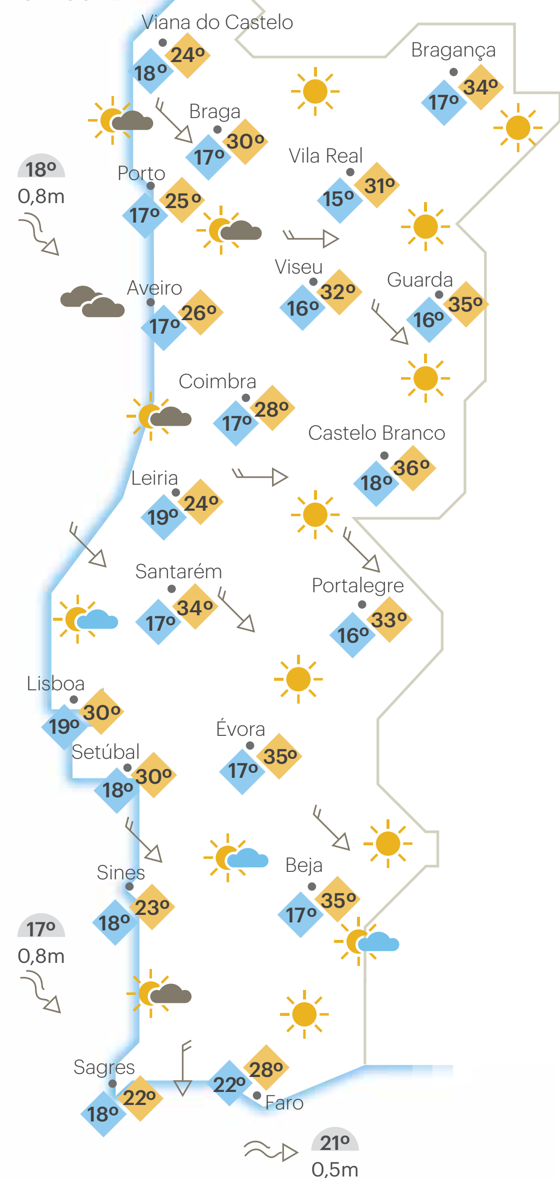
ODISSEIA

15.50 Atlântico Norte **18.24** Animais Bebés: Um Mundo Maravilhoso **19.09** Caçadores de Lagostas **20.40** Ilhas do Japão Desde o Ar **22.32** Portugal à Vista **23.08** Europa e Estados Unidos Desde o Ar **0.56** Portugal à Vista

P2 Verão

Meteorologia

PORTUGAL



Açores

Corvo
Flores 23º 26º
27º 1,0m
Graciosa
São Jorge 21º 26º
25º 1,0m
Terceira
Faial
Pico
24º 1,2m
São Miguel 20º 26º
Ponta Delgada
Sta Maria

Madeira

Porto Santo 21º 26º
Madeira 20º 26º
Funchal
25º 0,8m
24º 1,0m

MARÉS

Preia-mar · Baixa-mar · *de amanhã

Leixões	m	Cascais	m	Faro	m
Baixa-mar 06h26	1,3	06h05	1,4	05h56	1,3
Preia-mar 12h48	2,9	12h25	2,9	12h21	2,8
Baixa-mar 19h12	1,1	18h52	1,3	18h41	1,2
Preia-mar 01h24*	2,8	01h03*	2,8	00h58*	2,8

PRÓXIMOS DIAS LISBOA

	Quinta-feira, 1	Sexta-feira, 2	Sábado, 3
Mín.	18º	18º	18º
Máx.	28º	28º	29º
Índice UV	M. Alto	M. Alto	M. Alto
Vento	Moderado	Moderado	Moderado
Humidade	63%	59%	57%

MEDIDOR DE CO2

Mauna Loa, Havai

Partes por milhão (ppm) na atmosfera
Valores por semana

Semana de 21 Jul.	424,80
Há um ano	421,28
Há dez anos	398,97
Semana de 14 Jul.	425,95
Nível de segurança	350
Nível pré-industrial	280

QUALIDADE DO AR

Portugal

- Excelente
- Razoável
- Mau
- Não é saudável
- Nada saudável
- Perigoso

Porto · Coimbra · Lisboa · Évora · Faro

SOL

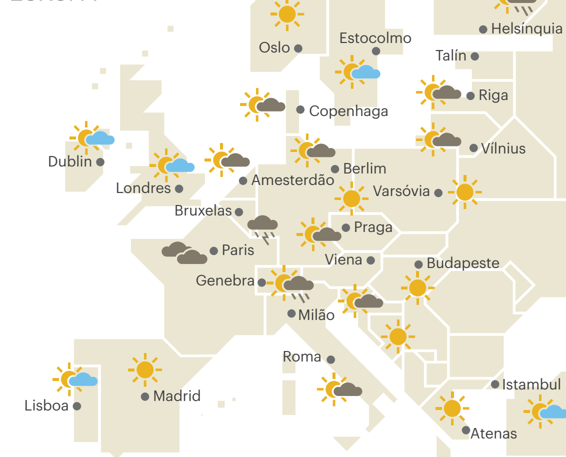
Nascente 06h37
Poente 20h48

LUA

04 Ago. 11h13
12 Ago. 15h19
19 Ago. 18h26
26 Ago. 11h28

Nascente 02h18
Poente 18h13

EUROPA



TEMPERATURAS ºC

	Mín.	Máx.		Mín.	Máx.
Amesterdão	16	26	Roma	21	36
Atenas	23	33	Viena	19	33
Berlim	16	29	Bissau	25	29
Bruxelas	18	28	Buenos Aires	14	17
Bucareste	17	33	Cairo	26	38
Budapeste	16	32	Caracas	20	30
Copenhaga	12	21	Cid. do Cabo	8	16
Dublin	14	20	Cid. do México	14	24
Estocolmo	14	22	Díli	22	32
Frankfurt	20	32	Hong Kong	26	31
Genebra	20	34	Jerusalém	22	33
Istambul	22	30	Los Angeles	16	29
Kiev	15	27	Luanda	19	25
Londres	18	28	Nova Deli	27	34
Madrid	22	37	Nova Iorque	23	30
Milão	24	34	Pequim	24	30
Moscovo	14	20	Praia	25	30
Oslo	12	25	Rio de Janeiro	18	24
Paris	21	31	Riga	13	24
Praga	18	32	Singapura	27	33

Fontes: AccuWeather; Instituto Hidrográfico; QualAR/Agência Portuguesa do Ambiente; NOAA-ESRL

Questionário Pós-Proustiano

NUNO FERREIRA SANTOS

Mário Rufino é escritor

Mário Rufino

Se passassem uma hora na minha cabeça, pediam ordem de restrição

Que rede social mais usa? Já desistiu de alguma, e porquê?
Facebook e Instagram. Desisti do Twitter. Tenho uma relação contraditória com as redes sociais. O lado negativo suplanta muitas vezes o lado positivo. Não é possível haver um debate de ideias numa rede social. Não há equilíbrio nem responsabilização. No entanto, pode haver divulgação e manutenção de contacto com alunos (no meu caso), amigos e familiares distantes. Há pouco tempo, uma senhora que não conheço contactou-me porque viu um *post* de um escritor a ler o meu livro. Esse escritor não tem redes sociais. Ela contactou-me a pedir para o avisar de que ele tinha perdido a carteira. Pu-los em contacto, e ele recebeu a carteira. Fiquei a pensar que, afinal, nem tudo é mau no Facebook.

Já se arrependeu de alguma coisa que escreveu numa rede social? O quê?
Dê uma rede social a uma pessoa emotiva e espontânea. Os problemas são certos. Já me lamentei, claro. Tenho por norma não vilipendiar ninguém nas redes sociais. Pelo contrário, tento louvar e agradecer o bem que me fazem. Se me arrepender de dizer bem porque, afinal, a pessoa não é assim tão santa, não prejudiquei ninguém. Se dissesse mal, poderia causar danos. Isso fica para dizer directamente a quem de direito.

Tem a noção de quantos ex-amigos tem? Cinco? Dez? Ou nunca se zangou com um amigo?
Acho que não tenho ex-amigos. Sinceramente, acho que não tenho. Sou muito criterioso com a palavra amigo/amiga. É preciso muito para chegar a esse ponto. Quando chegam, eu perdoo quase tudo e peço desculpa sempre que faço asneira (e faço muitas). Eu gosto muito dos meus amigos. Muito. Preferia ficar sem literatura do que sem eles ou elas. Se saem e não voltam, é porque não eram amigos; conhecíamo-nos, somente. Confesso que me custa quando isso acontece. A ligação entre pessoas é muito valiosa.

Qual é o elogio que menos gosta que lhe façam?
Bom, de bondade. Conheço-me demasiado bem para acreditar nisso. Tenho muito ou quase tudo para melhorar. Se passassem uma hora dentro da minha cabeça, pediam uma ordem de restrição.

Se pudesse viver no cenário de um romance literário, qual escolheria?
Isso seria medonho. Gosto de romances que espelham a complexidade do ser humano, por isso há sempre violência. Seja como for, gostava de conhecer Blimunda, Lillias Fraser, Alice, Anna Karénina, MacBeth...

Fora de Portugal, qual é o lugar onde se sente em casa? E porquê?
Na Europa, sinto-me em casa. Não tenho problemas de adaptação. Sinto-me em casa quando estou em Almería, Roma, Madrid, Sevilha, Newcastle. Em Praga, talvez um pouco menos. Não sei bem a razão. Há um ponto em comum, embora os méritos sejam diferentes de país para país: Tenho de gostar da comida. Para viver, teria de gostar da comida e viver perto do mar.

Qual o melhor conselho que lhe deram na vida?
O melhor conselho que recebi não foi dito. O melhor conselho foi exemplificado por uma senhora chamada Olívia. A minha avó ensinou-me o que é dar sem receber; o que é a bondade, mesmo quando tudo nos liberta de sermos bons. Ensinou-me que a bondade é um bem em si mesmo, e não uma transacção. Almejo a isso: ter capacidade para fazer o bem mesmo a quem me faz mal. Não é nada fácil. É um trabalho para uma vida inteira.

Em que situações se considera um "chato"?
Entre o acordar e o primeiro café, sou mais do que um chato, sou um *serial killer*. Acordo primeiro do que o meu filho para que ele chegue à idade adulta. Fora isso, tudo bem. Fico chato quando estou cansado ou muito stressado. O meu filho não concordará com isto. Para um adolescente, um pai é sempre chato.

Tem algum vício que gostaria de não ter? E um de que se orgulhe?
Os vícios querem-se privados, mas posso dar um ou outro. Não resisto a chocolate e a café, sou mal-educado porque gosto de ouvir as conversas/histórias das pessoas (principalmente nos transportes públicos). O futebol é um vício. Embora esteja melhor (obrigado, Frederico Varandas, Hugo Viana e Rúben Amorim), já disse mal da vida por sofrer tanto com o Sporting. Se pudesse, deixava de gostar de futebol.

Diga o nome de três portugueses vivos que admira (não vale a sua mãe nem o seu pai).
Não tenho ídolos. Admiro e estimo os meus amigos de infância e a minha família. Sigo-os quando precisam de mim. A esses não quero faltar, mesmo quando não concordo com eles. De resto, gosto do contraditório, de interrogar, de pôr e de me pôr em causa, de combater certezas absolutas, que são sintomas de fragilidade. Admiração, tenho pelo que a minha avó fez por quem a rodeava. Afinal, acabei por apontar uma pessoa.

Já teve algum ataque de ansiedade? Em que circunstâncias?
Não gosto de falar sobre isso, mas não me refugio porque é importante falar sobre o tema. A ansiedade é um problema. Gerível, felizmente, mas um problema. Mas pior do que a ansiedade é ter vergonha e/ou culpa por se sofrer de ansiedade, de depressão ou de outro distúrbio. Não há culpa nem vergonha. Há uma situação a ser ultrapassada. Falar para muita gente põe-me a ansiedade nos píncaros, por exemplo. Toda a recepção do livro (felizmente, tenho sido muito bem tratado) tem elevado a minha ansiedade a níveis sísmicos. Mas, mais uma vez, tem sido gerível. É desgastante, desconfortável, mas é importante não se ser vencido pelo medo.

E já se sentiu profundamente exausto? Foi *burnout*?
Não fujo à pergunta nem me defendo com humor, embora não goste de falar sobre isto. O assunto deve ser falado, sem medo, culpa ou vergonha. A resposta é "sim" e "sim". Tirei a licenciatura e trabalhei durante esses cinco anos. Sem férias. O custo foi elevado. A pressão laboral foi desmesurada, e eu não soube dizer "não". Ninguém, aos vinte e tal anos, deveria conhecer e ultrapassar os seus limites. Somos imortais com essa idade. O esgotamento cura-se; a vergonha e a culpa demoram mais tempo a desaparecer. É essencial manter a cabeça de fora, dar voz à experiência e de não olhar para o chão.

Se lhe pedissem conselhos para uma relação amorosa feliz, o que é que dizia?
Dizia que estariam a pedir conselhos a uma pessoa cuja vida amorosa está em coma.

É vegetariano, *vegan*, faz alguma dieta especial? Porquê?
Não, credo. Aprendi a comer com uma nutricionista muito bonita. Andei sempre muito motivado. Agora é manter o equilíbrio para ser só ligeiramente anafado e muito feliz.

BARTOON LUÍS AFONSO

E se não voltássemos a votar?

Não é o fim do mundo

Pedro Adão e Silva

Votem em mim e não terão de voltar a votar. A afirmação tem uma história longa e foi agora repetida por Donald Trump. Poderia parecer um dislate de campanha, uma frase dita no calor de um comício por um afamado charlatão, mas não é assim. Não só o apelo social da democracia liberal está crescentemente sobrevalorizado nas sociedades liberais, como há um caminho eleitoral que pode ser feito com a recusa da própria democracia. E não se pense nem que esse potencial está circunscrito aos Estados Unidos da América, nem que deve preocupar apenas os democratas em países com fracas credenciais liberais, como se vê, uma vez mais, na fustigada Venezuela. Já lá vamos a Portugal.

O que disse exatamente Trump há dias na Florida? "Daqui a quatro anos, não terão de votar novamente. Vamos ter tudo tão bem resolvido que não vão ter de votar." O apelo dúbio, dirigido com candura paternalista ao eleitorado evangélico, que Trump declarou "adorar", foi repetido várias vezes, culminando num ternurento "Cristãos, saiam e votem, só desta vez. (...) Não vão ter de votar mais, meus lindos cristãos".

Há, tradicionalmente, uma categorização que é feita da nova direita populista como assentando numa conjugação de características da direita clássica, a aquiescência de uma sociedade assente numa ordem natural com vários tipos de desigualdade, com uma novidade relativa: a recusa de valores centrais da democracia liberal, entre estes as próprias regras do jogo democrático – da organização das eleições à aceitação dos resultados, passando pelo respeito pela Lei. Trump é um farol deste movimento, original, há que convir, mas não distinto de muitos outros exemplos. Não nos deixemos iludir: vivemos um período em que há uma ameaça estrutural às democracias, a normalização da direita radical.

Se, é certo, sempre houve direita antidemocrática, a novidade relativa está, nuns casos, no efeito de contaminação junto da direita clássica e, noutros, no extraordinário crescimento eleitoral deste campo em países com uma tradição de eleições justas e livres. Um crescimento eleitoral que naturalmente não surge no vazio. Quando Trump não hesita em elogiar líderes fortes e autoritários (como faz de forma desavergonhada com Putin ou Xi Jinping), fá-lo com a consciência de que há mesmo um apelo eleitoral nas autocracias.

NUNO FERREIRA SANTOS

> **Vivemos um período em que há uma ameaça estrutural às democracias, a normalização da direita radical**

Recupero os resultados da resposta a uma questão colocada amiúde em estudos de opinião: "Era preferível que tivéssemos um líder forte que não tivesse de se preocupar com o Parlamento nem com eleições." Não só os níveis de concordância com esta afirmação são hoje muito elevados, como são comparativamente superiores entre os mais jovens e, ao contrário do que acontecia no passado, tipicamente tendem a não se alterar ao longo do ciclo de vida. Nos EUA, em diversos estudos, cerca de um quarto da população concorda com a afirmação, mas, em Portugal, de acordo com um estudo recente do Iscte-ICS, sobre os portugueses e o 25 de Abril, os valores são superiores – 34% concordavam com a asserção, enquanto 43% discordavam.

Talvez assim se compreenda porque é que, no processo de normalização da direita radical, compensa evocar a autoridade dos líderes fortes e escarnecer das regras do jogo democrático. Não se admirem, por isso, quando, também entre nós, nos for prometido que, se votarmos da próxima vez, não teremos de ser sujeitos ao incómodo de votar de novo. Um discurso que, estando longe de ser suficiente para vencer eleições, terá muito mais votos do que muitas das vezes queremos acreditar. Será uma questão de tempo. De muito pouco tempo.

Colunista